

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA

THALIA ESTER DE CANDIDO GIRARDI

**TRIBOS DE FANDOM: O COMPORTAMENTO TRIBAL NAS FANFICTIONS DE
O HOBBIT**

CAXIAS DO SUL

2022

THALIA ESTER DE CANDIDO GIRARDI

**TRIBOS DE FANDOM: O COMPORTAMENTO TRIBAL NAS FANFICTIONS DE
O HOBBIT**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras e Cultura, pela Universidade de Caxias do Sul. Área de Concentração: Estudos de Linguagem, Literatura e Cultura. Linha de pesquisa: Literatura e Processos Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Ceccagno

CAXIAS DO SUL

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

G521t Girardi, Thalia Ester de Candido

Tribos de Fandom [recurso eletrônico] : o comportamento tribal nas fanfictions de O Hobbit / Thalia Ester de Candido Girardi. – 2022.
Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2022.

Orientação: Douglas Ceccagno.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Fan fiction. 2. Hobbits (Personagens fictícios). 3. Personagens fictícios. I. Ceccagno, Douglas, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 82-312.9

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

TRIBOS DE FANDOM: O COMPORTAMENTO TRIBAL NAS FANFICTIONS DE O HOBBIT

Thalia Ester de Candido Girardi

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura, Área de Concentração: Estudos de Linguagem, Literatura e Cultura. Linha de Pesquisa: Literatura e Processos Culturais

Caxias do Sul, 19 de outubro de 2022

Banca Examinadora:

Dr. Douglas Ceccagno
Orientador
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Ana Cláudia Munari Domingos
Universidade de Santa Cruz do Sul

Dra. Cristina Löff Knapp
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Márcio Miranda Alves
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me dá forças e me leva a lugares altos.

Agradeço à CAPES, pelo apoio total ao meu projeto, sem o qual eu não poderia concluí-lo.

Agradeço aos meus pais, Francisco e Neusa, por toda a força e pela estrutura dada, necessária para que eu chegasse onde cheguei.

Agradeço à minha irmã, TÁCILA, pelas horas doadas ouvindo falar sobre o meu trabalho e todo o suporte emocional durante esses anos de estudo.

Agradeço aos meus amigos, os quais quase não me viram durante os últimos meses de trabalho na dissertação: obrigada pela compreensão e por continuarem comigo.

E agradeço também aos meus professores e superiores, que dedicaram seu tempo a mim e me deram a oportunidade de aprender com eles, principalmente ao Professor Doutor Douglas Ceccagno, meu orientador, cuja paciência, compreensão e dedicação foram sem limites durante esses anos de trabalho juntos.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo geral analisar o modo como ocorre o comportamento tribal nas *fanfictions* de *O Hobbit*, com base no conceito de tribos de Michel Maffesoli. Para isso, ela analisa o comportamento dos membros de *fandoms* expressos dentro das *fanfictions* de *O Hobbit* de acordo com os seguintes objetivos específicos: 1. Examinar o conceito e origem das *fanfictions*; 2. Discutir o comportamento comunitário dos *fandoms* usando o conceito de tribo, de Maffesoli; 3. Investigar o modo como é representado o gênero nas *fanfictions* de *O Hobbit*; 4. Analisar a forma como as relações sociais e de identidade são representadas nas *fanfictions* de *O Hobbit*; 5. Averiguar as relações afetivas dentro das mesmas; e 6. Esquadrinhar a inspiração mútua entre membros de *fandoms* para o feitiço de suas obras. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica relacionada às Tribos Urbanas e à Pós-modernidade, como conceituadas por Michel Maffesoli, e também a análise de *fanfictions* selecionadas do *fandom* de *O Hobbit*. Vemos mais sobre a adaptação do livro para os filmes. Esta pesquisa visa a contribuir para o entendimento sobre como os membros de *fandoms* se expressam através de seus trabalhos, com foco especial nas *fanfictions*. O trabalho pretende contribuir também para os estudos sobre Tribos Urbanas em língua portuguesa. Exploramos o *fandom* e as *fanfictions* como lugares privilegiados de expressão pessoal dos leitores, e onde é possível aos leitores reconstruírem as narrativas originais a seu próprio modo. Entendemos que *fandoms* agem como tribos. Um dos comportamentos mais característicos dessas tribos é a necessidade de aprovação e agrado entre seus membros. Vários dados interessantes puderam ser coletados, e, dentre os mais relevantes, destacava-se o quanto a comunicação entre membros estava envolvida na criação destas obras. Várias delas foram inspiradas ou inspiraram obras novas. Concluímos que, apesar de que obras inspiradas em obras já existentes possam ser feitas individualmente, o fazer das *fanfictions* é, na verdade, coletivo.

Palavras-chave: *Fanfiction*; *fandom*; tribos urbanas.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to analyze how tribal behavior occurs in *The Hobbit* fanfictions, based on Michel Maffesoli's concept of tribes. For this, it analyzes the behavior of fandom members expressed within The Hobbit fanfictions following the following specific objectives: 1. Examine the concept and origin of fanfictions; 2. Discuss the community behavior of fandoms using Maffesoli's concept of tribe; 3. Analyze the way the genre is represented in The Hobbit fanfictions; 4. Analyze the way in which social and identity relations are represented in The Hobbit fanfictions; 5. Find out the affective relationships within them; and 6. Scrutinize the mutual inspiration between fandom members for the making of their works. The methodology used is bibliographic research related to Urban Tribes and Post-modernity, as conceptualized by Michel Maffesoli, and also the analysis of selected fanfictions from *The Hobbit* fandom. We see more about the adaptation of the book. This research aims to contribute to the understanding of how fandom members express themselves through their work, with a special focus on fanfictions. The work also intends to contribute to the studies on Urban Tribes in Portuguese. We explore fandom and fanfictions as privileged places for readers to express themselves, and where readers can reconstruct the original narratives in their own way. We understand that fandoms act like tribes. One of the most characteristic behaviors of these tribes is the need for approval and acceptance among their members. Several interesting data was collected, and among the most relevant ones was the extent to which communication between members was involved in the creation of these works. Several of them were inspired or inspired new works. We conclude that, although works inspired by existing works can be done individually, the making of fanfictions is, in fact, collective.

Keywords: fanfiction; fandom; urban tribes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 PERCURSO DO HOBBIT: DO LIVRO À FANFICTION.....	17
3 A FANFICTION E AS TRIBOS.....	35
3.1 FANFICTION: DEFINIÇÃO E ORIGEM.....	36
3.2 AS TRIBOS E O COMPORTAMENTO COMUNITÁRIO DENTRO DOS FANDOMS.....	44
4 ANÁLISE DAS FANFICTIONS DE O HOBBIT.....	56
4.1 O GÊNERO NAS FANFICTIONS.....	57
4.2 RELAÇÕES AFETIVAS.....	73
4.3 RELAÇÕES SOCIAIS.....	78
4.4 INFLUÊNCIAS MÚTUAS.....	84
5 CONCLUSÃO.....	91
REFERÊNCIAS.....	93
ANEXOS.....	102

1 INTRODUÇÃO

Fanfictions são obras de ficção feitas por fãs cujo público-alvo é a sua própria comunidade. Nelas são utilizados personagens e mundos, originalmente de outras obras, para a criação de histórias originais. Kanashiro e Sovernigo as definem como “narrativas elaboradas por fãs de personagens de séries, filmes, histórias em quadrinhos [...] etc., que interagem entre si, recriando uma narrativa, com a possibilidade de alterar enredo, tempo, espaços e personagens.”(KANASHIRO e SOVERNIGO, 2020, p. 6) Essa definição, por ser bem simples, abre muito espaço para interpretação.

Ao considerarmos *fanfiction* qualquer história que não utilize personagens próprios, clássicos como *Paraíso Perdido* (1667) e *Divina Comédia* (1304) poderiam ser entendidas como *fanfictions* da própria *Bíblia*, por exemplo. Se levarmos em consideração que só se pode utilizar material com autoria depois desse algo ter um dono legal, então as fanfictions surgiram com as leis de *Copyright* em 1710 (e com autores como Daniel Defoe reclamando do fato de suas histórias e ideias serem roubadas por autores amadores). A história de origem mais aceita, porém, é aquela que nos remete às histórias derivadas de obras de ficção científica pelos fãs dos anos 1970.

Fanfictions são um fenômeno em ascensão, que estão cada vez mais presentes na nossa cultura. Vários filmes lançados nos últimos anos foram baseados no que eram originalmente *fanfictions*, como a série de filmes *Cinquenta Tons de Cinza* (2015-2018), derivada da série de livros *Crepúsculo* (2005-2008), e *After* (2019-ainda em produção), inspirada no antigo membro da banda One Direction, Harry Styles. Vários termos específicos dessa área ganharam notoriedade recentemente, passando a ser usados no dia a dia das pessoas, como o verbo *shippar*, por exemplo, termo originado da palavra inglesa *relationship*, que significa relação, popularmente usado para expor apoio ao relacionamento romântico entre duas ou mais pessoas.

Apesar do crescimento notório de pesquisas nos últimos anos relacionadas a *fandoms*, comunidades de fãs que utilizam suas paixões para criarem vínculos entre si, ainda são escassos os trabalhos abordando estes grupos como tribos, principalmente se tratando de estudos feitos em língua portuguesa.

Segundo Oliveira, Camilo e Assunção (2003), Maffesoli define tribos urbanas como:

Agrupamentos semi-estruturados, constituídos predominantemente de pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos da cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço-tempo. [...] As tribos são comunidades empáticas, organizadas em torno do compartilhamento de gostos e formas de lazer. (OLIVEIRA; CAMILO; ASSUNÇÃO, 2003)

Trabalharemos de forma a respondermos a seguinte questão: como é representado o comportamento tribal nas *fanfictions* de *O Hobbit*?

Esta dissertação tem como objetivo geral analisar o modo como ocorre o comportamento tribal nas *fanfictions* de *O Hobbit*, com base no conceito de tribos de Michel Maffesoli.

Para isso, analisamos o comportamento dos membros de *fandoms* expressos dentro das *fanfictions* de *O Hobbit* seguindo os seguintes objetivos específicos: 1. Examinar o conceito e origem das *fanfictions*; 2. Discutir o comportamento comunitário dos *fandoms* usando o conceito de tribo, de Maffesoli; 3. Investigar o modo como é representado o gênero nas *fanfictions* de *O Hobbit*; 4. Analisar a forma como as relações sociais e de identidade são representadas nas *fanfictions* de *O Hobbit*; 5. Averiguar as relações afetivas dentro das mesmas; e 6. Esquadrinhar a inspiração mútua entre membros de *fandoms* para o feitiço de suas obras.

A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica relacionada às Tribos Urbanas e à Pós-modernidade, como conceituadas por Michel Maffesoli, e também a análise de *fanfictions* selecionadas do *fandom* de *O Hobbit*. Analisamos também a recepção crítica da obra, tratada em *J.R.R. Tolkien's The Hobbit* (2011), de Harold Bloom. Vemos mais sobre a adaptação do livro para os filmes de Peter Jackson, como trabalhada, por exemplo, pelo livro *Fans, Blockbusterisation, and the Transformation of Cinematic Desire: Global Receptions of the Hobbit Film Trilogy* (2017), de Carolyn Michelle, Charles H. Davis, Ann L. Hardy e Craig Hight. Em seguida, analisamos dez trabalhos completos de até 30.000 palavras, selecionados pela sua popularidade dentro dos *fandoms*, que serão selecionados pelo número de *kudos* (que funcionam como os *likes* do Youtube e do Facebook) recebidos.

O trabalho tem vínculo com projeto “Literatura, Cultura e Imaginário”, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul e coordenado pelo Prof. Dr. Douglas Ceccagno, que teve início no ano de 2019, cuja pesquisa procura saber mais sobre os elementos da imaginação e sua expressão, através da mitocríticas e da mitanálise.

Além da escrita de *fanfictions*, os membros de *fandoms* participam de outras

atividades, como a criação de *fanarts* (obras artísticas, normalmente desenhos, inspiradas no objeto de admiração dos artistas), o feitiço e uso de *cosplays* (fantasias de seus personagens favoritos) e as metadiscussões (onde detalhes e pontos da obra admirada são discutidos, revistos e analisados minuciosamente).

Os membros mais jovens de fandoms costumam utilizar a internet para se comunicar entre si. Existe uma crença atualmente de que as gerações mais novas perderam a capacidade de se relacionar socialmente, ou tiveram essa capacidade drasticamente diminuída¹. Essa crença ganha força, principalmente em meio a pais e responsáveis, acostumados a ver seus filhos utilizando aparelhos eletrônicos indiscriminadamente. Enquanto o problema de vício e dependência desses aparelhos deve sim ser levado em consideração, há mais na comunicação online do que o que se pode ver em um primeiro momento.

Os espaços online têm se mostrado ideais para o crescimento e manutenção dos fandoms. Ao produzir seus conteúdos artísticos, feitos com base no interesse compartilhado, os membros já visualizam formas de os dividirem com os demais. O que antes atingia somente os que conseguiam pôr as mãos nas formas físicas das antigas *fanzines* (as revistas feitas por fãs), hoje pode chegar a milhares de pessoas em um só clique.

É por meio de redes sociais e sites específicos que o material encontra os demais membros dos *fandoms*. Ao produzir seu conteúdo, os fãs já têm em mente seu objetivo, que, além de os ajudar a expressar suas emoções e ideias sobre seu objeto de admiração, é focado também no compartilhamento dessas ideias com os demais.

O *feedback* sobre o conteúdo feito é de extrema importância, sendo o que costuma incentivá-los a continuar criando. Mesmo estando em frente aos seus aparelhos eletrônicos, há um grande desejo de comunicação e interação. Maffesoli (1988, p. 11, tradução nossa)² revela que “podemos dizer que nós estamos testemunhando a tendência do ‘social’ racionalizado ser substituído por uma ‘sociabilidade’ empática, que é expressada por uma sucessão de ambientes,

¹ Como podemos ver no artigo “Teens aren't socializing in the real world. And that's making them super lonely” [Adolescentes não estão se socializando no mundo real. E isso está fazendo eles super solitários], do jornal *USAToday*. Discordamos dos pontos levantados na reportagem, em prol da visão de Maffesoli. Disponível em: <https://www.usatoday.com/story/news/health/2019/03/20/teen-loneliness-social-media-cell-phones-sui-cide-isolation-gaming-cigna/3208845002/>. Acesso em 04 maio 2021.

² Da versão inglesa: “we can say that we are witnessing the tendency for a rationalized 'social' to be replaced by an empathetic 'sociality', which is expressed by a succession of ambiances, feelings and emotions.”

sentimentos e emoções.”

Grande parte dos membros envolvidos produtivamente nessas atividades, como na escrita de fanfictions, é feminina (e muitas vezes, jovem), e existe um determinado preconceito com essa parcela da comunidade.

Esse fato não é nem um pouco novo. Logo no início da história das *fanfictions*, as mulheres já exerciam predominância nessa área. Segundo Coppa (2014), em 1970, 83% dos escritores de *fanfictions* dentro do fandom de *Star Trek* eram mulheres. Dois anos depois, em 1972, esse número subiu para 90%. Tudo nos leva a crer que ainda há uma grande prevalência do gênero feminino na escrita de *fanfictions* atualmente. O blog Fan Fiction Statistics - FFN Research realizou uma pesquisa em 2011 que apontou que, dos autores usuários do site fanfiction.net que revelaram seu gênero em seus perfis, 78% deles se identificavam como mulheres. (SENDLOR, 2011)³

Apesar dessa predominância feminina na escrita de *fanfictions*, é possível notar que a maior parte das personagens representadas nessas obras costuma ser de personagens masculinas. Das dez personagens mais citadas nas *fanfictions* de *O Senhor dos Anéis* (1954), por exemplo, nenhuma delas é do gênero feminino. O que nos deixa com uma questão: por que isso ocorre? Esta dissertação pretende estender os estudos a respeito desse fenômeno.

Trabalharemos com as *fanfictions* de *O Hobbit* (1937), de J. R. R. Tolkien, por uma série de motivos. Começaremos citando o fato de as histórias de Tolkien serem muito populares, principalmente depois da adaptação da série de livros *O Senhor dos Anéis* (1954-1955) para filmes (*O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel* (2001), *O Senhor dos Anéis: As Duas Torres* (2002); e *O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei* (2003)).

O Hobbit ganhou sua adaptação para os cinemas em três filmes: *O Hobbit: Uma Jornada Inesperada* (2012); *O Hobbit: A Desolação de Smaug* (2013) e *O Hobbit: A Batalha dos Cinco Exércitos* (2014), e, como uma típica adaptação de livro em filmes, teve vários dos seus elementos originais modificados, para o desgosto de alguns dos fãs mais conservadores:

[...] uma vez que a trilogia realmente encontrou o seu caminho nas telas do

³ Devemos levar em consideração que sites como o Fanfiction.net não encorajam a publicação de dados pessoais. Dos perfis levados em consideração no estudo, somente 10% deles continham a informação sobre o gênero dos usuários. Essa pesquisa está disponível em: <http://ffnresearch.blogspot.com/2011/03/fan-fiction-demographics-in-2010-age.html>. Acesso em 12 jun 2021

cinema, muitos - especialmente aqueles que eram fãs do livro em que foi baseado - ficaram desapontados com as lacunas ocasionais na lógica, variando de acrobacias extremamente improváveis a decisões estúpidas tomadas pelas personagens. (BULTEN, 2020, tradução nossa)⁴

Alguns fãs, inclusive, acusam o diretor, dizendo que Peter Jackson “pegou emprestado partes das histórias/personagens de Tolkien e então colonizou o mundo fabuloso que Tolkien construiu com personagens supérfluos, tramas tangentes e ajustes para criar suas próprias (e inferiores) histórias” (15BEATS, 2015, tradução nossa)⁵.

Várias dessas polêmicas mudanças, porém, podem ser explicadas facilmente ao pensarmos no quanto a sociedade mudou nos 75 anos que separam o lançamento do livro (em 1937) até o lançamento do primeiro filme (em 2012). Muitas atitudes consideradas repreensivas hoje em dia eram vistas de forma corriqueira no passado, assim como muitas coisas repreensíveis no passado se tornaram corriqueiras aos olhos modernos.

Uma das mudanças mais significativas do livro original ao filme foi a criação de novos personagens, em especial a elfa Tauriel, interpretada por Evangeline Lilly. Conforme a atriz, a sociedade que aceitou a história escrita por Tolkien nos anos 30 não aceitaria, hoje em dia, uma série de filmes sem personagens femininas com algum papel significativo:

Colocar nas salas nove horas de entretenimento sem ter um personagem feminino, significaria dizer às meninas que veriam filmes que não as representam, que elas não são importantes e não podem ter um papel central na história. (LILLY, 2013 apud PRESSE, 2013)

Essa demanda fez com que Galadriel, personagem de Tolkien, fosse inserida em uma obra em que ela, originalmente, não estava presente, e com que outras personagens tivessem que ser criadas especialmente para os filmes (como foi o caso de Tauriel).

Peter Jackson já estava ciente das críticas, mas defende sua escolha em uma

⁴ Do original: “However, once the trilogy actually found its way onto movie theater screens, many - especially those who were fans of the book which it was based on - found themselves disappointed by the occasional gaps in logic, ranging from hugely improbable stunts to stupid decisions made by the characters.” Disponível em: <https://screenrant.com/hilarious-hobbit-logic-memes/>. Acesso em: 20 abr. 2021

⁵ Do original: “borrowed bits of Tolkien's stories/characters and then colonized the fabulous world Tolkien built with superfluous characters, plot tangents, and tweaks to create his own (inferior) stories.” Disponível em: https://www.theguardian.com/film/filmblog/2015/jan/21/week-in-geek-tolkieneditor-the-hobbit-edited-ve rsion-peter-jackson?CMP=fb_gu. Acesso em: 20 abr. 2021

entrevista dada ao Daily Beast, na qual afirma que:

Sim, tem uma reação negativa dos fãs de Tolkien, mas então você tem uma menina de nove anos de idade que vai assistir ao filme e ela está encantada que há uma personagem com a qual ela pode se relacionar. (JACKSON, 2017 apud SUSKIND, 2017, nossa tradução)⁶

Novamente alguns fãs mais conservadores, apegados ao material original, não receberam bem essa mudança, fazendo com que um dos pontos mais questionados da adaptação, e a personagem mais mal-recebida fosse Tauriel.

Um argumento muito utilizado é a tomada de um tempo na narrativa que poderia ser utilizado para personagens presentes no livro. Biaus (2016) opina: “Eu não a odiaria se eles não tivessem apagado a importância de Fili do filme e a colocado no lugar”⁷. Juriszy (2014), em uma discussão sobre a personagem, reclama: “Todo aquele tempo de tela poderia ter sido gasto em: - A viagem curta demais pela floresta - A apresentação de Beorn, que é muito adorável no livro”.⁸

Outra característica criticada foi o relacionamento romântico entre Tauriel e Kili, um personagem anão canônico. Antes de continuarmos, é importante definirmos cânone. Duarte (2009) revela que “O termo deriva da palavra grega “kanon” que designava uma espécie de vara com funções de instrumento de medida; mais tarde o seu significado evoluiu para o de padrão ou modelo a aplicar como norma”. No contexto de *fandom*, o site Fanlore define Canon [cânone] como: “Cânone (no contexto de fandom) é uma fonte, ou fontes, consideradas autoridade pela comunidade de fãs. Em outras palavras, cânone é o que os fãs concordam que ‘realmente’ aconteceu em um filme, programa de televisão, romance, história em quadrinhos ou turnê. Fontes específicas consideradas canônicas podem variar mesmo dentro de um fandom específico”⁹.

⁶ Do original: “Yeah, there’s negative reaction from Tolkien fans, but then you have a nine-year-old girl who goes to the movie and she’s delighted that there’s a character she can relate to.”. Disponível em: <https://www.thedailybeast.com/no-regrets-peter-jackson-says-goodbye-to-middle-earth>. Acesso em: 20 abr. 2021.

⁷ Do original: “I wouldn’t hate her if they wouldn’t have erased Fili’s importance from the movie and put her instead”. Disponível em: https://m.facebook.com/themiddleearthfanpage/photos/a.169945896432953/1182670061827193/?type=3&locale2=hi_IN. Acesso em: 20 abr. 2021.

⁸ Do original: “All that screentime could have gone into: -The far to short travel through the forest -The introduction of Beorn which is really lovely in the book”. Disponível em: https://www.reddit.com/r/TheHobbit/comments/1szz6/taurieloh_god_why/. Acesso em: 20 abr. 2021.

⁹ Do original: “Canon (in the context of fandom) is a source, or sources, considered authoritative by the fannish community. In other words, canon is what fans agree ‘actually’ happened in a film, television show, novel, comic book, or concert tour. Specific sources considered canon may vary even within a specific fandom.” Links disponíveis em: <https://edtl.fcs.unl.pt/encyclopedia/canone> e <https://fanlore.org/wiki/Canon>, respectivamente. Acesso em: 05 set 2022.

O relacionamento citado anteriormente incomoda por três principais motivos: o fato de personagens femininas costumarem ter um envolvimento amoroso sempre intrínseco às suas narrativas (e desnecessariamente, muitos diriam¹⁰); o fato de um triângulo amoroso ter sido deixado implícito (entre Legolas, Tauriel e Kili. Lembrando que Legolas é um dos personagens mais icônicos de Tolkien, apesar de não estar originalmente em *O Hobbit*), o que era visto, principalmente nessa época pós filmes *Crepúsculo* (2008-2012), como um clichê de mau gosto¹¹; e pelo fato de relacionamentos interespecie serem bem raros nas obras de Tolkien, nunca havendo nenhum casal canônico entre um elfo e um anão (pois todos os casais interespecie conhecidos foram relacionamentos elfo/humano, como Lúthien/Beren, e Arwen/Aragorn)¹².

¹⁰ “Para aqueles que não sabem, Tauriel não existe nos livros do Tolkien. Ela foi uma personagem sem sentido, criada exclusivamente para apelar para as mulheres, sem uma grama de boa escrita para apoiá-la. Em suma, ela foi um clássico exemplo do temido tropo da Personagem Feminina Forte. O tropo da Personagem Feminina Forte é quando - em uma tentativa de apelar a uma audiência feminina - os escritores criam uma personagem feminina bidimensional que chuta muitos traseiros, tem um romance digno de vergonha, e existe puramente para preencher uma cota.” (ASH, 2020)

Do original: “For those who don’t know, Tauriel does not exist in the Tolkien books. She was a pointless character, created solely to appeal to women, without an ounce of good writing to back her. In short, she was a classic example of the dreaded Strong Female Character trope. The Strong Female Character trope is when – in an attempt to appeal to a female audience – writers create a two-dimensional female character who kicks a lot of butt, has a cringe-worthy romance, and exists purely to fill a quota.” Disponível em: <https://reelrundown.com/movies/The-Hobbit-2017-The-Problem-with-Tauriel>. Acesso em 20 abr. 2021.

¹¹ “Simplificando, triângulos amorosos já estão saturados. Como eu mencionei anteriormente, meu exemplo de um típico cenário de triângulo amoroso traz à mente dezenas de filmes modernos, séries de televisão e livros. Quando você quebra um triângulo amoroso em seu âmago - um personagem que tem dois possíveis interesses amorosos - o número de histórias que se encaixam é inegavelmente impressionante, mas não no bom sentido.” (BRAND, 2020)

Do original “Simply put, love triangles are overdone. Like I mentioned earlier, my example of a typical love triangle scenario calls to mind dozens of modern-day movies, TV shows and books. When you break a love triangle down to its core — one character who has two possible love interests — the number of stories that fit is undeniably impressive, just not in a good way.” Disponível em: <https://studybreaks.com/thoughts/love-triangle-trope-2/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

“Mas já cansei do clichê porque: está em praticamente todos os romances. Sim, histórias de amor tem mais clichês do que de livros de aventura, ação, fantasia, mas nem todos os clichês de romance são ruins. [...] Contudo, depois de *Crepúsculo*, *Instrumentos Mortais* e muitos outros livros, não aguento mais triângulos amorosos. Na maioria das vezes eles soam forçados ou a parte que está dividida entre duas pessoas soa indecisa ou simplesmente carente. Triângulos amorosos são um saco e muito previsíveis...” (FERREIRA, 2016). Disponível em: <https://www.mademoisellelovesbooks.com/2016/07/7-cliches-de-livros-que-estou-cansada-de-ler.html>. Acesso em: 20 abr. 2021.

¹² “Só isso já é suficiente para catapultar um fã de Tolkien digno para fora da história. Eu tenho certeza de que Jackson pensa que está fornecendo algum tipo de comentário social significativo, mas não faz sentido neste universo. Elfos e anões geralmente não se suportam, em parte devido a uma longa e complicada história; mas, além disso, sentimentos românticos como os sugeridos no filme são fundamentalmente contrários às naturezas das duas raças.” (NYSETVOLD, 2014)

Do original: “This alone is enough to catapult a worthy Tolkien fan out of the story. I’m sure Jackson thinks he is providing some sort of meaningful social commentary, but it does not make sense in this universe. Elves and Dwarves generally cannot stand each other, due in part to a long and complicated

Seria possível imaginar que, entre as atividades de fãs mais comuns entre mulheres (como a escrita de *fanfictions*), Tauriel teria uma maior aceitação, mas isso acabou não acontecendo. Há 34.934¹³ trabalhos postados na tag principal de *O Hobbit* no site Archive of Our Own até o momento. Dos dez principais relacionamentos retratados nessas *fanfictions*, somente dois deles envolvem mulheres (um deles sendo Tauriel/Kili e o outro sendo Thorin Escudo de Carvalho/ Personagem feminina original, ou seja, criada pelo próprio autor da *fanfiction*)¹⁴. Falaremos mais sobre a recepção de Tauriel no fandom.

Mesmo Tauriel/Kili sendo uma das *ships* mais populares da obra, ela perde muito em comparação com a *ship* mais popular, Bilbo Bolseiro/Thorin Escudo de Carvalho (2.256 obras e 10.432 obras, respectivamente). Até mesmo as obras contendo um romance incestuoso entre os irmãos Kili e Fili têm mais números publicados do que a sua contrapartida com Tauriel (2.903 obras). Das mais de 30 mil *fanfictions* postadas, somente 4.035 delas têm Tauriel como uma das personagens principais presentes¹⁵.

Levando todos esses pontos em consideração, esse trabalho também pretende entender como os autores das *fanfictions* representam o gênero dentro de suas obras, assim como as relações afetivas entre as personagens, as relações sociais e de identidade dentro do mundo de Tolkien retratado nas *fanfictions* de *O Hobbit* e as influências mútuas que os escritores e membros de *fandom* exercem uns sobre os outros.

No capítulo “Percurso do Hobbit: do livro à *fanfiction*”, abordamos o movimento do livro escrito por Tolkien até as *fanfictions* atuais. Fazemos isso comentando as adaptações feitas ao longo dos anos e suas peculiaridades, e refletindo como as *fanfictions* reproduziram e se inspiraram nessas diversas fontes.

O capítulo “A *fanfiction* e as tribos” é dividido em dois tempos. No primeiro

history; but beyond that, romantic feelings such as those hinted at in the movie are fundamentally contrary to the two races' natures.”
Disponível em: <https://elissacnysetvold.com/2014/07/15/the-hobbit-why-tauriel-doesnt-belong-in-middle-earth-part-2-o-f-3/>. Acesso em: 20 abr. 2021

¹³ Todos os números relacionados às obras publicadas no site Archive of Our Own são obtidos por meio do uso das ferramentas de busca contidas no próprio site.

¹⁴ ARCHIVE OF OUR OWN. Disponível em: <<https://archiveofourown.org/tags/The%20Hobbit%20-%20All%20Media%20Types/works>>. Acesso em: 6 abr. 2021.

¹⁵ ARCHIVE OF OUR OWN. Disponível em: [https://archiveofourown.org/tags/Tauriel%20\(Hobbit%20Movies\)/works](https://archiveofourown.org/tags/Tauriel%20(Hobbit%20Movies)/works). Acesso em 6 abr. 2021

momento, “Fanfiction: definição e origem”, abordamos de forma mais completa a definição de *fanfiction* e fazemos uma exposição da sua origem e história até o momento atual. Na segunda parte, “As tribos e o comportamento comunitário dentro dos fandoms”, focamos nossa análise no comportamento grupal exibido pelas comunidades que fazem uso das *fanfictions*, os *fandoms*, relacionando o proceder dessas comunidades com o conceito de tribos urbanas, criado por Michel Maffesoli.

O último capítulo, “Análise das fanfictions de *O Hobbit*”, é dividido em quatro subcapítulos. No primeiro, “O Gênero”, fazemos uma análise detalhada das visões de gênero encontradas nas *fanfictions* mais populares de *O Hobbit*; no segundo, “Relações Sociais e de Identidade”, exploramos as visões de sociedade e de organização presentes nas obras analisadas; no terceiro, “Relações afetivas”, examinamos a representação da sexualidade, amizade e família dentro das *fanfictions* escolhidas; no quarto e último subcapítulo, “Influências Mútuas”, investigamos as influências que os membros de um mesmo *fandom* exercem uns sobre os outros.

Essa pesquisa visa a contribuir para o entendimento sobre como os membros de *fandoms* se expressam através das *fanfictions*. O trabalho pretende contribuir também para os estudos sobre Tribos Urbanas em língua portuguesa. Exploramos o *fandom* e as *fanfictions* como lugares privilegiados de expressão pessoal dos leitores, e onde é possível aos leitores reconstruírem as narrativas originais a seu próprio modo.

2 PERCURSO DO HOBBIT: DO LIVRO À FANFICTION

O Hobbit é um dos mais importantes livros de fantasia dos últimos tempos, e Tolkien um dos mais respeitados autores do gênero. É inegável a influência de Tolkien na fantasia moderna. Toda vez que falamos de seres mágicos como elfos, anões e magos, é impossível não lembrar de suas obras.

Giles Foden (1997), em um artigo para o *The Guardian*, conta sobre uma pesquisa feita pela *Waterstone*, em conjunto com o *Channel 4's Book Choice*, na qual mais de 25 mil pessoas deveriam eleger o livro do século. *O Senhor dos Anéis*, a saga mais conhecida de Tolkien, fica, ultrapassando Orwell (1984, *A Revolução dos Bichos*) e James Joyce (*Ulisses*), em primeiro lugar. Não muito depois, em décimo nono lugar, está *O Hobbit*.¹⁶

Em 1938, *O Hobbit* ganhou um prêmio de melhor história juvenil da temporada, pelo *New York Herald Tribune*. Ele também recebeu, no ano 2000, o prêmio *Keith Barker Millenium Book Award* para o livro infantil mais significativo publicado entre 1920 e 1939. *O Hobbit* também foi nomeado o “romance mais importante do século 20 (para leitores mais velhos)” na pesquisa sobre os “Livros Infantis do Século”, conduzida pela *Books for Keeps*.¹⁷

Sir John Ronald Reuel Tolkien nasceu em 1892, na África do Sul. Foi professor de linguística e literatura da Universidade de Oxford e era grande amigo de outro escritor de fantasia aclamado, C. S. Lewis, mais conhecido pela série de livros *As Crônicas de Nárnia* (1950-1956).¹⁸ Tolkien foi contemplado com os títulos de Comendador do Império Britânico e de Doutor honoris causa em Letras pela Oxford University. Ele também teve seus livros traduzidos para mais de 30 idiomas, os quais venderam mais de 50 milhões de exemplares pelo mundo. Ele faleceu em 1973, com 81 anos.¹⁹

A história por trás do livro é digna de um conto de fadas, como narra Bloom

¹⁶ Disponível em :<https://www.theguardian.com/books/1997/jan/20/classics.gilesfoden>. Acesso em 12 jun 2021

¹⁷ Disponível em: <https://www.tolkienociety.org/author/faq/#popular>. Acesso em 12 jun 2021

¹⁸ Disponível em: <https://super.abril.com.br/galeria/veja-12-fatos-importantes-sobre-a-saga-o-senhor-dos-aneis/>. Acesso em: 12 jun 2021.

¹⁹ Texto da orelha, livro *O Silmarillion*. TOLKIEN, J. R. R.. **O Silmarillion**. 5. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 1977. 460 p.

(2011) no seu *Bloom's Guide: The Hobbit*. Cansado de corrigir deveres escolares, Tolkien se viu encarando um dos trabalhos, sonhando acordado.

Um dos candidatos misericordiosamente deixou uma das páginas em branco, (o que é a melhor coisa que pode possivelmente acontecer com um examinador), e eu escrevi nela: Em um buraco no chão vivia um hobbit. Nomes sempre geram uma história na minha mente. Eventualmente eu pensei que era melhor eu descobrir como os hobbits eram. (CARPENTER 175 apud BLOOM 2011, tradução nossa)²⁰

Esse “descobrimento” da história ocorreu durante anos, crescendo na forma de uma história criada para entreter seus filhos. O primeiro manuscrito, mostrado a alguns amigos, não continha nem sequer um final para a história. Tolkien fazia parte de um clube literário chamado “Inklings”, no qual membros como C. S Lewis tiveram acesso a esse manuscrito e incentivaram Tolkien a trabalhar nele. (BLOOM, 2011, p. 11-12)

O documento acabou caindo nas mãos de uma antiga aluna de Tolkien, Elaine Griffiths. Griffiths trabalhava na editora *Allen and Unwin*, junto com uma colega chamada Susan Dagnall. Ambas leram o manuscrito e incentivaram Tolkien a terminá-lo e tentar publicá-lo.

O livro foi enviado então para Stanley Unwin, que deu o livro para seu filho de dez anos dar um parecer em troca de uma moeda. Como a criança aprovou o trabalho, ele foi aceito para publicação (BLOOM, 2011, p. 12)

O *Hobbit* conta a história de Bilbo Bolseiro, um hobbit, criatura pequena e glutona, que vive sua vida tranquila no Condado até que recebe um convite do mago Gandalf para embarcar em uma missão na companhia de um grupo de anões, liderada por Thorin Escudo-de-Carvalho, a fim de resgatar um tesouro mantido pelo dragão Smaug. A história narra as diversas aventuras que o grupo passa na sua jornada até Erebor, que inclui encontros com trolls, elfos, aranhas gigantes e com o Um Anel, parte chave da saga posterior, *O Senhor dos Anéis*.

Ao cair em um túnel escuro, enquanto fugiam de goblins, Bilbo encontra a criatura chamada Gollum, passa por um jogo de charadas e é salvo de Gollum pelas propriedades mágicas do anel recém encontrado. Eventualmente, Bilbo e os anões chegam a Cidade do Lago, onde se recuperam da aventura e partem ao encontro do dragão.

²⁰ Do original: One of the candidates had mercifully left one of the pages with no writing on it, (which is the best thing that can possibly happen to an examiner), and I wrote on it: In a hole in the ground there lived a hobbit. Names always generate a history in my mind. Eventually I thought I'd better find out what hobbits were like”.

Depois de Bilbo tentar “merecer sua recompensa”, como sugerido pelos anões, e roubar um copo da pilha de tesouros de Smaug, ele decide voltar e espionar o dragão em busca de alguma fraqueza. Durante uma jogada de palavras entre os dois, Bilbo acaba descobrindo o ponto fraco do dragão: uma parte vulnerável embaixo de seu peitoral. Em um ataque de raiva por conta de uma piada de Bilbo, o dragão ataca o lugar com fogo, selando a saída dos anões e saindo em seguida em direção à Cidade do Lago.

Sem muito o que fazer, Bilbo e os anões começam a checar o tesouro. Bilbo vê uma pedra muito importante sobre a qual Thorin havia contado: a Pedra Arken, e decide mantê-la com ele.

Smaug ataca a cidade, causando destruição. Ele é, porém, morto por Bard, um humano descendente dos senhores de Dale, que recebe a informação de um pássaro que havia ouvido a informação sobre o ponto fraco do dragão de Bilbo.

Apesar de felizes pela morte do dragão, a cidade é totalmente arrasada pela batalha. O povo nomeia Bard seu rei e incumbe ele a guiá-los para reconstruir sua comunidade. Ao fazerem planos para a sobrevivência, os cidadãos são surpreendidos pelo exército dos elfos da floresta.

Ao ouvirem sobre a morte do dragão, os elfos decidem tomar posse de parte do tesouro. Encontrando os moradores da Cidade do Lago em necessidade, eles dividem com os humanos sua comida e mantimentos. Bard e os demais soldados decidem ir junto com os elfos tomar posse de parte do tesouro. Os seres humanos precisam do ouro para se reconstruírem e os elfos alegam que tiveram tesouros roubados por Smaug.

Apesar de terem reivindicações justas, os anões, cegos pelo tesouro, recusam dar parte do seu ouro. Thorin chama o exército do seu primo Dain para que o ajude a proteger o tesouro.

Tentando evitar a guerra aparentemente inevitável, Bilbo foge da fortaleza dos anões e leva a pedra Arkenstone para que Bard e o rei élfico a usem como moeda de troca por parte do tesouro.

Quando Thorin ouve o plano de Bilbo, ele o amaldiçoa e o declara seu inimigo. Thorin rejeita a oferta de Bard. A guerra parece pronta para começar quando Gandalf aparece, interrompendo os exércitos para revelar que goblins estavam vindo na direção deles para os atacarem.

Então, por motivo de força maior, os exércitos de elfos, anões e humanos

acabam se juntando para lutar contra os goblins. Quando a vitória parecia impossível e a disputa com os Goblins perdida, as águias e Beor, o troca-peles, aparecem para o resgate.

Bilbo acaba sendo atingido na cabeça e fica inconsciente até o final da batalha. Ao acordar, recebe as notícias de que venceram, mas ao custo de algumas vidas. Thorin, mortalmente ferido, chama Bilbo para se desculpar pelas suas atitudes antes de morrer.

Ao final da aventura, Bilbo volta para a sua casa no Condado rico, mas perde o respeito da comunidade.

O livro foi muito bem recebido desde a sua estreia. Segundo Bramlett (2003), a maioria das resenhas da época foram positivas, tendo vários comentaristas, inclusive, comparado o livro com *Alice no País das Maravilhas* (1865) e *Alice Através do Espelho e O Que Ela Encontrou Por Lá* (1871), de Lewis Carroll (p.30-32).

Ao falar do sucesso estrondoso do livro, Bramlett (2003, p. 29) conta que a estimativa de cópias vendidas do livro até 2003 chegava a cinquenta milhões de cópias ao redor do mundo, incluindo edições especiais e tradução para mais de 25 línguas.

Quando *O Hobbit* ganhou sua edição americana, ele também foi muito bem aceito pelos críticos de lá, tanto que ganhou o prêmio *New York Herald Tribune* pelo melhor livro juvenil da temporada. O editor de Tolkien escreveu para ele em carta: “Um grande público estará clamando ano que vem por ouvir mais de você sobre Hobbits!” (nossa tradução)²¹, o que se provou verdade, pois Tolkien trabalharia em uma continuação de *O Hobbit*, que seria mais tarde conhecida como *O Senhor dos Anéis*. (CARPENTER, 2000)

Perry C. Bramlett (2003) conta como Tolkien não planejava fazer uma sequência, e que, perto da conclusão, notou que ele deveria mudar a forma como Bilbo obtém o Um Anel. Na versão original, o anel que Bilbo encontra na caverna com Gollum era um anel mágico, sim, mas não tinha todo o significado e poder que ele daria à joia em *O Senhor dos Anéis*. Tolkien teve, então, que revisar o capítulo cinco de *O Hobbit*, para mostrar que Gollum queria matar Bilbo desde o princípio. Essa diferente versão foi posta na segunda edição do livro, em 1951, junto com uma nota de Tolkien, explicando ser essa a versão verdadeira dos fatos, que “Bilbo

²¹ Do original “A large public will be clamouring next year to hear more from you about Hobbits!”.

eventualmente contou a Gandalf". (BRAMLETT, 2003, p. 31)

C. S. Lewis escreveu sobre o livro em duas ocasiões, de forma anônima, uma para o *Times Literary Supplement* e outra para o próprio *Times*. Na primeira ocasião, ele escreveu que *O Hobbit* "pode muito bem provar-se um clássico²²", e, na segunda, falou sobre como Tolkien havia unido várias coisas, incluindo humor, entendimento sobre crianças e uma feliz fusão da visão de estudioso com a de poeta sobre mitologia (BRAMLETT, 2003, P. 30). Lewis escreveu: "Todos que amam aquele tipo de livro infantil que pode ser lido e relido por adultos deveriam notar que uma nova estrela apareceu nessa constelação (CARPENTER, 2000, p. 209, nossa tradução).²³

Anne Eaton, nos Estados Unidos, escreveu uma resenha de *O Hobbit* para o *New York Times Book Review* e também para a *Horn Book Magazine*, dizendo que a obra foi "escrita com um humor sereno e detalhes lógicos com os quais as crianças se deliciam²⁴" (BRAMLETT, 2003, p. 30-31). Escrevendo para o *Saturday Review of Literature*, William R. Bent chamou *O Hobbit* de "linda fantasia²⁵".

Outro crítico, no *New Statesman*, disse: "É um triunfo que o gênero *Hobbit*, que ele mesmo inventou, soe tão real quanto os gêneros consagrados pelo tempo do *Goblin*, *Troll* e *Elfo*."²⁶ (DURIEZ, 2003 apud BLOOM, 2011)

Quando W. H. Auden fez uma resenha de *A Sociedade do Anel* para o *The New York Times* em outubro de 1954, ele escreveu que: "na minha opinião, [*O Hobbit*] é uma das melhores histórias infantis desse século." (DURIEZ, 2003 apud BLOOM, 2011, p. 71, tradução nossa)²⁷ Katharyn W. Crabbe, no seu livro "*J. R. R. Tolkien*", de 1988, opina que

O enredo é simples e linear; os personagens tendem a ser completamente bons ou completamente maus; e o problema central - a batalha entre o bem e o mal - é claramente levada e claramente resolvida. Isto é, *O Hobbit* falta complexibilidade em concepção, em design e em execução (CRABBE, 1988 apud BLOOM, 2011, p. 44, tradução nossa).²⁸

²² Do original: "may well prove to be a classic".

²³ Do original: "All who love that kind of children's book which can be read and re-read by adults should take note that a new star has appeared in this constellation.

²⁴ Do original: "written with a quiet humor and the logical detail in which children take delight."

²⁵ Do original: "a gorgeous fancy".

²⁶ Do original: "It is a triumph that the genus *Hobbit*, which he himself has invented, rings just as real as the time-hallowed genera of *Goblin*, *Troll*, and *Elf*."

²⁷ Do original: "in my opinion, [*The Hobbit*] is one of the best children's stories of this century.

²⁸ Do original: "The plot is simple and linear; the characters tend to be all good or all bad; and the central issue - the battle between good and evil - is clearly drawn and clearly resolved. That is, *The Hobbit* lacks complexibility in conception, in design, and in execution."

Ela fala sobre como a narrativa é simples e óbvia, sendo claramente feita para uma audiência ingênua. Esse fato, segundo a mesma, faz com que, mesmo compartilhando muitos personagens e temas com *O Senhor dos Anéis*, a obra se torne menos interessante e menos artística que a sequência. (CRABBE, 1988 apud BLOOM, 2011, p. 44)

Essa qualidade estilística, que torna evidente que o livro foi escrito para o público infantil, é muito criticada. Crabbe (2003) usa como exemplo o trecho a seguir:

Foi bem nesse momento que Bilbo de repente descobriu o ponto fraco de seu plano. É muito provável que vocês já tenham percebido há algum tempo, e estejam rindo dele, mas não acho que teriam feito nem a metade em seu lugar (TOLKIEN, 1937, p. 177).

Tolkien mesmo, muito pouco tempo depois da publicação, repudiou o estilo de narrativa que havia adotado.

O Hobbit foi escrito no que eu deveria agora considerar um estilo ruim, como se estivéssemos falando com crianças. Não há nada que minhas crianças detestassem mais. Elas me ensinaram uma lição. Qualquer coisa que fosse, de qualquer forma, marcada para crianças, em vez de para pessoas, somente, elas odiaram - instintivamente. Eu também o fiz, agora que penso sobre isso²⁹. (CRABBE, 1988 apud BLOOM, 2011, p. 44-45)

Crabbe aponta como o narrador parece assumir que o leitor é incapaz de seguir narrativas mais complexas, e se sente obrigado a pegar o leitor pela mão e o guiá-lo quando ele se utiliza de qualquer artifício mais sofisticado, como o uso de *flashbacks*. (CRABBE, 1988 apud BLOOM, 2011, p. 46)

Outra coisa que Tolkien parecia não gostar no seu livro foi a forma como ele nomeou os personagens em *O Hobbit*. Ele disse, em carta a G. E. Selby: “Eu não aprovo muito *O Hobbit*, preferindo minha própria mitologia... com sua nomenclatura consistente... e história organizada... a essa bagunça de anões com nomes eddaicos....”. Ele diz também que *O Hobbit* foi “publicado apressadamente e sem a devida consideração” (BRAMLETT, 2003, p. 26)

Brian Rosebury, no seu livro *Tolkien: A Cultural Phenomenal* (2003), comenta sobre como os críticos mais hostis de Tolkien tendem a ser mais benevolentes em relação a *O Hobbit* do que a *O Senhor dos Anéis*, ao aceitarem a fantasia quando confinada ao mundo da literatura infantil, mas ridicularizarem ela ao quando implícito um leitor adulto (ROSEBURY, 2003).

²⁹ Do original: “The Hobbit was written in what I should now regard as bad style, as if one were talking to children. There’s nothing my children loathed more. They taught me a lesson. Anything that was in any way marked out in the Hobbit as for children, instead of just for people, they disliked - instinctively. I did too, now that I think about it.”

Rosebury (2003), porém, considera *O Hobbit* como um trabalho de transição entre estilos, da forma exploratória das histórias de ninar de Tolkien para a sua narrativa rica e “realista” em *O Senhor dos Anéis*. Essencialmente, “uma colcha de retalhos agradável de realizações, erros e promessas tentadoras da Terra-média por vir”³⁰ (ROSEBURY, 2003, p. 114). Para ele, *O Hobbit* funciona muito bem como uma história de aventura para crianças, que não pretende ter muito realismo interno, ou profundidade emocional ou moral. (ROSEBURY, 2003)

O sucesso absoluto de *O Hobbit* inspirou diversas adaptações, nas mais variadas mídias. A primeira adaptação autorizada de *O Hobbit* foi uma peça para a St. Margaret's School em março de 1953³¹. A partir daí, várias outras adaptações, nas mais diversas mídias, foram realizadas.

A primeira animação feita com base no livro de Tolkien foi um curta animado de 12 minutos dirigido por Gene Deitch, em 1967. Além do pouco tempo, o enredo tem pouco a ver com o livro original. Foi feito como forma de estender os direitos autorais de *O Senhor dos Anéis* para William L. Snyder, que venderia os direitos de volta a Tolkien por 100 mil dólares.³²

The Hobbit (1977) foi um especial musical televisivo animado de 77 minutos dirigido por Arthur Rankin Jr. e Jules Bass, lançado em 1977. A animação modifica e omite vários pontos da narrativa, gerando críticas de alguns fãs. A arte também recebeu críticas mistas. Em 1977, Rankin e Bass venceram o *Peabody Award* pela animação. O filme também chegou a ser nomeado para o *Hugo Award* de Melhor Apresentação Dramática em 1978, perdendo para *Guerra nas Estrelas*.³³

Em 2007, foi anunciada uma adaptação de *O Hobbit* para *live-action*. Dirigido pelo mesmo diretor das adaptações em *live-action* de *O Senhor dos Anéis*, Peter Jackson, a história foi dividida em três filmes: *Uma Jornada Inesperada* (2012), *A Desolação de Smaug* (2013) e *A Batalha dos Cinco Exércitos* (2014). A princípio, seriam feitos apenas dois filmes, mas Peter Jackson decidiu por fazer um terceiro.

A adaptação passa por um processo de “blockbusterização”, que impacta na forma como ela foi feita e recebida. Esse processo é narrado no livro *Fans*,

³⁰ Do original: “a likeable patchwork of accomplishments, blunders, and tantalising promises of the Middle-earth to come.”

³¹ Segundo Douglas Anderson, em *The Annotated Hobbit* (2002).

³² Como contado no livro “Middle Earth Envisioned - The Hobbit and The Lord of the Rings: On Screen, On Stage, and Beyond (2013), de Brian J. Robb e Paul Simpson.

³³ Como visto em [http://tolkiengateway.net/wiki/The_Hobbit_\(1977_film\)](http://tolkiengateway.net/wiki/The_Hobbit_(1977_film))

Blockbusterisation, and the Transformation of Cinematic Desire: Global Receptions of the Hobbit Film Trilogy (2017), de Carolyn Michelle, Charles H. Davis, Ann L. Hardy e Craig Hight.

Nós conceitualizamos blockbusterização como o conjunto de estratégias econômicas, industriais, criativas e comerciais, e processos relacionados que trabalham para transformar uma propriedade cultural coletiva (nesse caso, uma propriedade bem estabelecida na forma do romance de Tolkien, O Hobbit, mas, potencialmente, de qualquer livro, quadrinho, video game ou musical popular) em um evento-filme blockbuster (HARDY et al, 2017, p. 2, nossa tradução)³⁴

Eles explicam que o termo “evento-filme *blockbuster*” denota um tipo de filme com grande orçamento - mais de 200 milhões de dólares, hoje em dia - o que permite não só efeitos visuais espetaculares, mas uma produção de alto valor, atores consagrados, *marketing* extensivo, campanhas publicitárias e lançamentos internacionais, tudo para que o filme transcenda o cinema e se transforme em uma experiência pública (HARDY et al, 2017, p. 2).

Os *blockbusters* são feitos, segundo os autores, seguindo estratégias que visam minimizar os riscos comerciais e maximizar os lucros. Essa estética de *Blockbuster* geralmente dá mais ênfase a cenas de ação, muitas vezes violentas, do que à boa caracterização e diálogos. Ela também tende a manter enredos simples, com clara diferenciação visual entre o bem e o mal, e o uso de estratégias de narração que possam transcender diferenças culturais e serem entendidos por países cuja língua materna não é o inglês, tudo para maximizar o lucro (HARDY et al., 2017, p. 2)

Outro processo que os autores ligam com a blockbusterização é o modelo franquia de filmes. Eles explicam como, nessa última década, grandes estúdios começaram a dar preferência à criação de adaptações *blockbuster* seriais, como o lançamento de prequelas, sequências, reboots e derivados de franquias já bem sucedidas, por elas minimizarem os riscos financeiros (OWCZARSKI, 2015 apud HARDY et al., 2017, p. 3)

Uma tendência recente também é adaptar livros populares em filmes com várias partes, o que evita a condensação do material e maximiza o retorno financeiro. Isso porque o filme a ser feito já conta com uma base de fãs estabelecida, que não irão perder uma possível segunda parte. Esse fenômeno pode ser visto nas

³⁴ Do original: We conceptualise blockbusterisation as the set of economic, industrial, creative and commercial strategies and related processes that work to transform a collective cultural property (in this case, a well-established property in the form of Tolkien’s novel The Hobbit, but potentially any popular book, comic, video game or musical) into a blockbuster event-film.

adaptações de livros da série *Harry Potter*. O último livro da saga, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, foi adaptado em dois filmes, garantindo a Warner Bros um bilhão extra de dólares (VAUGHAN, 2014 apud HARDY et al., 2017). A adaptação do último livro da saga *Crepúsculo* também foi dividida em dois filmes, *Amanhecer - Parte 1* (2011) e *Amanhecer - Parte 2* (2012). Novamente, o mesmo acontece com as adaptações de *Jogos Vorazes*, cujo terceiro e último livro foi adaptado para os filmes *Jogos Vorazes: A Esperança - Parte 1* (2014) e *Jogos Vorazes - A Esperança - Parte 2* (2015).

Hardy et al. (2017) contam como filmes que são extensões de propriedades culturais costumam ser lucrativos: 14 das 20 maiores bilheterias de 2016 foram adaptações, prequelas, sequências ou derivados (Box Office Mojo 2017a apud HARDY et al., p. 4). A explicação dada é a de que isso ocorre, em parte, pelo fato de que esses filmes já têm uma audiência fã do material a ser expandido, enquanto podem também ser comercializados para audiências gerais.

No caso das adaptações de *O Hobbit*, o diretor Peter Jackson havia anunciado em 2010 que o livro seria adaptado em um filme 3D de duas partes. Em 2012, Jackson anunciou que a produção seria expandida para uma trilogia, que iria extrapolar o material original e adicionar materiais de versões não-publicadas de *O Hobbit*, apêndices de *O Senhor dos Anéis* e outras notas (RIGA et al., 2014 apud HARDY et al., 2017), tudo isso com novas cenas incluídas para facilitar a transição para os temas mais “sombrios e adultos” de *O Senhor dos Anéis* (HARDY et al., 2017, p. 6). É claro que, além da decisão ser vista como uma oportunidade de expandir o mundo de Tolkien e divertir seus fãs, ela também refletiu na possibilidade de um maior lucro.

Um problema que se fez presente ao analisar e comparar a recepção dos filmes de *O Senhor dos Anéis* com os de *O Hobbit* é que o primeiro foi muito melhor recebido e avaliado do que o segundo. A avaliação média dos filmes de *O Senhor dos Anéis* foi 94% no Rotten Tomatoes³⁵. As avaliações dos filmes de *O Hobbit* não foram tão bem assim: *O Hobbit: Uma jornada Inesperada* (daqui para frente AUJ) marcou 64% de pontuação dos críticos no Rotten Tomatoes e 83% da audiência, *O Hobbit: A Desolação de Smaug* (daqui para frente DoS) marcou 74% dos críticos do Rotten Tomatoes e 86% da audiência, e o último filme, *O Hobbit: A Batalha dos Cinco*

³⁵ O Rotten Tomatoes é, segundo o site *Adorocinema*, “um agregador de críticas, que compila centenas de resenhas e análises de vários veículos norte-americanos sobre um determinado filme”. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-136020/>. Acesso em 18 jun 2021.

Exércitos (daqui para frente BotFA), conseguiu somente 60% no “Tomatômetro” e 75% da audiência. (HARDY et al., 2017)

Quanto a premiações, a primeira trilogia ganhou, coletivamente, 17 Oscars de 30 nomeações (somando a mais de 770 outros prêmios e nomeações). A trilogia do *Hobbit*, no entanto, conseguiu somente oito nomeações ao Oscar, ganhando somente um, na categoria Ciência e Engenharia. A série recebeu perto de 150 nomeações a prêmios (HARDY et al, 2017).

O livro *Fans, Blockbusterisation, and the Transformation of Cinematic Desire: Global Receptions of the Hobbit Film Trilogy* conta com uma pesquisa que buscou entender como ocorreu a recepção dos filmes de *O Hobbit* pelo público. Para essa pesquisa, os autores usaram um método de pesquisa chamado de Metodologia Q.

Na pesquisa metodológica Q, participantes são pedidos para ranquear uma série de afirmações escolhidas para representar uma ampla gama de ideias e opiniões sobre o texto ou o tópico em questão, de acordo com se eles concordam, discordam ou são neutros com os sentimentos expressados (HARDY et al., 2017, p. 41³⁶).

A trilogia teve diferentes tipos de audiências. Elas podem, segundo Hardy et al. (2017), ser compostas de 1. Pessoas que, quando crianças, leram o livro original nos anos 1940, 2. Aqueles que leram primeiro a série *O Senhor dos Anéis* nos anos 1950 e 1960, 3. Aqueles que tiveram seu primeiro contato com o mundo de Tolkien pelas adaptações em filme dos anos 2000, ou, alternativamente, 4. Aqueles cujo primeiro contato se deu com o primeiro filme de *O Hobbit* (AUJ), mesmo que esse público já tivesse conhecimento de como funciona o gênero da fantasia.

A primeira parte da pesquisa analisada aqui será a reação da audiência ao primeiro filme, *O Hobbit: Uma Jornada Inesperada*.

No total, houve 2870 respondentes de mais de 80 países, que responderam um questionário seguindo o modelo Q de pesquisa, mapeando a perspectiva deles quanto ao filme por 36 perguntas (Hardy et al, 2017, p. 109-110).

Cinco maiores pontos de vista foram identificados por meio da análise fatorial desses 2870 respondentes, que somaram 89% deles. Eles são identificados como “Fãs Encantados do Hobbit”, “Críticos Entediados e Desiludidos do Hobbit”, “Leitores de Tolkien Desapontados”, “Críticos dos ‘Aprimoramentos’ Tecnológicos” e “Espectadores Casuais Levemente Entretidos” (HARDY et al., 2017, p. 110-111).

³⁶ Do original: “In Q methodology research, participants are asked to rank-order a set of statements chosen to represent a wide range of ideas and opinions about the text or topic in question according to whether they agree, disagree or are neutral about the sentiment expressed.”

O maior segmento foi o de “Fãs Encantados do Hobbit”, que somaram 74% das respostas. Eles relatam experienciar uma profunda imersão no mundo fictício, não notar a passagem do tempo e apreciar a estética visual hiper realista do filme, que intensificou a imersão dos telespectadores (HARDY et al., 2017).

O filme me deu uma sensação como se eu estivesse na Terra-Média e não em algum cinema. Eu me senti muito apegada ao filme, e eu estava sobrecarregada. O cenário e as paisagens e os personagens representaram a Terra-Média muito bem, e eles me fizeram sentir estar com eles na sua aventura. (relato de uma mulher eslovena de 15 anos, descrita por HARDY et al., 2017, p. 112, tradução nossa)³⁷

Com o ponto de vista contrário a esse primeiro grupo, temos os “Críticos Entediados e Desiludidos do Hobbit”, somando 3.2% dos correspondentes (HARDY et al., 2017, p. 117). Segundo Hardy et al. (2017), esse grupo de pessoas considerou o filme não-inspirador e mal elaborado, atribuindo essas falhas a considerações comerciais e ao desrespeito de Jackson com a obra de Tolkien.

Fazer três filmes de um livro tão curto, enquanto reduz o ritmo e alonga a história toda - e até a perde de vista durante todas as subtramas - é mais pensando sobre dinheiro do que qualquer outra coisa. (comentário de uma mulher americana de 29 anos, como descrito por HARDY et al., 2017, p. 117, tradução nossa)³⁸

E ainda: “PJ não está adaptando, ele está inventando” (homem escocês de 41 anos apud HARDY et al., 2017, p. 119, tradução nossa)³⁹

O segundo maior segmento são os “Leitores de Tolkien Desapontados”, composto por 6.9% das respostas. Hardy et al. (2017, p. 119-120) explica que esse grupo de pessoas sentiram que a adaptação falhou em capturar o espírito da obra de Tolkien por conta da edição de material extra.

O que eu amei sobre o romance era que ele era excêntrico e engraçado, e ainda cheio de coração de hobbit.... O filme de *O Hobbit* pareceu forçado e muito artificial. Ele tentou trazer muito drama para a história e apresentar ela como um épico, ao invés de um conto de autodescoberta de um hobbit. (Mulher filipina de 39 anos apud HARDY et al., 2017, p. 120, tradução nossa)⁴⁰

“Críticos dos ‘Aprimoramentos’ Tecnológicos” foi o nome dado ao quarto

³⁷ Do original: “The movie gave me such a feeling as if I am in Middle-earth and not in some cinema. I felt very attached to the film, and I was overwhelmed. The scenery and the landscapes and the characters represented Middleearth very good, and they made me feel I’m with them on their adventure”.

³⁸ Do original: “Making three movies out of such a short book, while reducing the pacing and stretching out the overall story—and even losing track of it during all the subplots—is more thinking about money than anything else”.

³⁹ Do original: “PJ is not adapting, he is inventing”.

⁴⁰ Do original: “What I loved about the novel was that it was whimsical and funny yet full of hobbit heart The Hobbit film felt forced and too contrived. It attempted to bring too much drama into the story and to present it as an epic, instead of a hobbit’s tale of self-discovery.”

segmento, composto de 4.1% das respostas. O principal problema do filme, para esses telespectadores, foi a qualidade dos efeitos de CGI e outras características visuais do filme, que eles relatam ser uma barreira para a imersão no mundo fictício da história (HARDY et al., 2017, p. 123).

Eu estava esperando ver PESSOAS REAIS em trajes altamente detalhados e REALISTAS como em O Senhor dos Anéis. As imagens de computador fizeram os orcs e goblins parecerem incrivelmente falsos, não-críveis e não-ameaçadores. (Mulher americana de 21 anos apud HARDY et al., 2017, p. 123, tradução nossa)⁴¹

O segmento final, “Espectadores Casuais Levemente Entretidos”, foi composto por 1.5% dos entrevistados. Eles relataram ter sentimentos mistos em relação ao filme, amando os cenários da Nova Zelândia, mas não se sentindo completamente encantados ou teletransportados para a história, sentindo falta de um “passo” melhor elaborado, crendo que o filme precisaria de mais edições e cortes finais (HARDY et al., 2017, p. 126).

Eu estava muito consciente, enquanto assistia esse filme, da sua duração. Havia muitas cenas que não avançaram ou adicionaram nada à história e poderiam ser deixadas de fora. (Mulher neozelandesa de 49 anos apud HARDY et al., 2017, p. 126, tradução nossa)⁴²

Uma pesquisa para a recepção do segundo filme (A Desolação de Smaug) contou com 1051 respostas de 62 países. Enquanto AUJ recebeu uma recepção majoritariamente positiva, o mesmo parece não ocorrer com DoS (e depois com BoTFA). Hardy et al. (2017, p. 133) analisa esse fato, enquanto comenta a atitude defensiva dos espectadores que gostaram dos filmes, provavelmente em resposta às críticas crescentes dos outros.

A análise de Hardy et al. (2017, p. 134) identificou cinco maiores segmentos da audiência (que somam 91.8% dos entrevistados): “Defensores Felizes do Hobbit”, “Críticos Desencantados do Hobbit”, “Afiicionados de Tolkien Ofendidos”, “Céticos do Hobbit” e “Apreciadores da Terra-Média”.

O maior grupo consiste nos “Defensores Felizes do Hobbit”, contando com 57.7% dos entrevistados. É interessante ressaltar a queda do número do segmento que contém os espectadores mais satisfeitos, se comparado com o do primeiro filme (já que “Fãs Encantados do Hobbit” somaram 74% das respostas). Esse segmento

⁴¹ Do original: “I was expecting to see REAL PEOPLE in highly detailed and REALISTIC costume like in LotR. The computer imagery made the orcs and goblins look incredibly fake, unbelievable, and non-threatening.”

⁴² Do original: “I was very conscious, while watching this movie, of its length. There were many scenes that did not advance or add anything to the story and could have been left out.”

contém os que relataram terem sido totalmente mergulhados e transportados pela história, felizes por poderem se reunir novamente com sua “família estendida” e que aceitaram as mudanças feitas por Peter Jackson na narrativa como uma bem-recebida recreação e extensão do mundo de Tolkien (HARDY et al., 2017, p. 134-136).

Todas as peças do set foram incríveis, e elas pareciam tão realistas. Quando eu vejo o Reino da Floresta e dentro de Erebor eu fico impressionada pelo seu realismo e como eu nunca questioneei a realidade daquilo tudo: eu sabia que era tudo tela verde, mas com certeza não parecia! Os designs maravilhosos de todos os cenários foram incríveis, e foi maravilhoso explorar uma parte nova da Terra-Média. (Mulher chinesa americana de 17 anos apud HARDY et al., 2017, p. 135, tradução nossa)⁴³

Ou então:

É uma grande história e é um clássico. Ela está destinada a ser recontada por diferentes pessoas em mídias diferentes, e ao invés de se ater a pequenos detalhes, nós deveríamos ficar felizes que essa história está atingindo pessoas diferentes que nunca ouviriam falar disso se não fosse o filme. Por que não pensar nisso como uma celebração a uma história amada? (Mulher filipina de 20 apud HARDY et al., 2017, p. 136, tradução nossa)⁴⁴

No extremo oposto desse primeiro segmento, temos os “Críticos Desencantados do Hobbit”, somando 1.4% dos entrevistados. Hardy et al. (2017, p.137) os descreve como aqueles que consideraram DoS muito longo, cheio de novas histórias e “personagens inventadas inúteis”, e que não se sentiram animados, maravilhados, nem emocionalmente envolvidos pela trama. A maioria desses problemas, segundo o livro, foram atribuídos por motivações comerciais. O processo de blockbusterização tende a priorizar espetáculos visuais e cenas de ação em detrimento de desenvolvimento de personagens e impacto emocional (HARDY et al., 2017, p. 137).

Se eu tivesse sido capaz de realmente ver um propósito artístico por trás dos filmes, eu seria bem mais receptivo (independente da proximidade relativa à história do Tolkien). O que é mais desapontador é a abominável narrativa, em segundo lugar o sacrifício de todas as tentativas de profundidade ética e/ou filosófica no altar dos mimos ao menos inteligente adolescente. (Homem dinamarquês de 46 anos apud HARDY et al., 2017, p. 137, tradução nossa)⁴⁵

⁴³ Do original: “All the set pieces were incredible, and they seemed so realistic. When I see the Woodland Realm and the inside of Erebor, I am blown away by its realism and how I never questioned the reality of it at all: I knew it was all green screen, but it sure didn’t look like it! The amazing designs of all the settings were incredible, and it was wonderful to explore a new part of Middle-earth.”

⁴⁴ Do original: “It is a great story, and it is a classic. It is bound to be retold by different people in different mediums, and instead of nit-picking details, we should be happy that this story is reaching different people who never would have known about it if not for the movie. Why not think of it as a celebration of a well-loved story?”

⁴⁵ Do original: “Had I been able to actually see an artistic purpose behind the films, I would have been far more accepting (regardless of their relative closeness to Tolkien’s story). What is most disappointing is the abominable storytelling, secondly the sacrifice of all attempts at ethical and/or philosophical depth on the altar of pampering to the least intelligent adolescent.”

“Aficionados de Tolkien Ofendidos” foi outro grande segmento presente, contando com 29.2% dos entrevistados. Hardy et al. (2017, p. 139-140) relata que os pertencentes a esse segmento acreditam que DoS tenha sido uma adaptação de má qualidade, que divergiu muito da obra original de Tolkien, com seus novos enredos e personagens, desrespeitando a sua escrita.

Peter Jackson tomou liberdades e licenças criativas demais com o roteiro e desviou para muito longe do cânone. ... Tauriel e o seu arco de personagem vai contra o cânone e contra tudo que Tolkien acredita. Ela passou a sensação de ser uma Mary Sue⁴⁶ fanficcional calçada no roteiro. (Mulher americana de 44 anos apud HARDY et al., 2017, p. 139, tradução nossa)⁴⁷

Assim como:

Jackson está só faminto pelas migalhas da criação de Tolkien. Portanto, ele pensa que, inventado alguns personagens e enredos sem graça e clichês, ele contribuiu para o imaginário de Tolkien. Ele só se rebaixou à fanfiction. (Homem costa-riquenho de 20 anos apud HARDY et al., 2017, p. 139, tradução nossa)⁴⁸

E também:

É tudo sobre marketing, sobre servir às massas. Kili é o fanservice⁴⁹ para as fangirls adolescentes, assim como a subtrama romântica, Tauriel é o colírio para os olhos dos rapazes, a ação é ridiculamente excessiva e o que se perde? Exato, a narrativa! Jackson virou, em essência, o George Lucas⁵⁰ da fantasia. (Mulher alemã de 29 anos apud HARDY et al., 2017, p. 139, tradução nossa)⁵¹

O segmento denominado “Céticos do Hobbit” compõe 2.9% dos entrevistados. A crença principal desse grupo é a de que, apesar de receber de forma mais positiva a inserção de material extra à adaptação, várias cenas pecaram na falta de tensão e

⁴⁶(Originalmente em fan fiction) um tipo de personagem feminina que é retratada como sendo irrealisticamente sem falhas ou fraquezas. Do original: “(originally in fan fiction) a type of female character who is depicted as unrealistically lacking in flaws or weaknesses.” Disponível em: https://www.lexico.com/en/definition/mary_sue. Acesso em 20 jun 2021

⁴⁷ Do original: “Peter Jackson took far too many liberties and creative license with the script and strayed too far from canon. ... Tauriel and her story arc go against canon and against everything Tolkien stands for. She felt like a fan fictional Mary Sue shoehorned into the script.”

⁴⁸ Do original: “Jackson is just hungry for the crumbs of Tolkien’s creation. Therefore he thinks that by inventing some bland and clichéd characters and storylines he has contributed to Tolkien’s imaginarium. He has just descended into fanfiction.”

⁴⁹ Fan service é um termo de narrativa que significa “dar aos fãs de uma história exatamente o que eles querem.” Enquanto o termo se originou (e é ainda mais utilizado) em relação a anime e mangá, ele é agora usado para descrever desenvolvimentos de enredo agradáveis ao público que ocorrem em vários tipos de história. Do original: “Fan service is a narrative term that means “giving a story’s fans exactly what they want.” While the term originated (and is still most often used) in relation to anime and manga, it is now used to describe crowd-pleasing plot developments that occur in many types of stories.” Disponível em: https://slangit.com/meaning/fan_service. Acesso em: 21 jun 2021.

⁵⁰ Referência a George Lucas, famoso produtor cinematográfico conhecido como o criador das franquias de *Star Wars* e *Indiana Jones*.

⁵¹ Do original: “It’s all about marketing, about catering to the masses. Kili is the fan service for the tweenage fangirls, as is the romance subplot, Tauriel is eye candy for the guys, the action is ridiculously over-the-top and what gets lost? Exactly, the story telling! Jackson has, in essence, become the George Lucas of fantasy.”

impacto emocional, crendo também que a principal falha de DoS foi a sua falta de realismo e credibilidade narrativa e visual, causada pela ênfase exagerada de efeitos visuais de qualidade desnivelada (HARDY et al., 2017, p. 140-142).

No que diz respeito a esses dois filmes do Hobbit, todos, exceto aqueles que são maus, são completamente invencíveis. No SdA, Boromir foi morto no primeiro filme, estabelecendo que todos eram apenas pessoas (mais ou menos). Agora, não só os anões escapam sempre da morte inevitável, mas os elfos (especificamente Legolas) foram transformados em super-heróis, realizando acrobacias que teriam sido ridicularizadas no SdA. (Homem canadense de 18 anos apud HARDY et al., 2017, p. 141, nossa tradução)⁵²

O último e menor segmento foi o chamado de “Apreciadores da Terra-Média”, somando 0.7% dos entrevistados. Essas pessoas elogiaram a atuação, a habilidade artística do filme e seu cenário, sendo também mais abertos às mudanças necessárias ao processo de adaptação. O ponto principal para eles, porém, foi a possibilidade de retornar à Terra-Média, mesmo que ainda preferindo os filmes de O Senhor dos Anéis aos do Hobbit (HARDY et al., 2017, p. 142-143).

A pesquisa para a recepção de *A Batalha dos Cinco Exércitos* contou com 840 respostas de um total de 49 países. Com ela, também puderam ser identificados seis principais segmentos (correspondentes a 87% dos entrevistados): “Fãs Realizados do Hobbit”, “Críticos Zangados do Hobbit”, “Aderentes Infelizes de Tolkien”, “Entusiastas Ambivalentes da Terra-Média”, “Críticos de Cinema Apreciativos” e “Fãs Frustrados da Terra-Média” (HARDY et al., 2017, p. 143).

O maior grupo, assim como nas pesquisas anteriores, foi o grupo mais receptivo, nomeado aqui “Fãs Realizados do Hobbit”. Hardy et al. (2017) nota a queda da proporção desse grupo em relação aos demais filmes da trilogia (74% em AUJ, 57.7% em DoS e agora 48.2% dos entrevistados).

Essa parte dos entrevistados apreciou consistentemente a qualidade da atuação, considerou BotFA um espetáculo visual tecnicamente impressionante e emocionalmente poderoso e acredita que o filme ofereceu uma conclusão satisfatória e agradável à trilogia (HARDY et al., 2017, p. 144-146).

No extremo oposto desse segmento há os “Críticos Zangados do Hobbit” (1.7% dos entrevistados), que consideraram o filme profundamente desapontador. A maioria deles quis sair do cinema antes do final do filme, relatando problemas com

⁵² Do original: “As far as these two Hobbit movies go, everyone other than those who are evil are completely invincible. In LotR, Boromir was killed in the first film, instating that these were just people (more or less). Now, not only do the dwarves always escape inevitable death, but the elves (specifically Legolas) have been made into superheroes, performing stunts that would have been laughed at in LotR.”

o privilégio do espetáculo e ação em detrimento da narrativa e da caracterização dos personagens, o que resultou em pouca sensibilidade com o destino deles.

Eu realmente quis ir embora. Eu continuei desejando que estivéssemos na última cena de morte, e eu nem queria voltar ao Condado com Bilbo no final do filme. Eu realmente não queria que meus sentimentos sobre o Condado fossem manchados com qualquer merda com a qual Jackson poluiu o resto do filme. (Mulher neozelandesa de 37 anos apud HARDY et al., 2017, p. 146, tradução nossa)⁵³

Como também:

As motivações de Thranduil estão jogadas por todo o lugar, as suas ações e discurso constantemente se contradizem, fazem pouco sentido e assim por diante. Thorin não tem falhas reais, só uma psicose induzida por ouro. Bard é, é claro, um herói perfeito e sem falhas. (Homem dinamarquês de 29 anos apud HARDY et al., 2017, p. 147, tradução nossa)⁵⁴

Um grupo maior, constituído de 27.3% dos entrevistados, foi denominado “Aderentes Infelizes de Tolkien”. Eles também acreditam que o filme foi desapontador e desengajador, mas focaram a sua crítica nos aspectos da adaptação, crendo que o filme divergiu muito da obra original, com críticas especiais nas cenas ruins e constantes de ação e na falta de profundidade dada aos personagens.

Há uma dependência extrema na ação para conduzir a história e as cenas conduzidas pelos personagens que haviam pareciam ser exclusivamente não-canônicas - como o romance entre o anão que parecia suspeitosamente com um humano e surpreendentemente não tinha barba, e uma Amazona Élfica não-canônica apaziguadora de feministas. (Homem britânico de 19 anos apud HARDY et al., 2017, p. 148, nossa tradução)⁵⁵

O segmento denominado “Entusiastas ambivalentes da Terra-Média” contou com 4.9% dos respondentes. Eles expressaram fortes reservas quanto ao afastamento da espiritualidade forte de Tolkien em favor de implacáveis cenas de ação e também rejeitaram a adição de Tauriel à franquia, vendo-a como uma violação do cânone sagrado de Tolkien, e com isso demonstrando conhecimento quanto a série de livros. Apesar disso tudo, porém, eles ainda consideraram o filme digno de ser visto e um bom fechamento à série. (HARDY et al., 2017, p. 149-151)

⁵³ Do original: I really wanted to leave. I kept wishing we were at the last killing scene, and I didn't even want to go back to the Shire with Bilbo at the end of the movie. I really didn't want my feelings about the Shire tainted with any of the crap that Jackson had polluted the rest of the movie with.

⁵⁴ Do original: “Thranduil's motivations are all over the place, his actions and speech constantly contradict each other, make little sense and so on. Thorin doesn't have real flaws, just some gold-induced psychosis. Bard is, of course, a perfect hero without flaws.”

⁵⁵ Do original: “There is an extreme over-reliance on action to drive the story and what character-driven scenes there are seem to be exclusively non-canonical— such as the romance between a suspiciously human-looking and surprisingly beardless dwarf, and a feminist-appealing, non-canon Elven Amazon.”

Eu tenho vários problemas com a forma como Jackson adaptou *O Hobbit*, especialmente sua confiança excessiva em CGI e a adição de personagens e enredos extras e desnecessários, mas os filmes ainda são altamente divertidos e cheios de coração. (Homem americano de 20 anos apud HARDY et al., 2017, p. 151, tradução nossa)⁵⁶

Os “Críticos de Cinema Apreciativos” compunham 3% dos entrevistados. Eles não se envolveram tanto com o filme quanto os “Fãs Realizados do Hobbit”, mas ainda sim consideraram BotFA digno de ser assistido. Ao contrário dos outros grupos, esse segmento foi receptivo quanto a adição de Tauriel na franquia e menos averso ao romance dela com Kili. Enquanto os demais segmentos tenderam a dar respostas mais emocionais, esses respondentes articularam uma melhor avaliação da qualidade do filme, sob diversas dimensões. (HARDY et al. 2017, p. 152-153)

Eu aprecio que Jackson reconheceu a falta de uma personagem feminina forte para o público feminino. Eu acho que ela foi um equilíbrio fantástico: várias pessoas não gostaram do relacionamento dela com Kili, mas eu achei legal. (Mulher americana de 21 anos apud HARDY et al., 2017, p. 152-153, tradução nossa)⁵⁷

O grupo final foi chamado “Fãs Frustrados da Terra-Média”, que corresponde a 2% dos entrevistados. Eles foram especialmente críticos quanto aos efeitos especiais e a falta de credibilidade quanto ao desafio das leis da física em algumas cenas. Eles também acreditam que o filme falhou em fechar todas as pontas soltas do enredo, se desviou muito do espírito de Tolkien (apesar de se mostrarem agradavelmente surpresos quanto a adição de Tauriel) e não os transportou totalmente para a narrativa, apesar de apreciarem as conquistas de Jackson quanto ao feitio do filme. (HARDY et al., 2017, p. 154-155)

Eu não senti que o final foi bem amarrado. Muitas conclusões importantes faltaram (a Pedra Arken, quem se torna rei ou se é o Dain, o que acontece com o ouro). Eu acho que se eu não tivesse conhecimento do final do livro isso se tornaria um problema ainda maior, o que significa que os filmes não são internamente consistentes. (Mulher neozelandesa de 22 anos apud HARDY et al., 2017, p. 154, tradução nossa)⁵⁸

A adaptação em filme de uma obra de Tolkien trouxe de volta os velhos fãs da

⁵⁶ Do original: “I have a lot of issues with how Jackson has adapted The Hobbit, especially his over-reliance on CGI and adding extra unnecessary characters and plots, but the films are still highly entertaining and full of heart.”

⁵⁷ Do original: “I appreciate that Jackson recognized the lack of a strong female character for female viewers. I thought she was a fantastic balance: many people disliked her relationship with Kili, but I thought it was nice.”

⁵⁸ Do original: “I didn’t feel that the end was well tied up at all. Too many important conclusions were missing (the Arkenstone, who becomes king or whether Dain does, what happens with the gold). I think if I didn’t have any knowledge of the book ending it would be even more of an issue, as it means the films are not internally consistent.”

trilogia do anel e reavivou a comunidade. Ao entrar em livrarias na época do lançamento dos filmes, *O Hobbit* encontrava-se em posição de destaque, juntamente com outras obras de Tolkien, como *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion*.

O *fandom* de Tolkien também voltou com força nessa época. Apesar de ser constante na produção de material artístico de fãs, a estreia de uma nova adaptação traz de volta a paixão dos fãs antigos e atrai novos fãs, que entram em contato com as obras pela primeira vez através do cinema.

No site de arquivamento de *fanfictions Archive of Our Own*, somente 104 trabalhos haviam sido publicados antes da estreia do primeiro filme, *Uma Jornada Inesperada*, em oposição aos 35.335 trabalhos publicados depois dessa data.⁵⁹

Redes sociais como o Tumblr serviram para popularizar o *fandom*. Fãs que já faziam parte dele, ao mostrar sua animação pelas novas adaptações, levavam colegas de outros *fandoms* a se interessarem em conhecer a obra amada pelos amigos. Esse fenômeno se tornou muito comum depois da inserção dos *fandoms* nas mídias digitais, como será abordado mais adiante.

Ainda hoje o *fandom* de *O Hobbit* continua ativo, com novos trabalhos sendo postados diariamente em várias plataformas⁶⁰.

⁵⁹ Disponível em: <https://archiveofourown.org/tags/The%20Hobbit%20-%20All%20Media%20Types/works>. Acesso em: 04 abr 2021. Também é importante salientar que, provavelmente, já haviam centenas de *fanfictions* anteriores ao filme publicadas em outros lugares, tanto em outros sites, como em outras mídias, como no caso das *fanzines*. Isso ocorre, principalmente, pelo fato do *fandom* de *O Hobbit* ser muito antigo, já que se trata de um livro publicado em 1937. É muito provável que vários desses arquivos tenham se perdido com o tempo.

⁶⁰ Disponível em: https://archiveofourown.org/works?utf8=%E2%9C%93&work_search%5Bsort_column%5D=revised_at&work_search%5Bother_tag_names%5D=&work_search%5Bexcluded_tag_names%5D=&work_search%5Bcrossover%5D=&work_search%5Bcomplete%5D=&work_search%5Bwords_from%5D=&work_search%5Bwords_to%5D=&work_search%5Bdate_from%5D=2021-06-15&work_search%5Bdate_to%5D=2021-06-22&work_search%5Bquery%5D=&work_search%5Blanguage_id%5D=&commit=Sort+and+Filter&tag_id=The+Hobbit+++All+Media+Types. Acesso em 23 jun 2021.

3 A FANFICTION E AS TRIBOS

Qualquer um que entre em contato com *fandoms* por tempo o suficiente pode notar o quão intrincadas e necessárias são as interações entre seus membros, de modo que, sem essas interações, não há *fandom*. A coletividade é indiscutivelmente crucial para as atividades do *fandom*. É simples relacionar esse senso grupal a definição de tribos, criada por Maffesoli. Em suas práticas conjuntas, *fandoms* se tornam exemplos claros das tribos presentes na sociedade atual.

O capítulo “A fanfiction e as tribos” tem dois subcapítulos. Em “Fanfiction: definição e origem”, o primeiro subcapítulo, problematizamos o conceito de *fanfiction*. Em seguida, fazemos uma linha do tempo, contando a origem dessa forma de escrita. Falamos sobre o início dos *fandoms* e sobre como o *fandom* de ficção científica modelou e abriu espaço para os *fandoms* atuais. Comentamos sobre o fenômeno de *Star Trek*, as séries estilo Buddy-cop e sobre como o surgimento da internet abriu espaço para uma nova maneira de se viver o *fandom*.

O segundo subcapítulo, “As tribos e o comportamento comunitário dentro dos *fandoms*”, interpreta as comunidades dos *fandoms* como tribos, conceito criado por Michel Maffesoli. O autor, em entrevista, fala sobre a escolha da palavra “tribo” e como ela se relaciona com o que vemos atualmente, principalmente na internet:

Se eu escolhi a palavra “tribo” em 1988... foi para mostrar que estamos testemunhando um retorno para o que costumava ser considerado desatualizado. Hoje, nas selvas de concreto que são nossas megacidades contemporâneas, há uma necessidade de permanecermos unidos. O que é diferente sobre as tribos pós-modernas (comparadas com as tribos de séculos atrás) é a sua sinergia do arcaico com o tecnológico. Setenta por cento do tráfego da internet hoje é sobre comunidade - encontros românticos, filosóficos ou religiosos. (MAFFESOLI, 2014, apud IOVENE, 2014, nossa tradução)⁶¹

O autor, ao comentar sobre a situação atual da internet, justifica a nossa escolha ao utilizarmos o termo “tribo” em relação às fanfictions. Mesmo que o termo denote algo considerado desatualizado e que ele tenha sido escolhido nos anos 1980, a natureza comunal da internet, e do que há nela (incluindo as comunidades que tornam o fazer das fanfictions possível), faz com que o uso do termo se torne assertivo.

⁶¹ Da versão inglesa: “If I chose to use the word “tribe” in 1988... it was to show that we are witnessing a return to what used to be thought of as outdated. Today in the concrete jungles that are our contemporary megacities, there is a need to stick together. What is different about post-modern tribes (compared to tribes of centuries ago) is their synergy of the archaic and the technological. Seventy percent of Internet traffic today is about community -- romantic, philosophical or religious meetings.”

Mostramos como acontece esse comportamento grupal nas comunidades envolvidas na criação de *fanfictions*. Ao entendermos melhor esse fenômeno, temos maior competência para analisar as *fanfictions* de *O Hobbit* e o que o conteúdo que elas abrangem nos contam sobre a sua própria comunidade.

3.1 FANFICTION: DEFINIÇÃO E ORIGEM

Situar o início da escrita de *fanfictions* é uma tarefa complexa. Em primeiro lugar, porque dependerá muito de como definimos *fanfiction*.

Grossman (2017), na apresentação do livro *Fic: Por que a fanfiction está dominando o mundo*, comenta três acontecimentos em 1966 que mudariam a forma como pensamos a ficção. A primeira seria a publicação de *Wide Sargasso Sea*, de Jean Rhys, uma reimaginação da história de Bertha Mason, primeira esposa do Sr. Rochester, personagem do romance *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë. A segunda seria a primeira apresentação da peça *Rosencrantz e Guildenstern Are Dead*, de Tom Stoppard. A peça, apresentada no Fringe Festival de Edimburgo, “expande e faz improvisações sobre as breves vidas de dois desafortunados coadjuvantes de *Hamlet*, obra de Shakespeare” (GROSSMAN, 2017, p. 11). A terceira é a estreia de *Jornada nas Estrelas*, marco inegável na história dos fandoms. A série, que estreou dia 8 de setembro de 1966, teria, como lembrado por Grossman, somente três temporadas em sua versão original, mas o impacto da série não terminaria junto dela. Os seus fãs, não satisfeitos com o que a série proporcionava, seriam conhecidos por criar conteúdos próprios para serem consumidos entre si, como a escrita de novas aventuras com suas personagens favoritas.

Jornada nas Estrelas, ou *Star Trek*, teria sido “uma das primeiras séries a atrair algo mais do que uma audiência; uma comunidade de fãs, um grupo de pessoas que discutiam coletivamente, analisavam, criticavam e ficaram obcecadas.” (GROSSMAN, 2017, p. 11). Gnipper (2020) aponta, em seu artigo *Star Trek: há mais de 50 anos audaciosamente indo aonde ninguém jamais esteve*, a extensão da popularidade que *Star Trek* alcançou, inspirando vários produtos derivados que seriam consumidos pelos seus fãs.

O grandioso sucesso da franquia *Jornada nas Estrelas* acabou fazendo com que a produção se tornasse uma marca e, conseqüentemente, um estilo de vida para uma imensidão de fãs. Entre os diversos produtos que acabaram

usando a marca *Star Trek* estão livros de romance, livros biográficos, quadrinhos, jogos eletrônicos, jogos de RPG, jogos de tabuleiro, linhas de maquiagem, coleções de roupas e itens de vestuário e muito mais. (GNIPPER, 2020)

Grossman destaca como o fandom de *Star Trek* se tornara tão intenso em relação ao seu produto de admiração, que o próprio conteúdo da série já não satisfazia mais os seus fãs. Ele conclui que “os fãs precisavam de mais do que os criadores da série podiam entregar.” (GROSSMAN, 2017, p. 11). E é nesse ponto que a produção de fã começa.

Na manifestação dessa necessidade, surge também a solução: ao invés de esperar e consumir silenciosamente o que era dado para eles pelos produtores, os fãs decidiram suprir sua própria necessidade de conteúdo, tornando-se eles mesmos os seus próprios escritores, ilustradores, críticos e público-alvo. Grossman narra o evento como uma verdadeira revolução, onde “eles confiscam, como revolucionários, os meios de produção” (GROSSMAN, 2017, p. 11).

O autor (2017, p. 11) conclui com esses três acontecimentos de 1966 que, mesmo que seja pouco provável de Jean Rhys ou Tom Stoppard tivessem conhecimento do que ocorria dentro do fandom de *Star Trek*, sabendo sobre a existência das *fanzines*, eles e os fãs criadores de conteúdo participavam de um mesmo projeto: “a ruptura do antigo paradigma em que as histórias e os personagens são propriedade exclusiva de seus autores, e no qual os leitores e os espectadores permaneciam em um estado de mudez passiva.” (GROSSMAN, 2017, p. 11)

Este tipo de escrita, porém, teve vários precursores. Fãs realizam interações não autorizadas com as obras de outros autores há muito tempo:

A sobrinha de Jane Austen escreveu certa vez uma carta endereçada a Georgiana Darcy. Em 1893, ninguém menos que J. M. Barrie escreveu uma história com Sherlock Holmes e Dr. Watson. Holmes foi o foco especial da primeira fanfiction: quando um ator norte-americano chamado William Gillette escreveu uma peça de teatro sobre Holmes, ele entrou em contato com Arthur Conan Doyle pedindo permissão para casar Holmes. Doyle respondeu, solícito: “Você pode casá-lo ou matá-lo, ou fazer o que quiser com ele.” (GROSSMAN, 2017, p.12)

Um caso interessante, e bem diferente do de Doyle, de interação não-autorizada foi o caso com *Dom Quixote*. Alfonso Fernández de Avellaneda escreveu, em 1614, uma continuação para a famosa obra de Cervantes. Mesmo que, no final do século XVI, fosse prática comum escrever com base nas obras de outros autores, o que era diferenciado no caso de Avellaneda era que ele estava

publicando sua obra como a sequência real da obra de Cervantes, não uma homenagem ou outra versão da obra, mas como não havia leis de direitos autorais naquela época, a única coisa que Cervantes podia fazer era escrever sua própria sequência, onde o “verdadeiro Quixote descobre e zomba de seu impostor” (JAMISON, 2017, p. 43). Cervantes escreve a “verdadeira sequência” da sua própria história, afirmando que “o verdadeiro Quixote está “com suas esporas, e à caminho’, (...) de forma a afastar o ódio e o desgosto causado por outro Dom Quixote que, sob o nome de Segunda Parte, saiu mascarado por todo o mundo” (JAMISON, 2017, p. 42). Para evitar outros problemas, o autor, inclusive, mata Dom Quixote no livro, para que, assim, novas continuidades não fossem feitas.

Grossman, além de citar a questão dos direitos autorais, também ressalta que, juntamente ao abrir novos espaços, a fanfiction também tenta retomar espaços perdidos:

Antes da era moderna dos direitos autorais e propriedade intelectual, as histórias pertenciam a todos, passadas de mão em mão e narrador a narrador. Há uma razão pela qual Virgílio nunca foi processado pelos herdeiros de Homero pelo empréstimo de Eneias da *Ilíada* e sua transformação na *Eneida*. Personagens e mundos fictícios eram recursos compartilhados. Mesmo considerando todas as implicações e subversões radicalmente novas [...], a fanfiction também representa o retorno do pêndulo em direção àquela velha forma de pensar. (GROSSMAN, 2017, p. 13-14)

A *fanfiction*, apesar de não precisar necessariamente ser produzida dentro de um contexto social de interação entre fãs, costuma ocorrer dentro dos *fandoms*, grupos sociais sobre cujo comportamento discorreremos mais adiante.

Anne Jamison, também em *Fic: Por que a fanfiction está dominando o mundo*, dá muita ênfase ao fandom de *Sherlock*. Ela afirma, de forma interessante, que “Sherlock Holmes praticamente começou a mídia de massa - mesmo que, na verdade, só praticamente.” Ela conta como Doyle começou a publicar as histórias de Holmes em pequenas histórias publicadas na revista *The Strand*, que conseguiu, rapidamente, milhares de leitores: algo como 500 mil exemplares da revista em circulação. (JAMISON, 2017, p. 52)

A autora afirma que “Sherlock Holmes produziu o maior número de continuções, pastiches e adaptações, no maior número de mídias, de todos os tempos” (JAMISON, 2017, p. 52).

Com medo de ser eclipsado pelo próprio personagem, Doyle decidiu matar

Holmes. Esta estratégia, porém, acabou não funcionando, pois as pessoas continuavam a trazer Holmes de volta à vida por meio de peças, paródias e pastiches - “alguns perfeitamente legais, outros simplesmente não contestados” (JAMISON, 2017, p. 55). Doyle acabou ressuscitando Holmes, dez anos depois.

Vamos fazer um pequeno adentro e explicar brevemente os conceitos de paródia e pastiche, e por que eles não são sinônimos de *fanfiction*. Paródia é, segundo Knight (2020):

Uma expressão criativa que imita deliberadamente o trabalho ou estilo protegido por direitos autorais de outro autor, artista ou gênero para efeito cômico. Uma maneira fácil de pensar sobre a paródia é considerá-la uma crítica ou comentário sobre uma obra original de forma cômica ou a ridicularizando. (KNIGHT, 2020, tradução nossa⁶²)

Há também o conceito de pastiche. Barros (2015) define pastiche como: “obra literária ou artística em que se imita abertamente o estilo de outros escritores, pintores, músicos etc.”. Conde (2010) explica, de forma sucinta, a diferença entre paródia e pastiche:

A paródia distingue-se do pastiche de um modelo preexistente por pressupor a ridicularização ou anedotização desse modelo, ao passo que o pastiche apenas se conforma com o decalque, sem qualquer intenção de interferir moral ou socialmente com o objecto decalcado. (CONDE, 2010)

Agora que deixamos claro o que são paródia e pastiche, e a diferença entre elas, vamos falar sobre a relação desses dois termos com *fanfiction*. As *fanfictions*, como já explicamos, são obras criadas por fãs e para fãs utilizando elementos da obra original na qual ela se inspira para criar algo novo. Apesar de assemelhar-se muito ao conceito de pastiche, a princípio, a *fanfiction* tem, de um certo modo, estilo e finalidades diferentes. Enquanto o pastiche procura, como diz Schear (2014), seguir o estilo da obra original em que se baseia, isso não é verdade, necessariamente, em *fanfictions*. *Fanfictions* são utilizadas como forma de comunicação entre membros de uma mesma comunidade (*fandom*), o que não se aplica aos pastiches. A questão é que *fanfictions*, apesar de não serem pastiches ou paródias, podem as conter dentro de si. Uma *fanfiction* pode ser escrita tentando imitar o estilo de um autor, como em pastiches, e também pode ser feita com o propósito de ridicularizar a obra original, como em paródias.

⁶² Do original: “a creative expression that deliberately mimics the copyright-protected work or style of another author, artist, or genre for comical effect. One easy way to think about parody is to consider it criticism or comment on an original work in a comedic or ridiculing way.”

Sabemos, então, que pastiches e paródias não são exatamente *fanfiction*, mas o hábito do *fandom* de *Sherlock Holmes* de continuar as aventuras do detetive, “encontrar novos escritos de Watson”, e explorar temas não explorados por Doyle continua muito presente nos dias atuais. Várias dessas releituras de Sherlock deram origem a séries de televisão muito conhecidas, como *Sherlock*, da BBC e *Elementary*, da CBS. Tanto o material de origem, como as séries derivadas, são usadas como base para milhares de *fanfictions* postadas regularmente nos dias atuais. Somente a série da BBC tem mais de 120 mil trabalhos publicados no *Archive of Our Own*⁶³.

Para abordarmos o tema de *fanfictions* como as conhecemos hoje, é melhor começarmos falando de *fandoms*. Uma ótima fonte para uma concisa história sobre os *fandoms* é o capítulo de Francesca Coppa em *Fan Fiction and Fan Communities in the Age of Internet: New Essays*. Ela relata como a palavra *fandom* foi primeiro utilizada para se referir a grupos interessados em esportes e teatro, passando a ser utilizada por fãs de ficção científica depois (COPPA, 2014, p. 38).

Acredita-se que o *fandom* de ficção científica tenha se desenvolvido através da revista *Amazing Stories* (1929), revista que continha espaços onde fãs e editores podiam interagir entre si (COPPA, 2014, p. 38)

A primeira *fanzine* de ficção científica foi chamada *The Comet* (1930), e foi criada a partir da interação entre fãs, que se organizaram e começaram a criar arte. Coppa (2014) conta como a falta de regularidade de publicação de ficção científica durante a Grande Depressão ajudou no desenvolvimento da arte criada por fãs, já que essa arte é o que poderia compensar essa falta no mercado.

Algo semelhante ocorreu com o *fandom* de *Star Trek*, onde, como já comentamos anteriormente, as dificuldades encontradas pelos fãs despertaram o desejo de se envolver mais nos *fandoms*: *Star Trek* tinha problemas com audiência, o que fez com que seus fãs fossem ainda mais vocais sobre os seus interesses (COPPA, 2014).

O *fandom* de *Star Trek* era ativo e criativo, o que levava aos seus fãs produzirem os mais diversos conteúdos com base nele, como conta Coppa:

⁶³ Como pode ser visto em: [https://archiveofourown.org/tags/Sherlock%20\(TV\)/works](https://archiveofourown.org/tags/Sherlock%20(TV)/works). Acesso em 22 mar 2022.

produzia não simplesmente a discussão crítica típica de fandom de ficção científica, mas respostas criativas ao seu show favorito. Desde o princípio, as zines de Star Trek incluíam fan art - poemas, músicas, histórias, desenhos, teleplays. (COPPA, 2014, p. 41)

Jamison (2017, p. 84, 86) conta como, a princípio, o termo *fanfiction* (chamado de *fan fiction*) era somente o nome dado às ficções originais escritas por autores amadores dentro das *fanzines* ou ficções sobre fãs e *fandoms*. Foi preciso algum tempo para que o termo tivesse a definição que carrega hoje e foi no fandom de *Star Trek* que as *fanfictions* em *zines* de ficção científica realmente explodiram (JAMISON, 2017, p. 93).

O modo como *Star Trek* lidava com as emoções de seus personagens atraiu a audiência feminina, que se tornou a principal fonte de obras escritas dentro do *fandom*: Em 1970, 83% desses escritores eram mulheres, número que subiu para 90% dois anos depois, como já havíamos comentado anteriormente (COPPA, 2014, p. 42).

Tanto Coppa como Jamison narram, porém, a verdadeira “guerra dos sexos” que surgiu no fandom de *Star Trek*. Enquanto os homens pareciam preferir escrever suas próprias histórias de ficção científica e gostassem mais do aspecto científico da série, as mulheres pareciam mais interessadas nos relacionamentos complexos entre os personagens principais. Era uma guerra também entre o que era ficção científica de verdade. Os “fãs de mídia” estavam interessados na ficção científica como era mostrada em séries e filmes, e os “fãs literários” criam que a verdadeira ficção científica estava presente nos livros. Esta também foi uma grande divisão entre gêneros: nestes primeiros dias, os fãs de mídia eram apenas 60-70% mulheres. Mas os fãs de mídia que escreviam “*fanfic* de mídia” eram quase 90% mulheres. Fãs literários eram ao redor de 90% homens. (POOLE apud JAMISON, 2017, p. 98)

Jamison destaca bastante, durante o livro, essa natureza “briguenta” dos *fandoms*. Falaremos mais sobre o comportamento social dos fãs mais adiante.

Nos anos 70, os *Buddy Cop shows* surgiram. Mesmo que essas séries não tivessem muito em comum com *Star Trek*, Coppa (2014) explica como o foco no relacionamento entre os personagens e a importância da amizade e parceria dessas obras fizeram com que as práticas realizadas em um *fandom* pudessem ser

facilmente transportadas para esses novos interesses.

Em 1977 estreava *Star Wars*, cuja fama provocou uma verdadeira explosão de ficção científica. Coppo (2014, p. 45-46) relata como, se antes os fãs de ficção científica tinham dificuldades em ter novos conteúdos, agora eles se afogavam neles. Os *fandoms* de *Star Wars* e *Star Trek* nem sempre se relacionavam de forma positiva, mas vários fãs migravam entre eles. Depois do sucesso de *Star Wars*, muitos filmes de ficção científica e de fantasia surgiram.

Nessa época, o fandom de mídia realmente cresceu e se espalhou, não só porque havia tantos filmes para escolher, mas também por causa da natureza de pesquisa obsessiva da maioria dos fãs de mídia[...] (COPPA, 2014, p. 46)

Nos fim dos anos 1980 começou a migração das *fanzines* para o que se tornaria a internet. Vários fãs começaram a utilizar a *Usenet*, criando espaços especiais para a distribuição de conteúdos que só poderiam ser distribuídos antigamente de mão-em-mão, através das *fanzines* (COPPA, 2014, p. 48-49).

Depois que os *fandoms* migraram para a internet, o que aconteceu com mais força nos anos 1990, a forma com que os fãs eram introduzidos nas comunidades mudou para sempre. Antes, fãs mais novos eram monitorados por fãs mais velhos, que introduziam essas pessoas a convenções, apresentavam *fanzines*, etc. Depois que os *fandoms* entraram na internet, uma simples pesquisa no *Google* já colocava a disposição do novo entusiasta centenas de sites com milhões de *fanfictions* e fóruns para escolher (COPPA, 2014). Não era necessário mais um intermediador.

Essa facilidade de encontrar novos conteúdos fez com que o *crossover* entre *fandoms* e mídias diferentes acontecesse com muito mais facilidade.

Quando todos esses fandoms - mídia, quadrinhos, celebridades, música, anime - se moveram para a internet, eles ganharam uma audiência mais ampla, e a audiência mais óbvia para um "novo" fandom era uma pessoa do que podemos chamar, pela falta de um termo melhor, fandom vizinho. Então alguns fãs de mídia se interessaram em quadrinhos, alguns fãs de anime começaram a escrever sobre celebridades, e alguns fan writers de celebridades começaram a modelar o seu trabalho no trabalho feito nos fandoms de mídia. (COPPA, 2014, p. 52)

Outra grande mudança que surgiu com a internet foi o anonimato. Para colocar as mãos em uma *fanzine* você tinha que encontrá-la pessoalmente ou mandar seu endereço para que alguém a enviasse a você. O anonimato não era uma opção. Já na internet, nenhuma informação pessoal precisava ser compartilhada para que os fãs tivessem acesso ao seu conteúdo. Jamison (2017,

p. 120) conta como “revelar a identidade e a localização de alguém na ‘vida real’ rapidamente foi visto como um pecado gravíssimo, enquanto que, nos dias das zines, tal informação era compartilhada de forma comum.”

Jamison comenta sobre a atual possibilidade que os autores de *fanfiction* têm de “brincar” com a sua identidade. Muitas pessoas assumiram a identidade de personagens ou personalidades online, ganhando a possibilidade de experimentar, por várias razões diferentes, “novos estilos, gêneros, sexualidades e aparências.”

Hoje, nas comunidades de fic com maioria feminina, uma escritora mulher pode assumir uma identidade masculina para conseguir atenção, para experimentar a interação como homem ou, às vezes, para provar uma questão política. Um homem entusiasta pode se passar por mulher e evitar a atenção extra. As pessoas geralmente não demonstram nenhum gênero ou raça ou orientação, mesmo que muitos encontrem as mesmas questões e tensões ressurgindo em comunidades online ou fiquem cansados das hipóteses feitas sobre ele. Às vezes escritores assumem identidades fantasmas para elogiar ou promover seu próprio trabalho e destruir o trabalho de seus rivais. (JAMISON, 2017, p. 121)

A estrutura dos *fandom* muda, com o tempo, de listas de e-mail para os grandes arquivos de *fanfictions* que temos hoje, alguns dos quais já citamos anteriormente, como o *Fanfiction.net*, o *Archive of Our Own* e o *LiveJournal*. O Brasil também conta com sites de arquivamento de *fanfictions* feitos para o público brasileiro, como o *Spirit Fanfics* e *Histórias* e o *Nyah!Fanfiction*.

Não há história oficial sobre a jornada das *fanfiction* no Brasil, mas pode-se imaginar que elas estão presentes a certo tempo. A popularização da internet no país ocorreu ao longo do ano de 1996⁶⁴, então é possível, mesmo sem sites oficiais brasileiros ou em língua portuguesa para o acesso e compartilhamento de *fanfictions*, que fãs brasileiros tivessem acesso a sites estrangeiros para que este consumo ocorresse.

Em relação aos sites nacionais, o site *Fanfics Brasil*, por exemplo, surge da necessidade de suprir o que as comunidades de Orkut, antiga rede social, da época, não conseguiam. O *Observatório do Audiovisual* conta essa jornada, falando sobre a popularidade que as *fanfiction* da novela mexicana *Rebeldes* tinham na época, sendo compartilhadas nos fóruns do Orkut.

⁶⁴ Muller (2008) afirma que, nesta época, “pela melhoria nos serviços prestados pela Embratel, mas principalmente pelo crescimento natural do mercado, a Internet brasileira crescia vertiginosamente, tanto em número de usuários quanto de provedores e de serviços prestados através da rede”. Disponível em: https://www.oficinadanet.com.br/artigo/904/o_comeco_da_internet_no_brasil. Acesso em 10 maio 2022.

Sobre compartilhamento físico de *fanfictions* no país, ao que tudo indica, a primeira *Comic Con* do Brasil também aconteceu recentemente, em 2014: *A Comic Con Experience*, trazida ao Brasil pelo grupo Omelete. Não sabemos sobre os pequenos e não-oficiais encontros entre fãs que, provavelmente, ocorreram anteriormente a este evento, mas é possível supor que tenham sido compartilhadas *fanzines* nesses espaços.

Vamos abordar no próximo subcapítulo a relação dos *fandoms* e *fanfictions* com as comunidades, representadas pelo conceito de tribos urbanas.

3.2 AS TRIBOS E O COMPORTAMENTO COMUNITÁRIO DENTRO DOS FANDOM

Como já abordamos anteriormente, há uma visão equivocada de que a sociedade atual é extremamente individualista. Mesmo que algumas críticas a esse individualismo tenham pontos interessantes, é preciso lembrar do quanto nossa sociedade pode ser não só não individualista, mas extremamente dependente de grupos sociais.

Insistiram tanto na desumanização, no desencantamento do mundo moderno, na solidão que ele engendra, que não conseguem mais ver as redes de solidariedade que nele se constituem. (MAFFESOLI, 2014, p. 129)

A citação anterior traz pontos interessantes a serem discutidos. Esse desencantamento das pessoas em relação às suas vidas e ao mundo que as rodeia vem cegando elas em relação a características desse mesmo mundo em que elas vivem. Como Maffesoli comenta, há, sim, redes de solidariedade intrínsecas a essa nossa sociedade. Sociedade essa que vem mudando sua forma de ser, deixando de focar somente no racional para trazer uma forma de viver empática.

Maffesoli comenta em seu livro *O Tempo das Tribos* (2014) sobre nossa mudança de sociedade racional para empática:

Depois da dominação do “princípio do logos”, o de uma razão mecânica e previsível, o de uma razão instrumental e estritamente utilitária, assiste-se o retorno do “princípio do eros”. Eterno combate de Apolo e Dionísio! (MAFFESOLI, 2014, p. XXIII)

Segundo o sociólogo, estamos em um momento, em nossa sociedade, onde nos voltamos novamente ao bárbaro. Esta razão mecânica que parece ter nos dominado por tanto tempo, simbolizada por Apolo (o racional), começa a abrir

espaço para uma vivência que foca não na lógica, e sim nas experiências e nos sentimentos, representados, assim, por Dionísio (o não racional).

Por mais que as discussões e análises de obras tenham seu espaço dentro dos *fandoms*, o que parece imperar nesses ambientes é a necessidade e busca pela conexão interpessoal entre os membros, assim como acontece em qualquer outra tribo moderna. Fãs de esporte prezam pela conexão entre membros, seja discutindo placares e estatísticas ou somente cantando músicas e gritando encorajamento ao seu time no estádio, durante uma partida. Membros de igrejas reúnem-se com frequência para, não só analisarem suas escrituras sagradas, mas também para invocarem a presença do divino em conjunto. *Fandoms* não se distanciam dessas práticas.

Junto com a volta do não racional, outro termo entra em discussão também: a ideia da criança eterna no pós-modernismo, muito ligada ao dionisíaco. O prefácio de *O Tempo das Tribos* (2014) tece um comentário sobre essa ideia.

O falar jovem, o vestir-se jovem, os cuidados com o corpo, as histerias sociais são, amplamente, partilhados. Cada um, quaisquer que sejam sua idade, sua classe, seu status é, mais ou menos, contaminado pela figura da criança eterna [...] Toda a ocasião é boa para viver, em grupo, essa perda de si no outro, da qual a perpétua criança que é Dionísio e as bacanais que ele incita são os exemplos acabados. (MAFFESOLI, 2014, p. XXV - XXVI)

Fandoms trabalham muito com o lúdico. Tanto que a escrita de *fanfictions* quase nunca é associada a adultos, sempre a membros mais jovens, costumeiramente pré-adolescentes e adolescentes, possivelmente pela ideia equivocada de que o lúdico não deve ser acessível a adultos. Bruhns (1997, p. 11 APUD FERREIRA et al, 2004) comenta sobre o desrespeito a práticas lúdicas: “não raro encaradas como contraponto de seriedade, reino de tudo que é inútil, improdutivo, vazio. Coisas para entreter quem não tem mais o que fazer.” É compreensível a ligação de atividades “para quem não tem mais o que fazer” com crianças e adolescentes, já que estas faixas etárias não são, pelo menos idealmente, membros da força de trabalho de um país. Porém, como vemos na citação de Maffesoli, a juventude da criança eterna, dionisíaca, é cada vez mais presente em nossa sociedade, e isso inclui todas as faixas etárias.

Como já abordamos anteriormente, a ideia de uma juventude isolada é equivocada. As novas gerações anseiam por conexão, e muitas pessoas as encontram em *fandoms*. *Fandoms* trabalham com o sentimento de pertencimento.

A prática de *fandom* nunca pode ser individual, ela necessita da comunicação entre membros.

O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar a um grupo, como fundamento essencial de toda a vida social (MAFFESOLI, 2014, p. XXVII)

Os fandoms realizam o que se chama de simbiose afetiva:

Pode-se considerar uma relação simbiótica quando ocorre identificação projetiva cruzada, em que, cada um dos indivíduos deposita no outro, e deste recebe, ao mesmo tempo, os conteúdos psíquicos inconscientes. (AZEVEDO; NEME, 2009)

Ao se expressar por meio de histórias e outras atividades nesses ambientes, como as análises de mídia, desenhos, edições, composições, etc, os membros de *fandoms* partilham emoções e vivências. Mesmo que a escrita de *fanfictions* possa acontecer individualmente, o que a caracteriza é a sua sociabilidade.

Em face da anemia existencial suscitada por um social racionalizado demais, as tribos urbanas salientam a urgência de uma socialidade empática: partilha das emoções, partilha dos afetos. Lembro que o “comércio”, fundamento de todo estar junto, não é, simplesmente, a troca de bens; ele é também “comércio das ideias”, “comércio amoroso”. (MAFFESOLI, 2014, p. XXVII)

Existe um “comércio amoroso” na prática de *fanfictions*. Os comentários são um deles. A comunicação exercida entre escritor e autor é indispensável para a prática da escrita de *fanfictions*. O engajamento que as obras recebem impactam muito na finalização ou não da história. Escritores se sentem motivados pelo interesse e animação de leitores fiéis.

Nesse sentido, uma das reclamações mais comuns de escritores de *fanfictions* é o baixo número de comentários em relação ao esforço para produzir as obras. É importante salientar que várias *fanfictions* são tão grandes quanto, se não mais longas que livros de ficção publicados, mas não há ganho monetário. É só pelo “comércio amoroso” que pode haver um senso de retribuição fora da satisfação pessoal de terminar uma obra.

Outro fenômeno que podemos ver são os “tropos⁶⁵” comuns em diferentes

⁶⁵ Betts (S.I.) define “trope” como “um elemento de enredo comum e reconhecível, tema, ou sugestão visual que transmite algo nas artes”. Do original: “a commonplace, recognizable plot element, theme, or visual cue that conveys something in the arts”. Disponível em: <https://examples.yourdictionary.com/examples-of-trope.html>. Acesso em 24 abr 2022.

fandoms e “*fanons*”⁶⁶ famosos. *Crossovers*⁶⁷ com *Harry Potter*, separando os personagens da obra utilizada como base nas casas de Hogwarts, são um exemplo de tropo comum à maioria dos *fandoms*, assim como *AU*⁶⁸s passados em Universidades ou Ensino Médio e Almas gêmeas. Alguns outros podem ser mais específicos ao *fandom* referente, como as personagens Hank Anderson e Connor, do vídeo game *Detroit: Become Human* (2018), compartilharem uma casa após os eventos do jogo, ou o *fanon* popular de que Crowley, da série *Good Omens* (2019) era o anjo Rafael⁶⁹. A verdade é que todas essas características não seriam possíveis se *fandoms* fossem individualistas.

Basta ver a importância da moda, do instinto de imitação, das pulsões gregárias de todos os tipos, das múltiplas histerias coletivas, dos agrupamentos musicais, esportivos, religiosos, dos quais tenho frequentemente falado, para se convencer do contrário. (MAFFESOLI, 2014, p. XXVIII)

Um bom exemplo de como os *fandoms* podem ser criativos a ponto de criarem uma cultura em torno de ideias que eles mesmo tiveram está no exemplo da personagem Gavin Reed, de *Detroit: Become Human* (2018).

Detroit: Become Human (2018) é um vídeo game que narra a história de andróides que desenvolvem consciência e começam a se rebelar e lutar contra os humanos em prol de sua liberdade. A história é narrada do ponto de vista dos três protagonistas do jogo, os andróides Kara, Markus e Connor, cujas decisões (escolhidas pelo jogador) vão determinar o desfecho da história.

Uma das partes mais curiosas do *fandom* de *Detroit: Become Human* é a popularidade da personagem Gavin Reed. A personagem é uma policial do

⁶⁶ Your Dictionary define “fanon” como “Elementos introduzidos por fãs que não estão no no canone oficial de um mundo fictício, mas são amplamente cridos ou tratados como canônicos. Do original: “Elements introduced by fans which are not in the official canon of a fictional world but are widely believed to be or treated as if canonical.” Disponível em: <https://www.yourdictionary.com/fanon>. Acesso em 10 maio 2022.

⁶⁷ O dicionário Sensagent define Crossover como “[...] o evento fictício em que dois ou mais personagens, cenários ou acontecimentos são compartilhados por séries diferentes.” Disponível em: [http://dicionario.sensagent.com/Crossover%20\(fic%C3%A7%C3%A3o\)/pt-pt/](http://dicionario.sensagent.com/Crossover%20(fic%C3%A7%C3%A3o)/pt-pt/). Acesso em 10 maio 2022.

⁶⁸ AU é a sigla de Alternative Universe, ou Universo Alternativo.

⁶⁹ O histórico completo da formação dessa ideia está descrito em nosso trabalho de conclusão do curso de Letras-Inglês, na Universidade de Caxias do Sul: GIRARDI, T. *Fandom tribe: the depiction of gender inside Good Omens fanfiction*. Para o entendimento completo de como ideias individuais podem se espalhar e serem aceitas pela maior parte da comunidade em *fandoms*, recomendamos a leitura. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/6206/TCC%20Thalia%20Ester%20de%20Candido%20Girardi.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 29 mar 2022.

Departamento de Polícia de Detroit e serve como uma das antagonistas da personagem jogável Connor.

Ver antagonistas e vilões ganharem popularidade não é nada novo em *fandoms*. Muitas das personagens favoritas de variados *fandoms* são vilões (como era o caso de Loki, do *Universo Cinematográfico da Marvel*, antes de seu arco de redenção).

O que chama a atenção é que Reed não é uma personagem complexa (como o caso de Loki), sendo apenas caracterizado pelo seu desprezo em relação aos andróides e agressividade com os demais. Ele também não tem grande destaque no jogo, aparecendo em aproximadamente 10 minutos em cenas, número esse que é reduzido pelo fato de que, por ser um jogo de escolhas, é impossível desbloquear esses 10 minutos em uma só partida. Das quatro cenas em que ele aparece, três delas dependem das escolhas do jogador, sendo apenas uma obrigatória no jogo. Ou seja, o jogador pode, de acordo com suas escolhas, acabar se encontrando com Gavin durante menos de um minuto ao todo. Gavin Reed, com certeza, não é uma personagem vital para a história.

A pergunta que permanece é: por que, então, Gavin se tornou uma das personagens mais populares do jogo, protagonizando a segunda maior ship do *fandom*, com 5.518 histórias (Upgraded Connor | RK900/Gavin Reed), e sendo a terceira personagem mais citada em *fanfiction* (11.198 obras), inclusive à frente de dois dos protagonistas do jogo?

O próprio *fandom* parece não ter uma resposta satisfatória. No subreddit⁷⁰ do jogo, um usuário fez o mesmo questionamento:

Alguém poderia me explicar a popularidade do Gavin? Eu lembro quando o jogo estreou e, a princípio, ele foi tratado como ele deveria ser, por conta de como ele foi escrito - como um personagem menor babaca com nada que o tornasse profundo ou gostável. Bom, isso é o que ele ainda é até hoje, canonicamente. Mas agora eu notei um monte de fanarts dele e pessoas fazendo cosplay dele. O que aconteceu que fez com que um personagem tão completamente não-gostável recebesse tanto amor no fandom? (WIKIMB, 2019, nossa tradução)⁷¹

⁷⁰ Comunidade da rede social Reddit.

⁷¹ Do original: Could somebody explain me the popularity of Gavin? I remember when the game was released and at first he was treated as he was supposed to because of how he was written - as a minor douche character with nothing making him deep or likeable. Well, this is what he still is to this day canonically. But now I noticed so much fan art of him and people cosplaying as him. What happened that a such completely unlikeable character receives so much love in the fandom?. Disponível em: https://www.reddit.com/r/DetroitBecomeHuman/comments/bdg01p/could_somebody_explain_me_the_

A resposta com mais *upvotes* (que funcionam como *likes*) foi a seguinte:

Ele é o seu vilão direto do livro didático, e ele também é gostoso.

A outra razão é que, por causa da sua personalidade bi-dimensional, há muita diversão e liberdade em criar uma história de fundo para ele. A maioria na fanbase retrata ele como um cara incompreendido com uma criação infeliz, que também tem amor por gatos para dar a ele mais profundidade.(MADOHARA, 2019, nossa tradução)⁷²

Esta resposta coloca a popularidade da personagem no fato de ela, além de ser vilã e atraente fisicamente (o que pode ser suficiente para popularizar uma personagem), ser uma personagem não-complexa, o que facilita que os membros do *fandom* possam criar sua própria profundidade nas histórias que criam.

A personagem que costuma ser *shippada* com Reed também é um caso à parte. O RK900 (mais conhecido pelo apelido Nines, dado pelo *fandom*) é uma personagem ainda mais simples do que Gavin. Ele aparece somente em uma cena pós-crédito em uma das rotas ruins do jogo, com menos de dois minutos de duração. Ele não tem fala alguma, somente aparece na cena enquanto outra personagem fala sobre ele ser uma versão melhorada de uma das protagonistas, que o substituirá. Nada mais. Tudo que ele tem como personagem vem da imaginação dos membros do *fandom*.

Nem todos os membros do *fandom* apoiaram essa popularidade, alguns destacando a não-canonicidade dos fatos, de forma até mesmo agressiva.

É tão engraçado quando as pessoas dizem ah eu odeio o Gavin Reed canônico mas ou amo o Gavin Reed fanônico... tipo, sério? Vocês amam um OC⁷³, não o Gavin. O Gavin canônico é um valentão racista e abusivo, então vocês pegaram a aparência dele e criaram um OC. Porque é impossível amar um valentão racista e abusivo. O que eu não consigo entender é por que é tão difícil para vocês admitirem que vocês gostam de um OC. Lol. Provavelmente arruinaria seu pequeno e miserável mundo onde o "Gavin" é algo mais do que o babaca inútil que vocês admiram.

popularity_of_gavin/. Acesso em 12 set 2022.

⁷² Do original: He's your straight-out-of-the-textbook villain, and he's also hot. The other reason is that due to his two-dimensional persona, there's a lot of fun and freedom with coming up with a backstory for him. Most in the fanbase portray him as a misunderstood guy with unfortunate upbringings, who also has love for cats to give him more depth. Disponível em: https://www.reddit.com/r/DetroitBecomeHuman/comments/bdg01p/could_somebody_explain_me_the_popularity_of_gavin/. Acesso em 12 set 2022.

⁷³ OC significa Own Character, ou Personagem Próprio, e é o termo que os fandoms utilizam para descrever personagens que foram criadas pelos próprios membros do fandom, geralmente em *fanfictions*.

(FATENIGHTS, 2022)⁷⁴

De qualquer forma, a popularidade da personagem e da *ship*⁷⁵ Reed900 (nome dada ao relacionamento entre Reed e RK900) é inegável, rendendo até dois fan filmes pela *Octopunk Media: Detroit Evolution* (2020)⁷⁶ e *Detroit Reawakening* (2022)⁷⁷, com 1h15min e 26 min de duração, respectivamente. Ambos os filmes estão disponíveis no Youtube e somam mais de 2 milhões de visualizações, mais de 100 mil “gostei” e quase 10 mil comentários.

O livro “*Superfandom: Como nossas obsessões estão mudando o que compramos e quem somos*”, de Zoe Fraade-Blanar e Aaron M. Glazer, divide o estudo da cultura de fãs em três fases históricas, baseadas nos pensamentos e comportamentos de cada época. Eles chamam de “interpretação de primeira, segunda e terceira ondas”, cujos autores nomearam “fandom como utopia, fandom como recriação da sociedade e fandom como identidade”. (FRAADE-BLANAR, GLAZER, 2017, p. 106)

“Fandom como utopia” “é a tendência de atribuir motivações idealistas a um grupo de fãs e seus membros, para retratar o *fandom* como um lugar onde os membros marginalizados da sociedade podem vivenciar o amor e amizade longe de quem os recriminaria”. (FRAADE-BLANAR, GLAZER, 2017, p. 107).

Fandoms tendem a querer convencer os demais de que eles são um grupo acolhedor e sem grandes problemas internos. Entretanto, mesmo que possamos presenciar o acolhimento e o carinho que membros de um *fandom* possam ter uns pelos outros, como citamos várias vezes durante nosso trabalho, o ódio acaba andando em paralelo com esse amor. Em praticamente todos os *fandoms*, é possível presenciar brigas de proporções homéricas dentro das comunidades por detalhes que passariam despercebidos pela maioria do público geral. Essas brigas

⁷⁴ Do original: “It is so funny when people say oh I hate canon Gavin Reed but I love fanon Gavin Reed... like, really? You guys love an OC, not Gavin. Canon Gavin is a racist abusive bully, so you took his looks and created an OC. Because it is impossible to love a racist abusive bully. What I cannot understand is why it is so difficult for you to admit that you like an OC. Lol. It would probably ruin your miserable little world where “Gavin” is something more than a useless asshole you admire”. Disponível em: <https://fatenights.tumblr.com/post/682740651174068224/it-is-so-funny-when-people-say-oh-i-hate-can-on>. Acesso em 10 maio 2022

⁷⁵ Ship vem do mesmo verbo shippar, já explicado anteriormente, e é o termo dado ao relacionamento que alguém torce para que aconteça.

⁷⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=apUn-YMMdZ8&t=1s>. Acesso em: 26 jul 2022.

⁷⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sdW4pQ4TV-8>. Acesso em: 26 jul 2022.

costumam andar lado a lado com o tão popular “cancelamento” virtual. Ter uma opinião impopular sobre uma personagem pode levar ao linchamento virtual de centenas de fãs, muitas vezes acompanhados de distorções do sentido original da discussão e das obras discutidas, para dar base para o tratamento hostil presenciado.

Entre os anos 1980 e 1990, uma segunda onda de estudos começou a classificar o *fandom* como recriação da sociedade.

Na nova interpretação, grupo de fãs já não representavam um refúgio para pessoas rejeitadas por um mundo indiferente. Em vez disso, constituíam uma chance de recriar o sistema a partir de um critério diferente: uma nova hierarquia, onde os criadores podem, desta vez, ter a chance de ficar no topo” (FRAADE-BLANAR, GLAZER, 2017, p. 11)

Fãs tendem a seguir hierarquias. A escolha de quem fica no topo dessa hierarquia depende de como o *fandom* se estrutura:

Parte de pertencer a um grupo é nos colocarmos - nossos conhecimentos, gostos e habilidades - em evidência. Para nos compararmos uns com os outros, para sermos reconhecidos como “bons fãs” pelas únicas pessoas cujo julgamento a esse respeito importa: colegas fãs.” (FRAADE-BLANAR, GLAZER, 2017, p.183)

Novos fãs são inferiores aos velhos fãs, e a “carteirada” dos anos de presença no *fandom* costuma carregar peso. Demonstrar conhecimento superior, testando a “veracidade” de colegas de *fandom* também é prática comum, onde pessoas menos dedicadas ou com pouco tempo na comunidade são levadas a buscar mais conhecimento sobre o objeto de admiração para evitar serem considerados falsos fãs. Fãs casuais podem se sentir intimidados a interagir com o grupo ou utilizar vestimentas de reconhecimento caso eles julguem não serem “fãs o suficiente”. Pessoas que vestem camisetas de bandas, em especial de bandas de rock, são casualmente interrogadas por fãs da determinada banda e há pouca coisa que os irrite mais do que uma pessoa que vista uma camisa do Nirvana só porque a achou bonita na hora de comprar.

Clãs manipulando à vontade o exclusivo, a exclusão, o desprezo ou a estigmatização. E aquele que não tem o cheiro da matilha é, inevitavelmente, rejeitado (MAFFESOLI, 2014, p. XXVIII)

Fãs com mais seguidores nas redes sociais (nos *fandoms* em que essa é a forma principal de comunicação) têm poder sobre os menos seguidos. Poder que

pode, como falamos anteriormente, ser demonstrado através de linchamento virtual, quando grandes nomes dentro do *fandom* podem levar ao “*unfollow*” (deixar de seguir) em massa de outros membros, além de mensagens de ódio, perseguição e até a denúncia de perfis para as plataformas, podendo levar à suspensão de contas. Em 2015, uma fanartista⁷⁸ conhecida como Zamii, que desenhava para os *fandom* de *Steven Universo* e *Homestuck*, tentou suicídio depois de ter mais de 40 contas criadas com o propósito de criticar sua arte, além de sofrer acusações de "racismo/estereotipização, transmisoginia/transfobia, apologismo, incesto, pedofilia, gordofobia e capacitismo⁷⁹". Mesmo que algumas das críticas tenham base (desenhar personagens asiáticos em tons amarelados), algumas críticas são simplesmente desnecessárias (ser acusada de *shippar* casais problemáticos).

Outro exemplo desse comportamento pode ser presenciado no *fandom* da série *Loki* (2021). A série aborda a temática do multiverso, uma ideia de vários universos paralelos ao original da obra. A polêmica acontece por conta de um romance entre a personagem principal, Loki, e uma variante sua, ou seja, um “eu” de um universo paralelo, chamada Sylvie. Por mais que as variantes dos vários universos paralelos não tenham ligação entre si (já que se encontram em realidades diferentes), muitos dos fãs denominaram o relacionamento entre Loki e Sylvie “*selfcest*”, termo utilizado para designar o romance entre uma personagem e ela mesma, ou um clone.

O que parece incomodar as pessoas é a parte do “*cest*” na palavra, que vem de “*incest*”, ou incesto. Na nossa sociedade, incesto é uma prática vista como tabu. A mera sugestão de que Loki e Sylvie possam estar em um relacionamento incestuoso (mesmo que essa teoria não esteja de acordo com o cânone), causou uma revolta na comunidade. Outros fatores também contribuíram para essa rejeição, como o argumento de que *selfcest* é transfóbico (por causa de uma ideia antiga de que pessoas trans eram atraídas pelo seu próprio corpo depois da transição) e a guerra de *ships* contra a outra *ship* popular da série, Loki e Mobius. O *fandom* se dividiu, então, entre pessoas que apoiavam o relacionamento Loki/Sylvie, e pessoas que o abominavam. A guerra estava feita.

⁷⁸ Quem faz fanarts, artes de fãs.

⁷⁹ É possível saber mais sobre o caso através desse link: <https://www.dailydot.com/parsec/steven-universe-fanartist-bullied-controversy/>. Acesso em 16 dez 2021.

Muitos membros do fandom, ao admitirem que apoiavam o relacionamento das personagens, começaram a sofrer um tipo de linxamento virtual. Várias dessas pessoas tiveram suas artes criticadas, como no exemplo abaixo:

As cores são meio mal feitas para o que você estava tentando fazer, não vou mentir. meio que arde nos olhos quando a gente olha e as características faciais não são muito claras, o que é um problema de linha e sombreamento. o fato de sua ship ser transfóbica é apenas a cereja do bolo realmente⁸⁰ (ANEXO A)

Temos também alguns exemplos de membros do *fandom* compelindo outros membros a bloquear e deixar de seguir membros que admitiram gostar de Loki/Sylvie, isolando eles dos demais. Muitas vezes esse “pedido” é feito com a ameaça de isolar também quem decidir não excluir do grupo os “perseguidos”: “se vcs não deixarem de seguir eu vou bloquear vcs, desculpa⁸¹”, seguido da marcação de 14 contas. (ANEXO B)

Não parando somente no isolamento, alguns membros escrevem ameaças ao grupo excluído.

Shippadores sedosos eu quero deixar uma coisa bem clara, se eu te ver em público, eu vou me defender fisicamente (com uma arma) e mantê-lo longe de crianças e outras coisas com quem você iria ser um estranhão. Vocês são criaturas nojentas doentias e espero que apodreçam no inferno⁸². (ANEXO C)

Esse tipo de comportamento, infelizmente, não é difícil de encontrar.

Fraade-Blanar e Glaze (2017) contam como o “anseio de aprovação mútua mantém um grupo de fãs unido e focado em seus objetivos” (FRAADE-BLANAR, GLAZER, 2017, p.183). Ela discorre sobre como o reconhecimento e a lisonja são forças poderosas em um *fandom*. Porém, com isso, temos também a parte negativa. *Fandoms* costumam ter membros muito ativos e presentes na comunidade. A opinião desse grupo de pessoas tende a ser vital para o comportamento do resto dos membros. O problema surge quando temos ideias conflitantes com as crenças desse pequeno, mas poderoso grupo. Fraade-Blanar e Glazer explanam sobre “a tirania da minoria vocal”:

⁸⁰ Tradução nossa. Da transcrição do original: “the colors are done kinda poorly for what you were going for, i won’t lie. it kind of stings your eyes to look at and the facial features aren’t very clear, which is a line and a shading issue. the fact that your ship is transphobic is just the icing of the cake really”

⁸¹ Tradução nossa. Da transcrição do original: “if yall don’t unf I’ll block you, I’m sorry”.

⁸² Tradução nossa. Da transcrição do original: “Silky shippers I want to make one thing fucking clear, If I see you in public I will defend myself phisically (with a weapon) and keep you the fuck away from kids and other things you would creep on. You are sick disgusting creatures and I hope you rot in hell.”.

O efeito é que as redes sociais, especialmente as digitais, em que o conteúdo viaja livremente, tornam fácil ludibriar as pessoas, como se a maioria compartilhasse uma opinião. Mesmo que, na realidade, isto seja compartilhado por um grupo pequeno e bem conectado. (FRAADE-BLANAR, GLAZER, 2017, p. 263)

Isso pode acarretar, é claro, vários desentendimentos. A maioria dos membros de um *fandom*, ao perceber que tem uma opinião “impopular”, se adaptará à opinião popular ou evitará se posicionar sobre o assunto, para que não sejam postos de lado pelos colegas. Outro grupo pode também decidir se rebelar com o grupo mais vocal, criando a sua própria comunidade e suas próprias conexões. Isso porque deixam de seguir os ex-colegas, agora rivais, ou porque são bloqueados. Membros de lados rivais insistem para que os membros mais neutros escolham um lado e ignorem o outro. A prática de tirar prints de *tweets* e postagens e ridicularizar o rival é comum nessas comunidades, além de desvalidar argumentos apropriados com ataques pessoais, muitas vezes infundados, como é o caso da utilização do chamado argumento ad hominem:

O argumento ad hominem ou “argumento contra a pessoa” é o tipo de argumento por meio do qual um participante em um diálogo usa um ataque pessoal em uma tentativa de desacreditar ou refutar os princípios ou os argumentos de outro participante. (KRABBE; WALTON, 1993, p. 79, nossa tradução⁸³)

Quando Maffesoli fala sobre a importância do sentimento de pertencimento, é importante lembrar também que isso pode nem sempre se referir somente às partes positivas que a necessidade de conexão nos traz, mas toda a agressividade que pode vir quando sentimos que o nosso “grupo” está sendo atacado. Ao defender com “unhas e dentes”, seja um grupo, seja uma crença, é comum que alguém saia machucado.

Fraade-Blancar e Glazer (2017, p. 261) dizem que “o *fandom* é inerentemente conservador”. Mesmo que essa frase possa parecer incorreta, ao pensarmos, a princípio, em uma visão política, onde uma maioria de *fanfictions* representado casais homossexuais não se encaixe muito na nossa visão de conservadorismo, o que os autores realmente querem dizer com essa frase é que os *fandoms* tem dificuldade de lidar com a mudança. O grupo fará o possível para que a visão de mundo que eles têm não seja modificada, que seu objeto de admiração não seja

⁸³ Do original: “The argumentum ad hominem or “argument against the person” is the kind of argument whereby one participant in a dialogue uses a personal attack to attempt to discredit or refute the tenets or the argument of another participant.”

adaptado para novos públicos e que ele possa se manter feliz na bolha social que ele mesmo construiu, mesmo que isso signifique impedir a entrada de novos membros e expulsar os que ousarem ir contra a ideia dominante da comunidade.

A terceira onda citada, *fandom* como forma de expressão, é a mais popular no presente. “O anseio por um espaço seguro longe do mundo convencional cedeu terreno a uma preocupação muito maior com a expressão pessoal do que pela forma com que essa expressão aparece para os outros.” (FRAADE-BLANAR, GLAZER, 2017, p. 124).

Os autores atestam sobre a forma como entendemos que “todo mundo participa de uma ou mais subculturas, muitas vezes ao mesmo tempo”. Há a dificuldade de diferenciar o “nós” do “eles”, dentro da cultura dos *fandoms*. O uso de um jeans rasgado pode significar uma crítica contra a indústria da moda, mas pode também ter sido envelhecido artificialmente e vendido como peça de marca (FRAADE-BLANAR, GLAZER, 2017, p. 125). Cores e simbolismos que antes marcavam determinados grupos sociais podem simbolizar diversas outras ideias atualmente, e fica cada vez mais difícil diferenciar membros de tribos somente pela forma como se expressam exteriormente. Fraade-Blanar e Glazer (2017, p. 125) também revelam que, “numa sociedade onde todos escolhem se rebelar de alguma forma e se conformaram com outra, é difícil saber o que conta como o que é corrente e o que não é”.

4 ANÁLISE DAS FANFICTIONS DE O HOBBIT

Neste capítulo, analisamos dez *fanfictions* de *O Hobbit* postadas no site *Archive of Our Own* de acordo com alguns critérios escolhidos anteriormente.

As obras selecionadas foram escolhidas com base nos seguintes parâmetros:

1. Todas deviam estar presentes no site de arquivamento de *fanfictions* *Archive of Our Own*, 2. deveriam ter de 3.000 a 30.000 palavras de extensão, 3. Selecionadas em ordem de *kudos* (*likes*).

Com estes critérios em mente, foram selecionadas as seguintes obras:

1. *Para Bellum*, por RyuuzaKochou
2. *Planting a Hobbit*, por northertrash
3. *You Got Me*, por drunkonwriting
4. *Call You Home*, por northertrash
5. *Made and Remade the Necklace of Songs*, por pibroch (littleblackdog)
6. *Gardening*, por The Feels Whale (miscellea)
7. *The Color of Possibility*, por lindoreda
8. *From One Age to Another*, por determamfidd
9. *The Naming of Hobbits*, por Margo_Kim
10. *The "Dying" Hobbit*, por Resacon1990

O site AO3 foi escolhido por ser um dos maiores sites de arquivamento de *fanfictions*, um dos mais populares e mais utilizados da atualidade e o site com melhor sistema de classificação e organização dentre os sites de arquivamento de *fanfictions*.

O tamanho das obras (de 3.000 a 30.000 palavras) foi escolhido para que as obras selecionadas não fossem curtas ou longas demais, a fim de atrapalhar as análises propostas. Todas as dez contam com 134.628 palavras. Para fins de entendimento de proporção, o livro original *O Hobbit* conta com 95.356 palavras no original em inglês. O número de obras selecionadas (dez) foi escolhido para que houvesse um corpus de tamanho adequado para uma pesquisa mais aprofundada dentro do que o tempo da pesquisa permitia.

É importante ressaltar que o corpus de pesquisa é pequeno, e portanto, a sua capacidade de representação de todas as obras publicadas no site escolhido não é grande.

As obras foram selecionadas em ordem de *kudos* para que as *fanfictions* mais populares dentro dos parâmetros anteriores pudessem ser analisadas. Foi de grande importância para a pesquisa que pudéssemos entender quais tipos de obras eram mais populares dentro do fandom de *O Hobbit*.

Apesar da linguagem não ter sido selecionada, todas as dez *fanfictions* mais populares segundo os nossos critérios estão escritas na língua inglesa. Todos os trechos citados foram traduzidos pela autora do trabalho e contam com notas de rodapé com a citação original.

A análise foi feita seguindo as seguintes categorias: 1. O gênero nas *fanfictions*, 2. Relações afetivas, 3. Relações sociais e 4. Influências mútuas. Cada uma dessas categorias ganhará um subcapítulo. As análises foram feitas com base na ideia de tribos de Maffesoli.

4.1 O GÊNERO NAS FANFICTIONS

Na primeira parte de nossa análise, discorreremos sobre a representação de gênero dentro do nosso corpus.

Segundo Butler, “os gêneros são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira”. (BUTLER, 1990, p. 26). A ideia de gênero é desvinculada do sexo biológico e de estereótipos de gênero, sendo mais complexa que isso.

Semelhantemente, Joan Scott, em seu capítulo no livro *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*, define gênero da seguinte maneira:

No seu uso mais recente, “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. “Gênero” sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. (SCOTT, 2019, posição 768)

As personagens femininas tendem a não cair nas graças dos *fandoms* com a mesma frequência das personagens masculinas.

A lista mostra as 100 tags de relacionamento com mais *fanfictions* postadas no Archive Of Our Own em 31 de julho de 2021. Há 69 combinações M/M⁸⁴,

⁸⁴ M/M é a sigla de Male/Male, que, em português, significa Homem/Homem. O mesmo serve para a sigla F/F, de Female/Female, que significa Mulher/Mulher e F/M, que significa Mulher/Homem. Lembrando que a barra entre nomes ou gêneros denota relação sexual ou amorosa.

17 F/M, 4 F/F, 7 Gen⁸⁵ e 3 Outro. (Por favor note que no AO3, 'Nome & Nome' indica relacionamentos Gen platônicos ou familiares, enquanto 'Nome/Nome' é usado para combinações românticas ou sexuais.). Dos 200 nomes na lista, 25 pertencem a mulheres e 3 a personagens de gênero indeterminado, menos que os 26 e 3 respectivamente na lista de 2020. (CENTREOFTHESLIGHTS, 2021)⁸⁶

Novos censos realizados por fãs interessados em estatísticas parecem dar mais força ainda para a dominância feminina na escrita e leitura de *fanfictions*. A usuária do AO3 Centreoftheselights publicou em seu perfil no Tumblr uma pesquisa realizada em 2013 entre os membros do *Archive of Our Own* que conta com 10.005 respostas relacionadas a gênero, sexualidade e preferências em *fanfictions*, de ambos escritores e leitores. Nessa pesquisa, 80% dos respondentes afirmaram serem mulheres, e somente 4% se declararam homens. Os demais correspondentes selecionaram outras opções possíveis, como agênero, andrógono ou genderqueer⁸⁷.

Entretanto, a dominância das mulheres nos espaços de *fanfiction* parece não facilitar na popularização de personagens femininas. Interessante notar que, mesmo com essas estatísticas, não são muitas as *fanfictions* que passariam no teste de Bechdel.

Na tirinha "A regra", dos quadrinhos "Dykes to watch out for" da cartunista Alison Bechdel (1985), uma personagem feminina sem nome introduz o que hoje é conhecido como "teste Bechdel". Ela afirma que só assiste a um filme que satisfaça os seguintes requisitos: ter pelo menos duas mulheres; elas devem conversar uma com a outra; o assunto deve ser alguma coisa que não seja os homens. (AGUIAR, 2014)⁸⁸

O desprezo de personagens femininas é uma pauta de debate entre os círculos de *fandoms* há muito tempo. Não se sabe ao certo o que causa esse fenômeno. Há somente hipóteses do que pode ser a causa disso.

Uma das hipóteses mais comuns que podemos encontrar em discussões na internet a esse respeito é que, porque a seção dos *fandoms* envolvidas em escritas

⁸⁵ O termo Gen, em *fanfictions*, refere-se à *fanfictions* que não contenham casais principais ou cujos relacionamentos amorosos não sejam o foco da história.

⁸⁶ Do original: "This list shows the 100 relationship tags with the most fanfics posted on Archive Of Our Own as of July 31 2021. There are 69 M/M pairings, 17 F/M, 4 F/F, 7 Gen and 3 Other. (Please note that on AO3, 'Name & Name' indicates platonic or familial 'Gen' relationships, while 'Name/Name' is used for romantic and sexual pairings. Of the 200 names on the list, 25 belong to women and 3 to characters of indeterminate gender, down from 26 and 3 respectively in the 2020 list." Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/32940190/chapters/81752386>. Acesso em 12 set 2022.

⁸⁷ CENTRUMLUMINA. **Gender**. 2013. Disponível em: <https://centrumlumina.tumblr.com/post/62816996032/gender>. Acesso em: 07 set. 2022.

⁸⁸ AGUIAR, Flávia Ferreira de Paula. *Jasmine: a representação do Oriente e da mulher sob a ótica da Disney*. 2014. 89 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4531/1/FAguiar.pdf>. Acesso em: 07 set. 2022.

de *fanfictions* ser dominadas por mulheres héteros, elas preferem escrever sobre as personagens pelas quais elas são atraídas, ou seja, pelos homens, o que explicaria o número incrivelmente maior de *fanfictions* com relacionamentos românticos entre pessoas do gênero masculino do que todos os outros tipos de relacionamentos juntos. Um dos problemas com essa hipótese é que ela não leva em conta o volume de mulheres membros da comunidade LGBTQIA+ dentro destes espaços. Segundo a mesma pesquisa realizada pela Centreoftheselights, podemos afirmar que apenas 38% dos usuários respondentes se identificavam como heterossexuais. Devemos levar em consideração também que a escolha de mais de uma sexualidade era possível na pesquisa, então algumas das pessoas que se identificaram como heterossexuais poderiam se identificar de outra forma romanticamente ou estar dentro do guarda-chuva assexual.

Esse número de heterossexuais é muito menor que a média geral da população, segundo dados atuais. No Brasil, dados recentes liberados pelo IBGE apontam que 95% dos entrevistados se identifica como heterossexual. Uma pesquisa realizada pelo Datafolha, porém, aponta que esse número pode ser menor: 84%⁸⁹.

Em relação às tribos, na pós-modernidade está muito mais comum que a lógica binária de gênero e sexo fique cada vez mais enfraquecida. Como diz Maffesoli:

Estas têm contornos indefinidos: o sexo, a aparência, os modos de vida, até mesmo a ideologia são cada vez mais qualificados em termos (“trans...”, “meta...”) que ultrapassam a lógica identitária e/ou binária. (MAFFESOLI, 2014, p. 19)

O dado que iria contra a ideia levantada anteriormente (sobre a dominância das mulheres héteros nas *fanfictions slash*⁹⁰) chega quando analisamos o perfil dos

⁸⁹ MOREIRA, Matheus. **Pesquisa do IBGE sobre sexualidade é frágil e ignora trans, dizem especialistas**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/05/pesquisa-do-ibge-sobre-sexualidade-e-fragil-e-ignora-trans-dizem-especialistas.shtml>. Acesso em: 05 jul. 2022.

⁹⁰ Slash é o nome dado ao símbolo “/”, e representa casais do mesmo gênero. O site fanlore explica o termo: A tradição dos fãs sustenta que a palavra “slash” se originou com fanfics de Star Trek The Original Series, quando K/S foi usado como o rótulo para uma história em que o relacionamento entre Kirk e Spock era atado à tensão sexual, seja ela atuada ou não. Esse rótulo permitiu que os fãs diferenciassem essas histórias de relacionamento sexual daquelas sobre a amizade de Kirk e Spock, que às vezes eram rotuladas com “&”. À medida que os fandoms se reuniam em torno de novos filmes e séries de televisão, a marca / tornou-se comum como um indicador de uma relação sexual entre personagens do mesmo sexo.” Do original: “Fannish tradition holds that the word “slash” originated with *Star Trek The Original Series* fan fiction, when K/S was used as the label for a story where the relationship between Kirk and Spock was laced with sexual tension, whether it was acted on or not. This label allowed fans to differentiate those sexual relationship stories from the ones about Kirk and Spock’s friendship, which were sometimes labelled using “&”. As fandoms gathered around new films and television series, the / mark became common as an indicator of a sexual relationship between same-sex characters.” Disponível em: <https://fanlore.org/wiki/Slash>. Acesso em 12 set 2022.

usuários que consomem esse tipo de obra. Primeiramente, é importante ressaltar que, em dados gerais, quando perguntados sobre que categoria de trabalhos eles preferiam ler (poderiam ser selecionados mais de um), 89.7% dos respondentes selecionaram M/M⁹¹. A porcentagem de pessoas que preferiam consumir F/F é de 44.1%, F/M conta com 50.7%, Gen com 49.4%, Multi com 43.5% e, por fim, Other [Outro] com 15.7% dos respondentes.⁹² Das 2406 pessoas que preferiram marcar somente uma opção, 83.3% delas escolheram somente M/M. A questão é que, de todas as categorias de gênero e sexualidade, mulheres heterossexuais estão entre as com menos probabilidade de consumir M/M entre todas as outras sexualidades e gêneros, perdendo somente para os homens heterossexuais. A categoria que mais consome e gera conteúdos M/M são as mulheres bissexuais ou pansexuais.

Entrevistados homens heterossexuais eram muito menos propensos a ler ou escrever slash do que qualquer outro grupo, embora isso possa estar relacionado ao pequeno tamanho da amostra para esse grupo demográfico. O maior grupo de leitores e criadores de M/M eram as mulheres bi/pansexuais, seguidas por mulheres heterossexuais e mulheres no espectro assexual.

Na maioria dos casos, as pessoas não-binárias eram mais propensas do que aquelas que se identificavam como homens ou mulheres a serem fãs de M/M (CENTEROFTHESELIGHTS, 2013, tradução nossa).⁹³

A questão levantada, inclusive pela própria autora dos dados, é a seguinte: se quem mais produz e consome conteúdo romântico entre homens são mulheres também atraídas por outros gêneros além do oposto (e provavelmente por outras mulheres), por que elas continuam a escrever majoritariamente M/M? Se não é a falta de atração por mulheres que as impede de escrever sobre outras mulheres, o que impede? O que têm nas personagens masculinas que as femininas não tem?

Outra possível resposta para essa pergunta é a falta de personagens femininas.

Um bom exemplo é o próprio livro *O Hobbit*, no qual é notável a falta de personagens femininas. Como já comentamos anteriormente, isso acabou culminando

⁹¹ A sigla M/M refere-se a Male/Male, ou Masculino/Masculino, ou seja, a relação amorosa ou sexual entre duas personagens do gênero masculino. Semelhantemente, F/F refere-se a Female/Female, ou Feminino/Feminino, e a sigla F/M refere-se a Female/Male, ou Feminino/Masculino.

⁹² CENTRUMLUMINA. **Categories.** 2013. Disponível em: <https://centrumlumina.tumblr.com/post/62996687070/categories>. Acesso em: 07 set. 2022.

⁹³ Do original: "Heterosexual male respondents were hugely less likely to read or write slash than any other group, although this may be down to small sample size for that demographic. The largest group for both readers and creators of M/M was bi/pansexual women, followed by heterosexual women and women on the asexual spectrum. In most cases, non-binary people were more likely than those who identified as men or women to be fans of M/M." Disponível em: <https://centrumlumina.tumblr.com/post/63373124511/mm-fans-sexuality-and-gender>. Acesso em: 12 set 2022.

na necessidade de criação de novas personagens para as adaptações da obra, por não ser mais aceito, hoje em dia, um *blockbuster* sem personagens femininas presentes.

No livro, há apenas a menção de algumas mulheres. A mais mencionada é Belladonna Tuk, a mãe de Bilbo. Descrita como uma mulher aventureira, a linhagem que permitiu a Bilbo ter o gosto por aventuras passou por ela.

Outras mulheres citadas brevemente na obra são a mãe dos anões Kili e Fili, Dís, e a mulher de Girion. Dís é a única mulher anã a ser nomeada nas obras de Tolkien. A mulher de Girion só é conhecida pela sua afiliação com o marido, assim como muitas outras “esposas não-nomeadas” presentes nas obras de Tolkien.

A questão é que, quanto menos personagens femininas disponíveis para serem apreciadas pelos *fandoms*, menos a probabilidade de elas caírem nas graças dos fãs.

Levemos em consideração o primeiro filme de *Os Vingadores*, lançado em 2012. Há seis super-heróis que compõem a formação original do MCU: Capitão América, Homem de Ferro, Hulk, Thor, Gavião Arqueiro e a Viúva Negra. Das opções de personagens principais que um autor poderia gostar de testar relacionamentos diferentes e *ships* entre os mesmos, há somente uma mulher. Uma relação lésbica entre os heróis originais já não é possível, enquanto há dez opções de casais gays que podem ser formados com essas personagens. Esse é um padrão que se repete, que algumas pessoas chamam de Princípio da Smurfette, termo criado por Katha Pollitt no seu artigo para o *The New York Times*, “*Hers; The Smurfette Principle*”, de 1991. Esse princípio se refere ao padrão que temos na ficção onde há apenas uma única personagem feminina cercada de personagens masculinas.

Ter somente uma personagem feminina entre personagens masculinas é tão comum que *The Smurfette Principle* ganhou até mesmo uma página no site de tropos de mídia *TV Tropes*. Nele, há diversos exemplos desse fenômeno, incluindo: *The League of Extraordinary Gentlemen* (1999- presente), nos quadrinhos, onde o único membro feminino é Mina Murray; *Metal Gear Solid* (1998), onde Sniper Wolf é o único membro feminino no grupo de seis membros, FOXHOUND; *Aladdin* (1992), nas animações, tem somente a princesa Jasmine como personagem feminina; *Os Caça-fantasmas* (1984) conta com somente uma mulher na companhia, Janine, a secretária; entre outros exemplos.

Outra hipótese que pode ser levantada é a de que as personagens femininas são menos “gostáveis” do que as personagens masculinas. Isso explicaria o porquê

de mídias com números semelhantes ou iguais de personagens femininas e masculinas continuarem tendo as personagens masculinas como mais populares no meio de escrita de fanfictions.

Poderíamos acreditar que homens escrevem mulheres com arcos e personalidades menos interessantes ou menos desenvolvidos do que suas contrapartes masculinas. Essa hipótese se torna mais crível à medida que comparamos o número de autoras mulheres envolvidas na produção de mídia em relação ao número de homens. Uma pesquisa feita em 11 países pelo *Geena Davis Institute on Gender in Media* aponta que somente 7% dos diretores de filmes são mulheres, 20% dos escritores e 23% dos produtores. Esse estudo também aponta que onde há mulheres na produção de um filme, o número de papéis femininos tende a crescer 6.8%⁹⁴.

Para testarmos essa teoria em pequena escala escolhemos uma das personagens de anime mais controversas: Sakura Haruno, da série *Naruto*. Ela está presente em listas como *“Top 10 Most Hated Girls in Anime” [Top 10 das Garotas Mais Odiadas em Anime]*, do blog Honey’s Anime⁹⁵, e *“Most Hated Female Anime Characters: List Of All The Most Hated Female Anime Characters” [Personagens Femininas de Anime Mais Odiadas: Lista De Todas As Mais Odiadas Personagens Femininas de Anime]*, do site FreshersLive⁹⁶. De acordo com estas listas, a personagem é, geralmente, considerada desagradável ou irritante pelos fãs da série. É importante ressaltar que a opinião de vários não é a opinião de todos, fazendo Sakura Haruno estar presente também em listas como *“People Are Sharing Hated Female Characters Who Would Be Loved If They Were Male, And It’s Eye-Opening, do Buzzfeed” [As Pessoas Estão Compartilhando Personagens Femininas Odiadas Que Seriam Amadas Se Fossem Homens, E É Revelador]*⁹⁷.

⁹⁴ GENDER Bias Without Borders. 2015. Disponível em: <https://seejane.org/symposiums-on-gender-in-media/gender-bias-without-borders/>. Acesso em: 07 set. 2022.

⁹⁵ INGOKNOX. **Top 10 Most Hated Girls in Anime**. 2016. Disponível em: <https://honeysanime.com/top-10-most-hated-girls-in-anime/#comments>. Acesso em: 07 set. 2022.

⁹⁶ B, Mahima. **Most Hated Female Anime Characters: List Of All The Most Hated Female Anime Characters**. 2021. Disponível em: <https://latestnews.fresherslive.com/articles/most-hated-female-anime-characters-list-of-all-the-most-hated-female-anime-characters-295498>. Acesso em: 07 set. 2022.

⁹⁷ PICKHARDT, Kat. **People Are Sharing Hated Female Characters Who Would Be Loved If They Were Male, And It’s Eye-Opening**. 2021. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/katherinepickhardt/people-are-sharing-hated-female-characters>. Acesso em: 07 set. 2022.

Ao observarmos os números em *fanfiction* do *fandom* de *Naruto* no site *Archive of Our Own*, temos os seguintes números: Há 91.884 obras postadas no site. Das dez personagens mais presentes nas obras, duas delas são mulheres: Sakura Haruno, em 4º lugar na lista, com 25.089 obras, e Ino Yamanaka, em 9º lugar, com 8.502 obras. A personagem mais presente é Naruto Uzumaki, a protagonista, com 34.034 obras. Apesar de haver poucas personagens femininas nos trabalhos publicados em relação às personagens masculinas, Sakura aparece com uma boa frequência. Em relação às *ships* mais populares, dos dez relacionamentos mais populares, o primeiro deles é uma *ship* M/M, Sasuke Uchiha/Naruto Uzumaki, presente em 11.346 obras. Surpreendentemente, a segunda *ship* mais popular envolve Sakura, e é Sakura Haruno/Sasuke Uchiha, com 5.920, o que é um número consideravelmente menor, mas ainda significativa por ser a segunda *ship* mais popular.

Uma questão interessante é que o *fandom* de *Naruto* parece gostar mais de *ships* F/M do que a maioria dos outros *fandoms* populares. A categoria M/M ainda contém mais obras (42.576 trabalhos), mas F/M os segue com 30.965 obras, um número bem maior que o de *fanfictions* F/F, por exemplo, que contam com somente 4.807 trabalhos.

Como não analisamos como Sakura é retratada nessas obras, não podemos dizer se ela está presente de forma positiva ou somente como uma antagonista ou incômodo para as personagens principais. O ponto que podemos fazer, porém, é que ela ainda sim se faz presente nas obras de forma notável, mesmo não tendo a mesma popularidade das personagens masculinas principais. Esse exemplo, então, permanece ambíguo: uma personagem “chata” está presente nas obras, mas não tanto quanto provavelmente deveria, levando em consideração que ela está entre as três personagens principais da série.

Vejamos outra situação completamente diferente: um exemplo de *casting* bem balanceado de temos é a série de televisão *Glee* (2009-2015). Há várias personagens femininas no elenco principal. Há, inclusive, um casal sáfico, assim como um casal gay. Durante as seis temporadas em que esteve no ar, a série contou com dez personagens masculinas principais e 11 personagens femininas principais, incluindo uma personagem que se descobre mulher trans durante a série.

Se formos analisar como o *fandom* se comporta em relação a esse *casting*, teremos os seguintes dados: há 41.100 obras na categoria *Glee* no site *Archive of Our*

*Own*⁹⁸, cujas dez personagens mais decorrentes estão divididas em seis homens e quatro mulheres. Há um número significativo de obras a mais contendo a personagem masculina mais popular em relação a personagem feminina mais popular: Kurt Hummel, com 24.727 obras e Rachel Berry, com 9.358 obras, respectivamente. Em questão de *ships* mais populares, o desequilíbrio é maior: das dez *ships* mais populares, sete são entre personagens masculinas, duas entre personagens femininas e um casal heterossexual. A diferença no número de obras com cada *ship* é grande também: Blaine Anderson/Kurt Hummel, a *ship* entre homens mais popular, conta com 17.849 obras; Santana Lopez/Brittany S. Pierce, a *ship* entre mulheres mais popular, contém 3.275 trabalhos; a *ship* heterossexual mais popular, Rachel Berry/Finn Hudson, conta com somente 1.372 obras. Ao verificarmos as categorias das *fanfictions*, 28.507 obras estão marcadas como M/M, 6.933 obras estão marcadas como F/F, 4.732 como Gen, 4.658 como F/M, 1.628 como Multi e 503 como Outro.

Porém, o que é interessante em relação à *Glee* é que, em vários rankings na internet, as personagens mais populares costumam ser as personagens femininas. Na lista *The Best Glee Characters of All Time [Os Melhores Personagens de Glee de Todos Os Tempos]*, do site Ranker, os leitores podem votar nas personagens que mais e menos gostam, criando assim uma lista em ordem de preferência geral. As três personagens mais populares, segundo a lista, são personagens femininas: Santana Lopez, Brittany Pierce e Quinn Fabray, respectivamente⁹⁹. O site *The Top Tens* também concorda que Santana Lopez é a melhor personagem de *Glee* segundo a sua lista *Best Glee Characters [Melhores Personagens de Glee]*¹⁰⁰. Porém, mesmo com toda essa predileção, as personagens masculinas ainda dominam o cenário nas *fanfictions* de *Glee*. Podemos concluir com isso que não basta termos personagens interessantes e populares para que os *fandoms* queiram fazer *fanfictions* sobre elas. Tanto *fandoms* com personagens femininas populares quanto *fandoms* com personagens femininas odiadas parecem nutrir uma predileção pelas personagens masculinas.

A verdade é que nenhuma dessas hipóteses é forte o suficiente para nos dar

⁹⁸ GLEE. 2022. Disponível em: <https://archiveofourown.org/tags/Glee/works>. Acesso em: 12 jul. 2022.

⁹⁹ THE Best Glee Characters of All Time. 2019. Disponível em: <https://www.ranker.com/list/all-glee-characters/ranker-tv>. Acesso em: 07 set. 2022.

¹⁰⁰ HATCHER234. **Best Glee Characters.** Disponível em: <https://www.thetoptens.com/television/best-glee-characters/>. Acesso em: 07 set. 2022.

uma resposta exata sobre essa disparidade de representação em gênero. Podemos somente levantar outra hipótese de que a resposta seja uma mistura de todas as hipóteses anteriores, até certo ponto. Mais estudos devem ser levantados sobre essa temática, para que tenhamos respostas mais concretas.

Antes de entrarmos nas análises das obras selecionadas, é importante fazer uma ressalva em relação ao que consideraremos como normal ou ideal, de acordo com a nossa cultura. Em diversos momentos, faremos uma relação entre o que é esperado de uma mulher na nossa sociedade e como as mulheres são retratadas nas *fanfictions*. Isso não quer dizer que concordemos com as expectativas citadas em torno das mulheres. Nossa análise leva em conta o machismo estrutural que vivemos atualmente. Quando falamos sobre o papel da mulher como cuidadora e mãe, por exemplo, falamos sobre papéis de gênero.

Os papéis de gênero são definidos como aquelas expectativas partilhadas acerca das qualidades e comportamentos apropriados dos indivíduos, em função do seu gênero socialmente definido. Estes papéis de gênero induzem quer directa quer indirectamente a diferenças sexuais estereotipadas. (NOGUEIRA, 2001, p. 15)

Esclarecendo isso, seguiremos com nossa análise.

Em relação às *fanfictions* analisadas, a disparidade de gênero pode ser explicada pela disparidade de gênero da obra original e também das adaptações em filme. Apesar da criação de Tauriel para diminuir um pouco essa falta feminina, como já havíamos discutido, ainda há uma dominância masculina nos filmes notável.

De acordo com um dado já citado no nosso trabalho anteriormente, das mais de 30 mil *fanfictions* postadas, somente 4.035 delas têm Tauriel como uma das personagens principais presentes¹⁰¹, e das obras que analisamos, Tauriel aparece em apenas uma, com um papel relativamente curto, mas com falas.

“‘Só Tauriel,’ ela o lembrou, apesar de não soar ofendida. ‘A febre dele ainda não abaixou.’ Sempre direto ao assunto, essa daí.” (LINDOREDA, 2014, nossa tradução¹⁰²) Neste trecho podemos ver ela fazendo o que fez na *fanfiction* inteira: cuidar do Kili, seu interesse amoroso. Ela também é descrita como alguém direta, sem “enrolações” desnecessárias, focada. Essas características são positivas, a única

¹⁰¹ ARCHIVE OF OUR OWN. Disponível em: [https://archiveofourown.org/tags/Tauriel%20\(Hobbit%20Movies\)/works](https://archiveofourown.org/tags/Tauriel%20(Hobbit%20Movies)/works). Acesso em 6 abr. 2021.

¹⁰² Do original: “‘Just Tauriel,’ she reminded him, though she didn’t sound offended. ‘His fever hasn’t broken.’ Always straight to business, that one.”

parte negativa delas é que Tauriel tem somente como objetivo cuidar de seu amado que está ferido, logo não demonstra nenhum outro interesse durante a história. Para uma personagem tão polêmica na história das adaptações em filme de *O Hobbit*, poderíamos esperar mais da aparição dela nas obras analisadas. Isso, porém, não aconteceu. Por isso, e pela presença diminuta de Tauriel em relação às demais personagens da obra, podemos concluir que a personagem não foi muito bem aceita pela comunidade.

Uma personagem citada com certa frequência é Belladonna Tuk. Ela está somente presente nas lembranças de Bilbo ou nas suas explicações sobre a vida de Hobbit, já que já era falecida durante os eventos de *O Hobbit*.

"Todos os hobbits homens fazem isso?" Bombur perguntou fracamente.
 "Oh não. Todos os hobbits fazem isso. Todos eles," Bilbo respondeu alegremente.
 "O que, até mesmo as meninas?" Kili perguntou – o que Thorin achou um pouco estranho vindo do seu sobrinho. Sua irmã Dis era aterrorizante quando lutava.
 "Claro", Bilbo pareceu surpreso com a pergunta. "Minha mãe era uma Túk, e os Túks adoram suas armas. Costumavam chamá-la de Senhora das Penas." Ele estendeu a mão e arrancou a pena amassada de Ori de trás da sua orelha, distraidamente alisando e enroscando-a entre os dedos.
 "As mulheres hobbits são muito mais perigosas do que os homens; elas são mais silenciosas e rápidas e têm muito mais para proteger." Bilbo examinou a ponta da pena e então – sem pensar e sem esforço – enviou a coisa enlameada chicoteando pelo ar, onde ela espiralou em um tronco... com a ponta cravada no comprimento de um polegar.
 E enquanto o choque não desapareceu, Bilbo acrescentou. "É claro que ela costumava cobri-las com veneno – um paralisante. Deixava você todo duro, então você caía como uma árvore."(RYUUZAKOCHOU, 2013, nossa tradução¹⁰³)

Nesse trecho podemos notar que o autor deixa claro não só que Hobbits mulheres lutam tanto quanto Hobbits homens, mas dá até ênfase na periculosidade maior que as mulheres representam em relação aos homens, por serem mais rápidas e silenciosas e terem mais o que protegerem, dando destaque ao seu papel de mães. Um breve comentário de Kili duvidando sobre mulheres lutarem foi logo tratado como estranho e não pensado, visto que sua mãe, nesta obra, é descrita como "aterrorizante

¹⁰³ Do original: "All Hobbit men do this?' Bombur asked weakly. 'Oh, no. All hobbits do it. All of 'em,' Bilbo replied cheerfully. 'What, even girls?' Kili asked – which Thorin thought was a bit strange of his nephew. His sister Dis was terrifying when in a fight. 'Of course,' Bilbo seemed taken aback by the question. 'My mum was a Took, and Took's love their weapons. They used to call her the Mistress of the Feathers.' He reached over and plucked Ori's battered quill from behind his ear, absently smoothing and twining it through his fingers. 'Hobbit womenfolk are much more dangerous than the men; they're quieter and quicker and have got heaps more to protect.' Bilbo scanned the quill tip and then – thoughtless and effortless – sent the bedraggled thing whipping through the air where it spiralled into a log ... a thumb's length in. And while the shock hadn't faded, Bilbo added. 'Of course she used to coat them in poison – a paralytic. Made you stiff all over then you drop like a tree.'"

em uma luta”.

Seu pai não aprovava tal linguajar, é claro - Bolseiros eram gentil-hobbits e Bilbo foi criado para falar Westron propriamente - mas sua mãe ensinou a ele uma variedade de palavrões em Hobbitish. Às vezes, eram por acidente, como quando ela derrubou uma panela nos seus dedos, mas na maioria das vezes era de propósito. Ela tinha uma crença forte em poder ser capaz de xingar fluente e criativamente; ela até ensinou a ele um pouco do élfico mais sujo, apesar de Sindarin nunca poder se rebaixar para xingar o suficiente para a satisfação deles. (DRUNKONWRITING, 2015, nossa tradução¹⁰⁴)

Nesta outra obra, Belladonna é descrita como uma pessoa com um linguajar um tanto vulgar, principalmente comparado com o pai de Bilbo, sempre descrito como mais conservador. Vale lembrar que falar de forma vulgar é considerado impróprio e algo que tanto homens como mulheres não devem fazer, em nossa cultura, mas principalmente algo que “moças de família” não devem reproduzir. Belladonna quebra esses padrões.

As regras do jogo social são dadas por meio de dicas, conselhos, ordens e julgamentos: “Feche as pernas ao sentar”, “sua saia está muito curta”, “é tão feio uma garota falar palavrão”, “aquela vagabunda beijou mais de três homens numa festa”... E as jogadoras e jogadores repetem esses mandamentos, reiterando ao invés de desconstruir.(MULLER, SCHMIDT, 2017, p. 13)

Em relação ao termo “moças de família”, Bassanezi fala sobre o surgimento dessa expressão no Brasil e o que ela acarretava:

As revistas da época classificavam as jovens em moças de família e moças levianas. Às primeiras, a moral dominante garantia o respeito social, a possibilidade de um casamento-modelo e de uma vida de rainha do lar - tudo o que seria negado às levianas. Estas se permitiam ter intimidades físicas com homens; na classificação da moral social estariam entre as moças de família, ou boas moças, e as prostitutas. As moças de família eram as que se portavam corretamente, de modo a não ficarem malfaladas. Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes. (BASSANEZI, 2004, p. 610)

“Ele deseja desesperadamente por sua mãe, que sempre lhe dava sopa quente e chá quando ele estava doente e lia ao lado de sua cama”(DRUNKONWRITING, 2015, nossa tradução¹⁰⁵). Este trecho enfatiza o papel materno e cuidador de Belladonna, muito importante para a visão das mulheres na nossa cultura. Outras

¹⁰⁴ Do original: “His father hadn’t approved of such speech, of course—Bagginses were gentlehobbits and Bilbo had been raised to speak proper Westron— but his mother had taught him a variety of curses in Hobbitish. Sometimes it was on accident, like when she had dropped a pan on her toes, but mostly on purpose. She’d been a strong believer in being able to curse fluently and creatively; she’d even taught him some of the filthier elvish, though Sindarin never could quite stoop itself low enough to curse to their satisfaction.”

¹⁰⁵ Do original: “He wishes desperately for his mother, who always gave him hot soup and tea when he was sick and read by his bedside.”

fanfictions fazem o mesmo, como a do trecho a seguir: “Era uma que minha mãe cantava para mim, quando eu não conseguia dormir.” (NORTHERNTRASH, 2014b¹⁰⁶).

O papel maternal ainda é visto como próximo de fundamental à mulher. Esta obrigatoriedade da maternidade à mulher remete à época de ouro no Brasil, onde:

Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação. A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. (BASSANEZI, 2004, p. 609)

Movimentos feministas atuais têm trabalhado para que a mulher possa ser dona do seu próprio futuro, seja ele na maternidade ou fora dela, não tendo o seu valor como mulher diminuído em decorrência das escolhas que ela tem o direito de fazer.

Uma velha romântica, sua mãe – Belladonna Took, a mesma beleza estonteante que não usava amarração no pulso esquerdo vazio desde que Bilbo conseguia se lembrar, e que persuadiu e cortejou um companheiro solteiro predestinado de seu sorriso solitário com doce bolos de amêndoa, poesia e coroas de flocos de neve e murta. (PIBROCH, 2013, nossa tradução¹⁰⁷)

A *fanfiction* acima segue um tropo conhecido de Almas gêmeas: o nome da pessoa destinada nasce escrito no corpo da outra pessoa. Nesta obra em específico, Belladonna é descrita como não tendo nascido com nenhuma pessoa destinada a ela, e foi por sua força de vontade e de ir atrás de outra pessoa que ela conseguiu um amor para si. Aqui vemos também uma quebra de expectativas sobre o feminino, quando uma mulher corteja o homem, e não o contrário.

Além disso, a personagem que mais aparece nas obras é Dìs, a mãe de Kili e Fili. Como não se sabe nada da personalidade dela, e no cânone só sabemos seu nome por causa dos anexos em *O Senhor dos Anéis*, tudo o que vemos dela é criado pelos autores das fanfictions. O que podemos observar com a sua caracterização é que há um esforço para fazer dela uma personagem forte. Às vezes, porém, no esforço de fazer com que ela pareça forte, somente suas características em batalha são reforçadas, fazendo ela parecer, assim, violenta. “Até Dis parece mais calma e tira suas facas para as limpar na frente de toda a corte aberta apenas uma vez.”(WHALE,

¹⁰⁶ Do original: “It was one my mother sang to me, when I couldn’t sleep.”

¹⁰⁷ Do original: An old romantic, his mother— Belladonna Took, the same stunning beauty who'd worn no binding upon her empty left wrist for as long as Bilbo could remember, and who had coaxed and courted a fellow fated bachelor out from his lonely smial with sweet almond cakes, poetry, and wreathes of snowdrops and myrtle.

2013, nossa tradução¹⁰⁸)

“Acredito que sim, senhora.” Kili dá de ombros. “Ela está lá com o tio agora como sua segunda, caso alguém peça um rito de combate ou decisão de armas.” “Nossa, Sua Majestade deve querer muito que esta reunião ocorra do seu jeito.” Feris diz e pisca para Bilbo. “A princesa Dis é uma duelista formidável mesmo depois de criar esses dois. Acho que a maioria do conselho ancião tem mais medo dela do que de seu irmão. Thorin pelo menos os deixa fingir que têm uma chance antes que ele derrube um oponente. Dis não vê sentido em desperdiçar seu tempo, mas, bom, Thorin foi criado para ser o diplomata da família.” (WHALE, 2013, tradução nossa¹⁰⁹)

Neste trecho, sua habilidade para lutas é destacada, inclusive o fato de que o conselho do reino teria mais medo de Dis do que de seu irmão. Ter o irmão homem como o diplomata da família e a irmã mulher como a lutadora física também quebra alguns padrões do que a nossa sociedade acredita serem papéis femininos e masculinos. Durante o século XIX no Brasil, por exemplo, em obras literárias, uma má imagem era passada sobre as mulheres que supostamente “ousavam” se envolver em assuntos considerados masculinos, como ações políticas, revoltas e guerras:

As interpretações literárias das ações das mulheres armadas, em geral, denunciam a incapacidade feminina para a luta, física ou mental, donde concluem que as mulheres são incapazes para a política, ou que esse tipo de idéia é apenas diversão passageira de meninas teimosas que querem sobressair. (TELLES, 2004, p. 401)

Os homens, por sua vez, por serem a maioria nas *fanfics*, apresentam muitos papéis diferentes, tanto tradicionalmente masculinos, como a luta e a forja de armamento, quanto femininos, como a culinária e a costura, o que é explicável pelo fato de que, ao viajarem sozinhos, todas as tarefas devem poder ser feitas pela equipe, inclusive as consideradas mais femininas. Aqui temos um dos anões tricotando, o que também pode ser descrito como algo tipicamente feminino na nossa cultura: “Ori largou as suas agulhas de tricô com um bufo silencioso.” (NORTHERNTRASH, 2014a, tradução nossa¹¹⁰)

No trecho a seguir, vemos um dos anões da companhia cuidando da cozinha: “Bilbo encontrou Bombur manejando vários fogões com notável agilidade, deliciosos

¹⁰⁸ Do original: “Even Dis seems calmer and gets her knives out to clean them in front of the entire open courts only the once.”

¹⁰⁹ Do original: “I believe so, ma’am.” Kili shrugs. “She’s in there with Uncle now as his second in case someone calls for rite of combat or decision of arms.” “My, His Majesty must want this meeting to go his way very badly.” Feris says and winks at Bilbo. “Princess Dis is a formidable duelist even after raising these two. I think most of the elder council is more frightened of her than they are her brother. Thorin at least lets them pretend that they have a chance before he puts an opponent down. Dis doesn’t see the point in wasting her time, but then Thorin was raised to be the diplomat of the family.”

¹¹⁰ Do original: “Ori put down his knitting needles with a quiet huff.”

cheiros de almoço exalando deles.”(LINDOREDA, 2014, tradução nossa¹¹¹).

O gosto por coisas delicadas e tipicamente femininas, como flores, também é escrito como sendo parte da personalidade de Bilbo: “Ele gostou das flores na casa do troca-peles, não gostou?” (NORTHERNTRASH, 2014a, tradução nossa¹¹²)

Outra parte que é descrita sobre os anões é que eles têm apreço por jóias, mesmo os homens. Dentro de nossa cultura, poucas são as jóias que são vistas como apropriadas para homens, comparadas ao número de jóias disponíveis às mulheres, apesar desse número estar crescendo mais a cada dia.

Ao examinar como as jóias eram usadas pela sociedade ocidental durante esses séculos, o papel da jóia mostra uma clara ligação com o corpo da mulher e, portanto, com o gênero desempenhando um papel relevante que ainda hoje afeta a valorização do ato de usar jóias. O uso de jóias é visto como um comportamento feminino. Assim, a maioria dos homens no mundo ocidental vê um risco de feminização pelo uso de jóias. (GIMENO, 2014, p. 7, tradução nossa¹¹³)

Apesar disso, temos o seguinte trecho em uma das obras: “Thorin deu-lhe um pequeno e caloroso sorriso quando ele fez, e puxou sua própria túnica pela cabeça, tirando o resto de suas roupas e jóias quando Bilbo entrou na banheira larga e funda.”(NORTHERNTRASH, 2014a, tradução nossa¹¹⁴)

Podemos dizer que o aumento do uso de jóias masculinas em nossa sociedade é o que Maffesoli chama de unissexualização, que diz respeito a diminuição das diferenças entre os gêneros. Na unissexualização da aparência, podemos perceber o aumento das roupas e adornos ditos "unissex", incluindo, também, cortes de cabelo e maquiagem.

Tanto no que diz respeito ao conformismo das gerações mais jovens, à paixão pela semelhança, nos grupos ou ‘tribos’, aos fenômenos da moda, à cultura padronizada, até e inclusive ao que se pode chamar de *unissexualização* da aparência, tudo nos leva a dizer que assistimos ao desgaste da ideia de indivíduo dentro de uma massa bem mais distinta. (MAFFESOLI, 2014, p.116 - 117, grifo do autor).

¹¹¹ Do original: “Bilbo found Bombur managing several stoves with remarkable agility, delicious lunch smells wafting out of them.”

¹¹² Do original: “He liked the flowers at the skin-changers place, didn't he?”

¹¹³ Do original: “Through examining how jewellery was worn or used by the Western society during those centuries, the role of jewellery shows a clear connection to the woman’s body and, therefore, with gender playing a relevant role that is still affecting the appreciation of the act of wearing jewellery today. The wearing of jewellery is seen as a feminine behaviour. Thus, most men in the Western world see a risk of feminization by wearing jewellery.”

¹¹⁴ Do original: “Thorin gave him a small, warm smile when he did, and tugged his own tunic off over his head, shucking out of the rest of his clothes and his jewellery as Bilbo stepped into the wide, deep tub.”

As mulheres anãs também são retratadas, em certas partes, com uma cultura diferente da nossa, e com práticas que poderíamos estranhar. O fumo parece ser parte da vida de várias espécies em *O Hobbit*. Nas fanfictions, as mulheres anãs sabem como produzir o fumo e o apreciam:

“Minha avó costumava plantar e secar sua própria erva de cachimbo”, continuou Dori. “Ela tinha uma engenhoca bastante simples que secava a folha, e eu lembro como funcionava: com sua permissão, posso encomendar que outra seja feita para ele.” (NORTHERNTRASH, 2014a, tradução nossa¹¹⁵)

A nossa sociedade demorou a aceitar o fumo feminino, sendo visto como algo masculino ou impróprio a uma dama:

[...] o artigo frisava que, não havia muito tempo, o fato de uma mulher acender um cigarro em um salão público causaria espanto e provocaria julgamentos negativos; aquela que o fizesse seria considerada provavelmente uma “atriz”. (GORBERG, 2020, p. 227)

Além de Dis, outras anãs também são descritas como tendo talento para trabalhos manuais com metal. No trecho a seguir, vemos uma anã cuja linhagem materna é composta de ourives:

Ele nunca tinha gostado de uma barba cheia de tranças, nem mesmo quando menino, mas sua linda Belren sempre resplandeceu em tranças retorcidas e elegantes contas de prata, mais bonitas do que qualquer rainha. Todas as suas brilhantes bugigangas foram habilmente forjadas por suas próprias mãos, ou herdadas de sua mãe; uma família de respeitados ourives por gerações. (PIBROCH, 2013, tradução nossa¹¹⁶)

E não só de talentos vivem as anãs: as obras também descrevem atividades tipicamente femininas que algumas anãs não tem talento para realizarem com exatidão. O trecho seguinte descreve uma anã cuja habilidade de cozinhar lhe falta:

Sua esposa, querida mulher que era, sempre cantava quando cozinhava. Andando pela cozinha, seja rolando massa ou cortando carne, ela estava sempre presa em alguma cantiga ou outra, batendo os pés e balançando os quadris generosos daquele jeito doce e hipnotizante. Ela não conseguia manter o tom por nada, nem fazer um pote de sopa decente mesmo que sua vida dependesse disso, mas Bombur adorava cada nota discordante e frango cozido demais. (PIBROCH, 2013, tradução nossa¹¹⁷)

¹¹⁵ Do original: “‘My grandmother used to grow and dry her own pipe-weed,’ Dori continued. ‘She had a simple enough contraption that dried out the leaf, and I can recall how it worked: with your permission, I can commission another one be created for him.’”

¹¹⁶ Do original: “He had never favoured a beard full of braids, not even as a lad, but his lovely Belren had been forever resplendent in twisting plaits and elegant silver beads, more beautiful than any queen. All of her gleaming baubles had been skillfully forged by her own hands, or inherited from her mother; a family of respected silversmiths for generations.”

¹¹⁷ Do original: His wife, darling woman she was, always sang when she cooked. Puttering around the kitchen, whether rolling dough or chopping meat, she was forever caught up in some ditty or other, tapping her feet and swinging her generous hips in that sweet, mesmerizing way. She couldn't carry a tune in a bucket, nor make even a decent pot of soup to save her life, but Bombur adored every

As elfas também são brevemente citadas. No trecho a seguir, o pai de uma delas deixa a crer que elfas mulheres dão tanto trabalho para criar quanto elfos homens:

Ao mesmo tempo, Bilbo conheceu Lady Arwen e tem dificuldade em imaginá-la sendo outra coisa qualquer que não uma garota doce e dócil. Lord Elrond ri quando ele diz isso em voz alta. Ele ri e ri e ri e quando finalmente termina, ele admite que sua filha envelheceu bem. (WHALE, 2013, tradução nossa¹¹⁸)

As obras também fazem um esforço para terem equilíbrio entre profissionais homens e mulheres ao decorrer das histórias. Vemos a seguir um trecho em que o autor da obra optou por colocar um homem e uma mulher como os agricultores especialistas que a obra necessitava:

O rei assentiu, virando-se um pouco para o sobrinho: descobrir o que exatamente as plantas precisavam não estava indo muito bem até que Balin o convenceu a enviar a Bard um pedido para emprestar um par de especialistas agrícolas de Dale. O homem e a mulher, embora confusos com a convocação, foram imensamente úteis, auxiliando não apenas na questão do solo e irrigação, mas também sugerindo como as rochas poderiam ser moldadas para abrigar melhor as plantas, e repassando as listas de Thorin e Ori de flores para avisar quais eram mais resistentes e quais talvez precisassem crescer na estufa. (NORTHERNTRASH, 2014a, tradução nossa¹¹⁹)

Porém nem sempre as *fanfictions* quebram padrões. O trecho a seguir mostra Thorin fazendo um comentário sobre como ele não gostaria de “desmaiar feito uma moça”, trazendo de volta a ideia de donzelas frágeis que costumamos ver em filmes, especialmente os de época: “Ele precisava se controlar, imediatamente. Thorin Escudo de Carvalho não tropeçaria em seus próprios pés e desmaiaria como uma moça na presença de seus parentes e companhia” (PIBROCH, 2013, tradução nossa¹²⁰)

Podemos concluir que as *fanfictions* ainda sofrem com falta de representação feminina. Porém, ao representar mulheres, há um esforço por parte dos autores para

discordant note and overcooked chicken.

¹¹⁸ Do original: “At the same time, Bilbo has met the Lady Arwen and has a hard time envisioning her being anything other than a sweet and biddable girl. Lord Elrond laughs when he says this out loud. He laughs and laughs and laughs and when he is finally done, he allows that his child has grown up well.”

¹¹⁹ Do original: “The King nodded, half-turning towards his nephew: figuring out what exactly plants needed had not been going that well until Balin had convinced him to send to Bard to borrow a pair of Dale’s agricultural experts. The man and woman, though bemused by the summons, had been immensely helpful, aiding not only in the question of soil and irrigation but also in suggesting how the rocks might be shaped to better shelter the plants, and going over Thorin and Ori’s lists of flowers to advise which were hardier and which might need to grow in the greenhouse.”

¹²⁰ Do original: “He needed to get control of himself, immediately. Thorin Oakenshield would not trip over his own feet and swoon like a maid in the presence of his kin and company.”

que essa representação não caia nos padrões já estabelecidos pela nossa sociedade. Porém, mesmo com esse cuidado, algumas noções danosas podem acabar passando despercebidas pelos escritores. Se os fandoms agem como tribos, é aceitável dizer que a forma como eles veem e retratam o gênero é influenciada uns pelos outros. Mas devemos também lembrar que, na pós-modernidade, não fazemos parte de um só grupo, mas de vários ao mesmo tempo. Indivíduos podem sair do padrão dos fandoms se houver influência externa de outras tribos o suficiente para que ele possa transgredir regras não ditas do seu grupo social.

4.2 RELAÇÕES AFETIVAS

Dentro das obras analisadas, foi possível observarmos um enfoque em diversos tipos de relacionamentos entre as personagens envolvidas. Analisaremos, assim, as relações afetivas presentes nas fanfictions de *O Hobbit* com enfoque na sexualidade, vida familiar e amizade.

Foi possível observarmos a presença gritante de conteúdos M/M. Como falamos anteriormente, *fanfictions slash* são umas das mais populares entre diversos *fandoms*. O motivo não é sabido ao certo, apesar de haver algumas hipóteses do porquê, como foi explorado na nossa análise referente ao gênero. Das dez obras analisadas, todas elas, sem exceção, contam com a marcação M/M.

Dessas dez obras, nove delas contam com a marcação da *ship* entre Bilbo Bolseiro e Thorin Escudo-de-carvalho, marcando esta *ship* como a mais recorrente em nossas análises. Atualmente, há mais de 10 mil obras marcadas com esta *ship* na *tag* de *O Hobbit* no AO3, quase um terço do total das fanfictions postadas. A única que não contém esta *ship* é *From One Age to Another*, cuja relação principal é o relacionamento amoroso entre Legolas e Gimli, personagens de *O Senhor dos Anéis*. Como já tratamos anteriormente, a popularidade de *ships slash* são um comportamento típico e histórico dentro dos *fandoms*. É, sem dúvida, uma das marcas principais de comportamento tribal, onde um membro aprende o gosto pelo mesmo tipo de conteúdo de membros mais velhos, e assim por diante.

Um tabu em que as *fanfictions* tocam também é o do incesto. Como vimos anteriormente, uma das dez *ships* mais populares no *fandom* de *O Hobbit* no *Archive Of Our Own* é Kili/Fili, dois irmãos:

Fili e Kili estavam cientes dos sussurros, dos rumores de que ouviam a voz um do outro, unindo-os firmemente na alma, assim como no sangue e no amor, mas não era verdade. Todas as noites, ambos ouviam canções como as de sinos, cantadas por mulheres alegres e risonhas que nunca conheceram.

Encontrar a voz de uma Canção do Coração dentro da família não era totalmente inédito, mas era raro e estranho, e raramente discutido. Mais raro ainda teria sido uma Canção do Coração ouvida em coro, em vez de uma única e preciosa voz.

Todas as noites, Fili e Kili se enroscavam um no outro, compartilhando o calor e o conforto dos parentes, e sonhavam com vozes doces, desconhecidas, mas já adoradas. E se havia uma harmonia sob suas canções, cada um ouvindo tons masculinos familiares envolvendo a raiz de sua Canção do Coração, misturando-se em dueto, isso não era da conta de ninguém além deles. (PIBROCH, 2013, tradução nossa¹²¹)

Apesar do incesto ser uma prática inaceitável na cultura ocidental contemporânea, ele aparece com frequência em *fanfictions*. É importante também ressaltar que ele é mais comum entre personagens do gênero masculino (por estarem, também, em maior quantidade dentro das obras, como já discutimos anteriormente), e entre irmãos. Kili e Fili são a segunda *ship* mais popular do *fandom* no momento, com 2.712 obras. Também podemos citar a *ship* dos irmãos Sam e Dean Winchester, do seriado de televisão *Supernatural* (2005-2020), cuja *ship* é a segunda mais popular do seu *fandom*, com 30.750 obras do total de 255.885 trabalhos publicados no AO3. Outro exemplo famoso é a *ship* de Loki e Thor, do *Universo Cinematográfico da Marvel* (2008- atualmente), quinta *ship* mais popular do *fandom*, com 13.668 trabalhos de 469.687.

Apesar da fama de que *fanfictions* costumam ser explícitas, vemos outra realidade nas nossas pesquisas sobre o *fandom* de *O Hobbit*. Das dez *fanfictions* analisadas, somente uma continha a classificação *Explicit* (explícita). Quatro delas são classificadas como *Gen*, três como *Teen and Up Audiences* e duas não receberam classificação indicativa.

Várias das *fanfictions* mostravam o relacionamento de Thorin e Bilbo com flertes, pois o destaque era o início do seu relacionamento. Na maioria das obras, o

¹²¹ Do original: “Fili and Kili were aware of the whispers, the rumours that they heard each other's voice, binding them tightly in soul as well as blood and love, but it wasn't true. Each night, they both heard belllike songs, sung by joyful, laughing women they'd never met. To find the voice of a Heartsong within family was not entirely unheard of, but it was rare and odd, and seldom discussed. Rarer still would have been a Heartsong heard in chorus, rather than a single, precious voice. Each night, Fili and Kili curled near one another, sharing warmth and the comfort of kin, and dreamed of sweet voices, unknown but already adored. And if there was a harmony beneath their songs, each hearing familiar masculine tones wound around the root of their Heartsong, blending together in duet, that was no one else's business but theirs.”

modo como eles se portavam um com o outro era respeitoso, alguns diriam até ingênuo.

“É só hábito para mim agora,” Thorin disse, salpicando o queixo e a bochecha de Bilbo com mais alguns beijos para completar; a suavidade como a de um pêssego era estranha, mas não o suficiente para ser desanimadora. (PIBROCH, 2013, nossa tradução¹²²)

Em algumas histórias, há a ideia de parceiros destinados, como almas gêmeas. Este é um tropo muito famoso em *fandoms*. No momento, há 116.783¹²³ trabalhos publicados somente na *tag* Soulmates (almas gêmeas), fora as obras que foram tagueadas de forma diferente ou não contém *tags* e utilizam-se desse tropo. O uso de tropos é uma das marcas dos *fandoms*.

Em uma das *fanfictions*, Bilbo explica que, apesar de Hobbits terem marcas com o nome de suas almas gêmeas, alguns nascem sem nenhuma. Ele explica que, na sociedade Hobbit, não há vergonha em permanecer solteiro.

“Alguns hobbits não nascem com Marcas”, ele continuou, talvez um pouco rápido demais. “Embora não seja comum, também não há vergonha nisso. Alguns de nós são simplesmente feitos para ser solteiros.” (PIBROCH, 2013, nossa tradução¹²⁴)

As relações afetivas de amizade são outro dos destaques das obras. A maioria das *fanfictions* dá destaque ao relacionamento entre os membros da companhia de Thorin. Eles são compostos de 13 anões: Thorin, Balin, Dwalin, Fili, Kili, Dori, Nori, Ori, Óin, Glóin, Bifur, Bofur e Bombur. Nas adaptações em filme, as personagens ganham mais destaque e falas, assim como em várias das *fanfictions*.

Balin ainda iria lhe contar histórias. Nori continuaria ensinando-o a atirar uma faca e ele e Ori conversariam sobre poesia.

Glóin ainda compartilharia todas as alegrias de sua vida familiar com ele, Bofur continuaria mostrando a ele as estatuetas que ele talhava enquanto estavam sentados ao redor da fogueira, e Dori continuaria a se agitar e preparar chá para ele com os finos sacos de folhas que ele mantinha costurados no forro de seu casaco.

Ele ainda teria flores entregues a ele enquanto viajavam por Bifur, com um grunhido de khuzdul que ele não entendia, e Bombur ainda despentearia seu cabelo quando ele encontrava cogumelos que poderiam ser adicionados ao jantar.

Se ele raspasse o tornozelo contra uma rocha que não tivesse nenhum impacto contra o couro forte das botas dos outros, Óin ainda lhe daria uma pomada curativa à noite. Dwalin ainda reviraria os olhos e pegava sua pequena espada para afiar, inclinando-se de tal maneira que Bilbo pudesse observar e aprender sem ter que se oferecer para ensinar.

¹²² Do original: “It’s merely habit to me by now,” Thorin said, peppering Bilbo’s chin and cheek with a few more kisses for good measure; the peach-like smoothness was odd, but not enough to be off-putting. (PIBROCH, 2013)

¹²³ Disponível em: <https://archiveofourown.org/tags/Soulmates/works>. Acesso em 08 set 2022.

¹²⁴ Do original: “Some hobbits aren’t born with Marks at all,” he continued, perhaps a bit too quickly. “Though it’s not common, there’s no shame in it either. Some of us are simply made to be bachelors.”

Fili ainda ria daquele jeito malvado sempre que Bilbo fazia ou dizia algo divertido, e Kili ainda o pegaria no meio e o giraria para impedi-lo de reclamar. E Thorin... bem. Thorin ainda iria olhar para ele com aquele olhar estranho e avaliativo, ou talvez até sorrisia, como fizera algumas vezes desde o Carrock. (DRUNKONWRITING, 2015, nossa tradução¹²⁵)

Essa camaradagem entre Bilbo e os anões está presente em diversas obras. O *fandom* dá muito destaque ao crescente relacionamento afetivo entre eles.

Foi com súbita clareza que ele entendeu que a dor poderia desaparecer com o tempo, a maré do luto retroceder, mas nunca iria realmente o deixar. A perda de qualquer membro de sua estranha e falsa família deixaria um abismo nele que ele nunca seria capaz de preencher. (NORTHERNTRASH, 2014b, nossa tradução¹²⁶)

A principal diferença que temos dessas relações de amizade retratadas nas *fanfictions* com o que vemos nos estudos sobre o comportamento de tribos é a motivação do “estar junto”. Maffesoli (2014) fala sobre o “estar junto” imotivado. O que temos nas histórias é, na maioria das vezes, o estar junto que é trazido pela necessidade de se trabalhar em conjunto e que cresce para uma amizade verdadeira com o tempo e a convivência.

A família também tem muito destaque nas obras. Vários dos anões são parentes entre si. Kili e Fili são irmãos, Thorin é seu tio. Oin e Gloin são irmãos e Balin e Dwalin também. Os quatro são primos distantes de Thorin. Ori, Nori e Dori são irmãos e também parentes distantes de Thorin. Bombur e Bofur são irmãos, e Bifur é seu primo. As linhagens ganham destaque como algo importante na cultura dos anões e dos Hobbits também.

O pai de Kili e Fili não é mencionado nas obras originais, por isso é muito pouco presente nas *fanfictions* também. Thorin, por diversas vezes, assume um papel paterno em relação aos seus sobrinhos.

¹²⁵ Do original: “Balin would still tell him stories. Nori would keep teaching him how to throw a knife and he and Ori would talk about poetry. Gloin would still share all the joys of his family life to him, Bofur would keep showing him the figurines he whittled as they sit around the campfire, and Dori would continue to fuss and brew him tea from the fine bags of leaves that he kept stitched to the lining of his coat. He would still have flowers passed to him as they travelled by Bifur, with a grunt of khuzdul he didn’t understand, and Bombur would still ruffle his hair when he found mushrooms that could be added to dinner. If he scraped his ankle against a rock that didn’t have any impact against the strong leather of the others’ boots, Oin would still slip him a healing salve in the evenings. Dwalin would still roll his eyes and take his little sword to sharpen, angling in such a way that Bilbo could watch and learn without having to offer to teach. Fili would still laugh in that particular wicked way whenever Bilbo did or said something amusing, and Kili would still pick him up around the middle and spin him around to stop him complaining. And Thorin... well. Thorin would still look at him with that strange, evaluative stare, or perhaps even smile, as he had done a few times since the Carrock.”

¹²⁶ Do original: “It was with sudden clarity that he understood that the pain might fade over time, the tide of grief recede, but it would never truly leave him. The loss of any member of his strange, ersatz family would leave a chasm in him that he would never quite be able to fill.”

"Kili e eu – nosso pai morreu há muito tempo", diz ele. "Logo depois que Kili nasceu, na verdade. Eu mal me lembro dele e Kili não lembra de nada. Desde que éramos pequenos. . . Thorin era nosso pai, entende?" (DRUNKONWRITING, 2015, nossa tradução¹²⁷)

A semelhança entre os parentes também tem destaque em algumas obras. Na cena a seguir, Bilbo compara Dìs ao seu irmão, Thorin:

Ela ergueu uma sobrancelha grossa e perfeitamente formada para ele, olhando-o com tanta descrença que Bilbo, por um momento, quase se lembrou desconfortavelmente de seu irmão. (NORTHERNTRASH, 2014a, nossa tradução¹²⁸)

Kili e Fili, apesar de serem vistos como um possível casal amoroso em uma das obras, aparecem mais como irmãos muito próximos, na maioria das obras. Com piadas internas e muito toque físico, eles são a amizade familiar mais forte das obras analisadas:

As camas de Fili e Kili foram empurradas uma ao lado da outra, ambos estavam cobertos até o pescoço com peles grossas. Eles se viraram para encarar um ao outro enquanto dormiam, e Bilbo lutou contra uma dor no peito quando percebeu que uma das mãos de Kili estava segurando com força uma das tranças do bigode de Fili. (NORTHERNTRASH, 2014b, nossa tradução¹²⁹)

Se tratando de Bilbo, parte da sua personalidade é justificada pela sua linhagem. A família da sua mãe, os Tuk, é descrita como naturalmente aventureira enquanto a família do seu pai, os Bolseiros, é descrita como séria e respeitável. Bilbo, com frequência, compara esses seus dois lados como se eles vivessem em uma luta para dominarem o outro:

Talvez se ele fosse mais Tûk do que Bolseiro, Bilbo poderia ter corrido para a varanda, sua amarração desamarrada e voando solta atrás dele, e apresentado sua Marca a Thorin Escudo de Carvalho com um floreio e um sorriso atrevido.

Mas (aventuras ocasionais com companhias de anões e magos à parte) Bilbo era de fato um Bolseiro de Bolsão, e até mesmo um Bolseiro com sangue Tûk nas veias às vezes precisava de um pouco de tempo para refletir sobre as coisas antes de dar um salto monumental. Então Bilbo se deitou, cruzando as mãos sobre seu coração que batia loucamente, e olhou para as vigas escuras. (PIBROCH, 2013, nossa tradução¹³⁰)

¹²⁷ Do original: "‘Kíli and I—our father died a long time ago,’ he says. ‘Just after Kíli was born, in fact. I barely remember him and Kíli doesn’t at all. Ever since we were little . . . Thorin was our father, d’you see?’"

¹²⁸ Do original: "She raised a thick, perfectly formed eyebrow at him, regarding him with such disbelief that Bilbo, for a moment, was almost uncomfortably reminded of her brother."

¹²⁹ Do original: "Fili and Kili’s bunks had been pushed next to each other, both of them covered to the neck in thick furs. They had turned to face each other in sleep, and Bilbo fought a pain in his chest when he noticed that one of Kili’s hands was holding tight to one of the braids of Fili’s moustache [sic]."

¹³⁰ Do original: "Perhaps if he’d been more Took than Baggins, Bilbo might have rushed out onto the veranda, his binding unknotted and flying loose behind him, and presented his Mark to Thorin Oakenshield with a flourish and a cheeky grin. But (occasional adventures with dwarven companies and wizards aside) Bilbo was indeed a Baggins of Bag End, and even a Baggins with Took blood in his veins"

O lado Túk de Bilbo sempre se apresentou como o que Mafesoli descreve como Kairos: a busca pela aventura e pelo aproveitar da vida:

É contra o fraseado melódico dessa temporalidade dialética que se coloca e se impõe a irrupção do emocional. A erótica social evoca uma outra temporalidade: a do Kairos, isto é, da oportunidade, da aventura, sucessão de instantes centrados na intensividade do momento, a jubilação do efêmero, a alegria de viver e de gozar do que se apresenta aqui e agora. Ressurgência, sempre e de novo, atual, o eterno carpe diem. Mas um tal hedonismo popular que constitui a atmosfera do momento evoca uma outra concepção do tempo: o presenteísmo. (MAFFESOLI, 2003, p.17, 18)

Podemos concluir que os relacionamentos afetivos são indispensáveis dentro das obras analisadas, sem os quais muito pouco sobraria. As relações afetivas são indispensáveis também para os estudos sobre o comportamento tribal, apesar do estar junto “a toa” ser mais frequente do que o motivado por fatores externos.

4.3 RELAÇÕES SOCIAIS

Em grande parte das obras, é possível ver a cultura das diferentes raças da Terra Média sendo postas em contraste entre si durante vários momentos.

Uma das reações mais comuns a esse encontro de cultura descrito é o estranhamento e, em alguns momentos, a repulsa. Maffesoli explica como a sociedade retorna aos “humores”, onde há também a repulsa entre pessoas sem fundamento.

Assiste-se, então, ao grande retorno dos “humores” secretados pelo corpo social. Entusiasmo, indignações, fanatismos são as secreções em questão. E nenhum domínio está livre disso. Os mundos político, intelectual, jornalístico, esportivo, musical, religioso são atravessados, para o melhor e para o pior, por tais “humores”. E estão na origem das diversas atrações – repulsas, às vezes a priori e sem fundamento, que marcam com sua impressão inegável todas as vidas individuais e sociais. É esse amor-ódio que está em jogo na ordem dos afetos, dos quais se começa somente a medir as diversas e notáveis consequências. (MAFFESOLI, 2003, p. 12)

Em determinados casos, porém, a repulsa pode ser explicada pelo próprio enredo. No caso do ódio entre anões e elfos descritos nas fanfictions, há base no cânone para essa inimizade.

“Aposto que é um nome de Elfo.”
Fili zombou. “Os hobbits não achariam isso nem perto de tão ofensivo quanto nós, seu idiota.”

sometimes needed a bit of time to mull things over before he took a monumental leap. So Bilbo laid back down, folding his hands over his madly thudding heart, and stared up into the dark rafters.”

Os olhos de Kili se arregalaram. “Como não poderiam?” (NORTHERNTRASH, 2014b, tradução nossa¹³¹)

Assim como no caso do seguinte trecho, de outra obra: “Kili relaxa. ‘Oh. Não, esse colar não é um que eu possa vender — o tio me mataria se eu o desse a um homem ou, Mahal me livre, a um elfo!’” (DRUNKONWRITING, 2015, tradução nossa¹³²)

Algumas vezes o estranhamento entre as raças diminui à medida que o pensamento crítico das personagens é ativado:

“Diplomacia anã, mestre ladrão.” diz Fili. “É mais como um esporte sangrento do que o resto da Terra Média está acostumada, me disseram. Na Segunda Era eles costumavam deixar os advogados discutirem seus casos na Arena, mas o tataravô se cansou de treinar novos, então ele parou de deixá-los lutar até a morte. É para o primeiro sangue hoje em dia.” “Hmmm.” É a resposta de Bilbo. Sua primeira resposta é pensar ‘que bárbaro’, mas então ele pensa nas eleições para prefeito e em todos os intermináveis divagações nas reuniões do conselho da cidade que provavelmente teriam sido apressadas pela perspectiva de uma boa briga. Talvez os anões estejam certos. (WHALE, 2013, tradução nossa¹³³)

Outras vezes, os desentendimentos são causados por ignorância e não malícia, como é o caso do trecho a seguir, onde os ideais de cada raça são conflitantes entre si: “Seus pais eram guerreiros?” Dori perguntou, intrigado. “O que? Não!” Bilbo respondeu, parecendo surpreso. “Certamente não! Eles eram pessoas respeitáveis, minha mãe e meu pai.”(RYUUZAKOCHOU, 2013, tradução nossa¹³⁴)

Outro problema enfrentado pela diferença cultural entre as raças é a barreira linguística: “Parecia poético demais em Westron, um conceito muito fantasioso, mas Thorin não tinha outras palavras para oferecer que chegassem perto de explicar.” (PIBROCH, 2013, tradução nossa¹³⁵)

De qualquer forma, se não fosse a diferença entre as raças, elas não existiriam,

¹³¹ Do original: “‘I bet it’s an *Elf* name.’ Fili scoffed. ‘Hobbits wouldn’t find that anywhere near as insulting as we would, you idiot.’ Kili’s eyes widened. ‘How could they not?’”

¹³² Do original: “Kili relaxes. ‘Oh. No, that necklace is not one I could sell—Uncle would murder me if I gave it to a Man or, Mahal forbid, an Elf!’”

¹³³ Do original: “‘Dwarfish diplomacy, Master Burglar.’ Fili says. ‘It’s more like a blood sport than what the rest of Middle Earth is used to, I’m told. In the Second Age they used to let lawyers argue their cases in the Arena, but great-great-great Grandfather got tired of training new ones so he stopped letting them fight to the death. It’s to first blood these days.’ ‘Hmmm.’ Is Bilbo’s reply. His first response is to think ‘how barbaric’, but then he thinks about the mayoral elections and all the endless maundering on at town council meetings that probably would have been hurried up by the prospect of a good fist-fight. Perhaps the Dwarves are onto something.”

¹³⁴ Do original: “‘Your parents were warriors?’ Dori asked, puzzled. “‘What? No!’” Bilbo replied, looking surprised. “‘Certainly not! They were respectable folk, my mum and da.’”

¹³⁵ Do original: “It sounded too poetic in Westron, too fanciful a concept, but Thorin had no other words to offer than came close to explaining.”

pois é na diferença que encontramos a nós mesmos: Se existe uma lei universal que rege o gênero humano, é que não se é aquele que se vê no espelho, mas, sim, aquele que se reconhece no olhar do Outro. É a alteridade¹³⁶ que me faz existir (MAFFESOLI, 2003, p. 55)

A parte religiosa não é muito descrita nas histórias, mas também tem seu lugar, especialmente ao se referir a expressões linguísticas utilizadas pelas personagens. Falas como “pelo amor de Deus” são substituídas por deidades do universo de Tolkien, como em: “Por que não, pelo amor de Mahal?” Nori bufou. (RYUZZAKOCHOU, 2013, tradução nossa¹³⁷)

Várias são as deidades citadas nos textos. Uma delas é Eru Ilúvatar, o deus maior e criador do universo: “O cheiro passou depois de várias semanas tomando ar, graças a Eru”. (NORTHERNTRASH, 2014a, tradução nossa¹³⁸)

Outra deidade citada é Yavanna, uma “deusa” menor. No exemplo a seguir, Bilbo utiliza uma expressão que poderia ser considerada sacrilégio, demonstrando que não há somente as expressões respeitadas às deidades, mas as mais corriqueiras e sujas também:

“Malditos peitos de Yavanna”, ele sussurra e depois tapa a boca com a mão. Essa era uma frase que seu pai havia desaprovado de coração. Nori está rindo agora. “Mahal, você é um baita de um boca suja para uma criaturinha tão peludinha! Todos os Hobbits falam assim como você?” (DRUNKONWRITING, 2015, nossa tradução¹³⁹)

Todas estas são expressões de invocação, sobre elas Maffesoli comenta:

Em suma, retomando uma ideia muitas vezes destacada pelos historiadores das religiões, nas sociedades tradicionais as palavras têm um poder específico, elas encerram a energia da coisa dita. O que quer dizer que a palavra é, em si, operatória. Ela tem uma eficácia própria. Assim, na Igreja Católica, durante a liturgia sagrada, o padre, pronunciando as palavras da consagração, vai, por intermédio da magia das palavras pronunciadas, mudar o pão e o vinho em corpo e sangue de Cristo. As palavras estão na origem da transubstanciação. Pouco importam, aliás, as qualidades ou os defeitos do oficiante, as palavras enunciadas são suficientes: ex opere operato. É pronunciando a fórmula que se opera a transformação esperada. É nesse sentido que a palavra, em sua função mágica, é um concentrado de energia. (MAFFESOLI, 2003, p. 22)

¹³⁶ Alteridade é definida como: “A **alteridade** expressa e determina a qualidade, estado ou características do outro, ou seja, **aquilo que é diferente daquilo que vivemos**. A relação entre o **eu** e o **outro** é definida então pelo conceito de alteridade. No conceito antropológico o eu só pode ser entendido a partir da interação com o outro.” (CRUZ, 2022)

¹³⁷ Do original: “Why not, for Mahal’s sake?” Nori snorted.”

¹³⁸ Do original: “The smell passed after several weeks of airing, and thank Eru for that.”

¹³⁹ Do original: “Yavanna’s gorram tits,” he breathes and then slaps a hand over his mouth. That was a phrase his father had heartily disapproved of. Nori’s laughing now. “Mahal, you are dirty-mouthed for such a fussy little creature! Do all Hobbits talk like you?”

Os membros da terra média, ao chamarem por suas deidades, as invocam, mesmo que seja como expressão linguística, pela concentração de energia que elas sugerem.

Além de expressões de invocação, há uma mística em torno da escolha de nomes do meio, em uma das obras. Nela, os hobbits utilizam divinação com folhas de chá para a escolha de um nome que predirá o futuro dos seus donos:

“Todos os hobbits recebem seu nome interior quando atingem a maioridade. É adivinhado pelas folhas da primeira xícara de chá que eles preparam quando adultos... – ele lançou um olhar para Dwalin, que bufou com aquela admissão. “Pode parecer estranho para você, mas o chá é muito importante para nós, para que você saiba.[...] O nome que você recebe é mais do que apenas um nome. É uma leitura do seu futuro e da vida que você está destinado a viver. (NORTHERNTRASH, 2014b, tradução nossa¹⁴⁰)

Por se tratar de *fanfictions* baseadas em uma história sobre um rei tentando reaver seu reino, a maior descrição da relação das personagens em nível político se refere a autoridade dos líderes (geralmente somente de Thorin) em relação aos demais membros do grupo. Ele é, geralmente, narrado como um líder preocupado com seu povo e que sente o peso da responsabilidade sobre os seus ombros.

“[...] Thorin não se esquivava de seu dever como líder deles. Não importa o que ele tenha dito ao mago, ele era responsável por todos os seus destinos e, portanto, devia tomar todas as medidas possíveis para garantir sua sobrevivência.” (RYUUZAKOCHOU, 2013, tradução nossa¹⁴¹)

A questão de sucessão e herança também é comentada em alguns momentos. Kili e Fili têm seus status de sucessores mencionados algumas vezes. No trecho abaixo, é a vantagem que eles têm sobre os outros membros do reino que é narrada.

A batalha deixou muitos feridos, e se Fili e Kili não fossem príncipes, teriam sido dados como mortos para se concentrar em pacientes mais salváveis. (LINDOREDA, 2014, tradução nossa¹⁴²)

Na obra em que Bilbo e Thorin têm filhos juntos, a linha de sucessão é alterada. Para evitar conflitos, a autora faz com que eles não tivessem pretensão de governar.

“Fili herdará ou não conforme os deuses ditarem.” Dis responde friamente. “Eu ficaria feliz em vê-lo no trono, se esse fosse seu desejo, mas suspeito

¹⁴⁰ Do original: “Hobbits are all given their inner name on their coming of age. It is divined from the leaves of the first cup of tea they brew as an adult-” he shot a glare at Dwalin, who had snorted at that admission. “It may seem odd to you, but tea is very important to us, I’ll have you know.[...] The name you are given is more than just a name. It is a reading of your future, and the life that you are destined to live.

¹⁴¹ Do original: “[...]Thorin did not shy from his duty as their leader. No matter what he had said to the wizard, he was responsible for all their fates and therefore must take all possible steps to ensure their survival.”

¹⁴² Do original: “The battle had left many wounded, and if Fili and Kili had not been princes, they would have been given up for dead to focus on more saveable patients.

que não seja. Eu sei que não é o de Kili. Meus filhos não foram criados para esta vida e eu..." Ela olha para seu prato. "Não posso desejar isso a eles. Só posso garantir que eles conheçam seu dever e estejam preparados para cumpri-lo caso sejam chamados. O que mais uma mãe pode fazer?" (WHALE, 2013, tradução nossa¹⁴³)

Bilbo também tem seu status entre os hobbits mencionado eventualmente. É importante lembrar que, canonicamente, Bilbo vem de famílias ricas e com grande status entre a sua comunidade, e sua casa é descrita como a mais luxuosa da sua vizinhança. Em uma das histórias, Bilbo conta como aristocratas como a família de seu pai não costumam trabalhar ou usar ferramentas:

"Eu?" Bilbo apontou para si mesmo com pesar. "Gentil-hobbit, lembra? Meu pai era um gentil-hobbit por completo, então ele só queria que eu aprendesse as formas tradicionais dos gentil-hobbits." "Gentil-hobbits não costumam trabalhar, então não há ferramentas; o que significava que os aristocratas usam mãos e pés – e cérebros." (RYUUZAKOCHOU, 2013, tradução nossa¹⁴⁴)

Há, porém, a descrição do que um aristocrata deve à sua comunidade, como ter um lugar grande o suficiente para esconder um número maior de crianças do que as que a comunidade contém no momento, além de saber rotas de fuga em caso de perigo:

Havia mais em ser um gentil-hobbit do que terra e riqueza. Como um gentil-hobbit, Bilbo era legalmente obrigado a manter um porão capaz de abrigar todas as crianças de sua área mais dez por cento. Se houvesse um aumento na população, ele teria que expandi-la às suas próprias custas. Era dever de todo gentil-hobbit manter e conservar um Esconderijo, apenas por precaução. Eles estavam salpicados, escondidos, por todo o Condado. Um gentil-hobbit também tinha que conhecer várias táticas e rotas de fuga e evasão, para que pudessem direcionar os outros. As crianças gentil-hobbit não tinham suas vidas confortáveis de graça; a educação era geralmente mais longa do que seus companheiros e mais detalhada. (RYUUZAKOCHOU, 2013, tradução nossa¹⁴⁵)

A relação com a realeza dos humanos também é citada. Bard, o rei de Dale, é

¹⁴³ Do original: "Fili will inherit or not as the Gods dictate." Dis replies coolly. "I would be pleased to see him on the throne, if that were his wish, but I suspect it is not. I know that it is not Kili's. My sons were not raised to this life and I..." She looks down at her plate. "I cannot wish it on them. I can only ensure that they know their duty and are prepared to do it should they be called upon. What more can a parent do?"

¹⁴⁴ Do original: "Me?" Bilbo pointed to himself ruefully. "Gentlehobbit, remember? My da was a gentlehobbit through and through so he only wanted me to learn the traditional ways of gentlehobbits." "Gentlehobbits don't usually go in for labour, so no tools; which meant the aristocrats use hands and feet – and brains."

¹⁴⁵ Do original: "There was more to being a gentlehobbit than land and wealth. As a gentlehobbit, Bilbo was legally obliged to maintain a cellar capable of holding all the children in his area plus ten percent. If there was an increase in population he had to expand it at his own expense. It was every gentlehobbit's duty to keep and maintain a Hide, just in case. They were peppered, hidden, throughout the Shire. A gentlehobbit also had to know various tactics and routes for escape and evasion, so they could direct others. Gentlehobbit children didn't get their comfortable lives for free; education was usually longer than their peers, and more detailed."

descrito como um rei do povo, que não costuma usar roupagens reais como um lembrete da sua origem, apesar de ser descendente de linhagens reais:

O som do mercado do lado de fora da prefeitura era um pano de fundo confortável para seus procedimentos, muito mais relaxado do que qualquer um de seus negócios com Greenwood: Bard insistia ainda em manter uma corte muito mais informal, ainda vestindo couro curtido e botas robustas a maior parte do tempo. o tempo, o barulho constante e agradável do lado de fora nunca o deixava esquecer o quão longe ele havia subido, e a quem ele devia sua Senhoria: seu povo. (NORTHERNTRASH, 2014a, tradução nossa¹⁴⁶)

Assim como Thorin, Bard é descrito como um líder que sente o peso da responsabilidade do seu povo sobre si:

Bard assentiu, lentamente, e pela primeira vez Bilbo percebeu o quanto Bard envelheceu no último ano e meio. Onde antes seu rosto estava enrugado pela vida dura e pelo medo de onde viria a próxima refeição, agora seus ombros pareciam caídos pelo peso de seu povo. (NORTHERNTRASH, 2014a, tradução nossa¹⁴⁷)

Podemos entender esta preocupação com a linhagem como uma força que prende a sociedade a tradições, para impedir o seu desmoronamento:

O paradigma moderno está absolutamente saturado. É necessário nomear o paradigma em curso: a pós-modernidade. Pode-se comparar o paradigmático com uma grande sincronia. Como um castelo de cartas, tudo, ao mesmo tempo, desmorona. Deixando uma tabula rasa sobre a qual se poderá erigir uma construção nova; permitindo a renovação das maneiras de ser e de pensar. Renovação que encontra as raízes da tradição: ao contrário do progressismo, a progressividade. Ou seja, a volta às origens nas mitologias arquetipais.

O que demonstram, aos montes, livros, filmes, músicas, teatro e coreografia, espetáculos históricos, turismo cultural cujo denominador comum é a referência à tradição. O passado garante nosso futuro. Assim parece ser, sob formulações diversas, o leitmotiv das cidades, das regiões, das empresas e de outras instituições que procuram, assim, garantir-se sólidas fundações. (MAFFESOLI, 2003, p. 28)

É o apego à tradição, neste caso, que impede que os reinos se percam e desapareçam. Se não fosse pela força de vontade de Thorin de reaver seu reino, ele ainda estaria nas mãos do dragão Smaug.

Tanto esta questão organizacional quanto a da sociedade discutidas neste capítulo têm relações com os estudos sobre o comportamento tribal, não só pelo que

¹⁴⁶ Do original: The sound of the marketplace outside of the city hall was a comfortable backdrop to their proceedings, much more relaxed than any of his dealings with the Greenwood: Bard insisted still on keeping a much more informal court, still wearing tanned leathers and sturdy boots most of the time, the constant pleasing noise of the outside never letting him forget just how far he had climbed, and to whom he owed his Lordship: his people. (NORTHERNTRASH, 2014)

¹⁴⁷ Do original: Bard nodded, slowly, and for the first time Bilbo realised [sic] just how much Bard had aged in the last year and a half. Where once his face had been creased from hard living and the fear of where the next meal was coming from, now his shoulders seemed slumped by the weight of his people.

é abordado nas histórias, mas por quem escreve. As relações de poder e sociedade descritas sugerem não só o conhecimento sobre as obras analisadas pelos autores das fanfictions como um conhecimento do mundo que as cerca, onde estas relações organizacionais e de sociedade fazem parte do dia a dia dos autores.

4.4 INFLUÊNCIAS MÚTUAS

O ponto que temos enfatizado durante todo este trabalho é que *fandoms* comportam-se como tribos e têm comportamentos específicos tribais. Um destes comportamentos, presente em todos os *fandoms*, é a influência mútua que seus membros exercem uns sobre os outros.

Maffesoli afirma que, nas redes sociais, só conhecemos o viver em conjunto:

Imediatismo, o da vida de todos os dias, o da inesgotável existência cotidiana que, para além ou aquém de todas as teorizações racionais, enfatiza o jogo das relações, o das correspondências demonstradas ou secretas, de todas essas atrações-repulsas que são o destino, desde a noite dos tempos, de toda vida social, e de que Myspace ou Facebook são apenas os avatares contemporâneos. É isso a religião oficiosa, essa centralidade subterrânea que garante, por longo tempo, a permanência de um ser-social que não pode compreender-se senão em função de um estar-com. (MAFFESOLI, 2003, p. 46, 47)

Durante nossas análises às *fanfictions* selecionadas, foi possível ver exemplos dessas influências de várias formas: por conversas com membros de *fandom* para a criação de novas ideias, através de *fanarts* baseadas nas histórias feitas e histórias baseadas em *fanarts*, cumprimentos de *prompts* e *kink memes*, traduções em outras línguas, transformações em *podfics* e histórias derivadas.

Na fanfiction *The Naming of Hobbits*, de Margo_Kim, a autora apresenta, nas notas antes do começo de sua obra, o que a inspirou a escrever a obra em questão. Ela dedica a história a outra usuária do site e conta como foi essa conversa que elas tiveram, e também em que resultou:

Então las e eu estávamos tentando descobrir se Thorin alguma vez chama Bilbo pelo seu nome antes das cenas dentro de Erebor em DdS, e ela brincou que talvez Thorin literalmente não sabia o nome de Bilbo até que Balin contou a ele. Quase dez mil palavras depois, aqui estamos. (MARGO_KIM, 2015, tradução nossa¹⁴⁸)

¹⁴⁸ Do original: So las and I were trying to figure out if Thorin ever calls Bilbo by his name before the scenes inside Erebor in DoS, and she joked that maybe Thorin literally did not know Bilbo's name until Balin told it to him. Nearly ten thousand words later, here we are.

Acontecimentos como esse não são difíceis de encontrar dentro de *fandoms*. Nem sempre o autor coloca na obra em si essas informações, mas uma quantidade muito alta de obras é baseada ou em conversas entre membros ou postagens de outros usuários em sites que os *fandoms* utilizam para suas atividades, como o Tumblr, Twitter e Instagram.

O que também pode acontecer é uma obra influenciar na criação de outra obra, tanto escrita como outros tipos de mídia. Vamos começar discorrendo sobre a criação de *fanfictions* baseadas em *fanarts* e *fanarts* baseadas em *fanfictions*.

Como já dissemos anteriormente, *fanarts* são obras de arte feitas por fãs, mas na maioria das vezes que as pessoas falam sobre *fanarts*, elas estão se referindo especificamente a desenhos ou pinturas feitas por fãs.

A obra analisada, *Planting a Hobbit*, de northernthrash, abre com uma nota da autora dedicando a obra a uma usuária do Tumblr, site que ela também utiliza. Northernthrash também comenta como a obra é inspirada em uma *fanart* feita por esta mesma usuária. *Fanart* que surgiu porque a própria autora pediu inspiração. Shamingcows, a amiga, ao ver o pedido, publica a *fanart*, marcando northernthrash e pedindo que fosse feita a *fanfiction*:

Famosas últimas palavras, Char. Agora escreva para mim. /lança um imperio/
Eu acabei desenhando arte conceitual. /põe na frente/ aqui eu a chamo AU
“Plantando um Hobbit” (SHAMINGCOWS, 2014, tradução nossa¹⁴⁹)

Em *Gardening*, de The Feels Whale (ou Miscellea), o oposto acontece. A *fanfiction* já postada serve de inspiração para um desenhista. Um usuário do Tumblr, Cryysis, respondeu a uma postagem com um pedido para que The Lazy Took, o usuário que desenhou a *fanart*, fizesse um desenho de Mpreg!Bilbo¹⁵⁰ com um Thorin possessivo ou protetor e The Lazy Took desviou um pouco do tema. Ele escreve o seguinte, ao publicar o desenho em seu Tumblr:

Desculpa, eu meio que peguei esse prompt e corri (porém eu vou fazer uma
peça adicional para esse prompt um pouco mais tarde).
Gardening, de Miscellea, é uma fic fenomenal. É minha fic mpreg favorita e
todo mundo deveria lê-la. Eu recomendo a lê-la... agora! (THE LAZY TOOK,
2013, nossa tradução¹⁵¹)

¹⁴⁹ Do original: Famous last words, Char. Now write for me. /imperious hand wave. I ended up drawing concept art. /lays here I call it “Planting a Hobbit” au.

¹⁵⁰ Mpreg é um gênero de *fanfictions* onde um homem engravida. O uso de exclamação entre o termo e o nome da personagem caracteriza que a personagem citada é aquela que engravidará. Neste caso, Bilbo.

¹⁵¹ Do original: Sorry, I kinda took this prompt and ran (I’ll be making an additional piece for this prompt a little later, though). Gardening by Miscellea is a phenomenal fic. It’s my favorite mpreg fic and everyone should read it. I recommend reading it right... now!

Miscellea então, ao ver que sua fanfiction inspirou uma fanart, coloca um link para a obra nas notas da sua fanfiction e adiciona o desenho ao primeiro capítulo. O uso de letras maiúsculas e repetição de palavras sugere que ela ficou muito entusiasmada com o gesto de The Lazy Took. O texto original conta com três links que levam à obra citada.

GALERA. GALERA GALERA GALERA GALERA!
The Lazy Took me desenhou uma FAN ART. (Aqui também)
Estou colocando ela dentro do Capítulo 1, mas está também no Tumblr. 8D
(WHALE, 2013, tradução nossa¹⁵²)

O usuário bshmatthews também publicou desenhos baseados na obra de The Feels Whale. Os seus, porém, foram publicados em forma de *Webcomic* para outro *fandom* com base no conceito criado por The Feels Whale.

Além de desenhos, outras *fanfictions* também podem ser criadas com inspiração em *fanfictions* já escritas. A obra *Gardening* também teve duas *fanfictions* feitas inspiradas nela: *The trouble with hobbits* (2014), por Twin_fics e *That we may meet and know* (2019), por ForTheLoveOfAll. Esta última ainda é marcada como não sendo inspirada somente por *Gardening*, mas também por outra obra chamada *Felek*, do usuário sunryder.

Outra obra que analisamos que conta com *fanfictions* inspiradas por ela é *Made and Remade the Necklace of Songs*, de pibroch (ou littleblackdog). Esta obra derivada é chamada *Sing Me a Lulaby*, escrita pelo usuário erebones (também conhecido como rachel4revenge). Pibroch, além de colocar um link nas notas da sua própria história para esta outra obra, também escreve um elogio a mesma:

[...] o maravilhoso rachel4revenge forneceu uma linda história acompanhante inspirada por Made & Remade. Ela é incrivelmente bem escrita, agridoce e bonita, e eu não posso recomendar o suficiente: Sing me a Lullaby. (PIBROCH, 2013, nossa tradução)¹⁵³

Uma outra forma de membros do mesmo *fandom* interagirem com uma obra que gostam de forma criativa é a transformação de *fanfictions* em *podfics*.

De acordo com o site Fanlore, “Podfic é uma gravação em áudio de uma fanfic, lida em voz alta por um fã (ou vários)(FANLORE, 2022, nossa tradução¹⁵⁴)”. O site

¹⁵² Do original: GUYS. GUYS GUYS GUYS! The Lazy Took drew me a FAN ART. (Also here) I'm clipping it into Chapter 1, but it's also on Tumblr. 8D

¹⁵³ Do original: [...] the wonderful rachel4revenge has provided a gorgeous companion story inspired by Made & Remade. It's incredibly well-written, bittersweet and beautiful, and I cannot recommend it enough: Sing Me a Lullaby.

¹⁵⁴ Do original: **Podfic** is an audio recording of fanfic, read aloud by a fan (or several).[...] Podfic is also known as *audiofic*.

também revela como, apesar de alguns criadores de *podfics* gravarem suas próprias histórias, a maioria grava histórias feitas por outros autores. O Fanlore explica como é costumeiro pedir permissão para o autor da *fanfiction* original antes de criar sua *podfic*.

O artigo “*Podfics: a expansão do universo de Good Omens*” (2020), de Lucas Vieira para o site *Observatório da Qualidade no Audiovisual*, relata um pouco sobre a origem das *podfics*.

Antes mesmo da popularização dos programas de áudio, dos formatos que hoje conhecemos como podcast e até mesmo das *podfics*, a gravação das narrativas já era recorrente nas experimentações dos fandonos através de fanzines em fita cassete, também conhecidas como audiozines ou audiofics. Tais como a fanzine Datazine de número 32 que disponibilizou fita cassete de uma audiofic de Star Trek em 1984, as audiofics de Xena em 1996 que foram distribuídas em fitas, depois em CDs, e então disponibilizadas em websites, entre outros. (VIEIRA, 2020)

Das obras que analisamos, três delas ganharam versões em *podfics*: *From One Age to Another*, com adaptação por *hobbitystmarymorstan* (*DraloreShimare*) e *the_dragongirl*, *The Naming of Hobbits*, com adaptação por *Liannabob* e *Gardening*, com adaptação por *fifteen*.

Além da adaptação para *podfic*, *From One Age to Another* também ganhou uma tradução para espanhol feita pelo usuário *KariDei Uchiha*. Novamente, o autor da obra original recebe essas adaptações de forma muito positiva. Podemos ver que é bem comum o sentimento de lisonja e felicidade pela sua obra ter inspirado novas obras ou versões de obras já existentes. “EDIÇÃO: o adorável *KariDei Uchiha* traduziu isso para espanhol! Aproveitem :D” (DETERMAMFIDD, 2013, tradução nossa¹⁵⁵)

Outras obras analisadas que foram traduzidas para outras línguas foram *Made and Remade the Necklace of Songs*, que foi traduzida para mandarim pelo usuário *psychomath* e *Para Bellum*, que foi traduzido para o russo por *Esthree*.

O último tipo de interação que analisaremos nesta parte do trabalho é o cumprimento de *prompts* e *kink memes*. *Prompts*, segundo o Fanlore é:

[...] o termo comumente usado para os pequenos pedaços de texto (de diferentes variedades de pequeno), ou em alguns casos o trabalho de arte que tem o propósito de inspirar a criação de outro trabalho de fã, com mais frequência *fanfiction*, mas às vezes uma obra de arte ou um vídeo. (FANLORE, 2022)¹⁵⁶

¹⁵⁵ Do original: EDIT: the lovely *KariDei Uchiha* has translated this into Spanish! Enjoy :D

¹⁵⁶ Do original: Prompt is the term commonly used for the short bits of text (for varying values of short), or in some cases the artwork that are intended to inspire the creation of another fanwork, most often *fanfiction*, but sometimes a piece of art or a vid.

Kink memes são semelhantes. Segundo o mesmo site,

Kink Memes são um tipo muito popular de desafio de comentário de fic onde leitores, frequentemente anônimos, deixam um prompt e escritores, também frequentemente anônimos, respondem com uma fic resposta, usualmente curta mas às vezes com dezenas de milhares de palavras.

Os memes variam em seus formatos e em quão “kinky” os prompts na verdade devem ser; alguns incluem vários prompts gen pedindo um kink narrativo ao invés de um “tradicionalmente sexual”. (FANLORE, 2022, nossa tradução)¹⁵⁷

O termo *kink*, em inglês, significa (segundo o Dicionário Collins) uma “qualidade particular ou característica da mente ou caráter de uma pessoa, especialmente uma que é vista como não-usual ou anormal.”¹⁵⁸ Em seu uso no dia a dia, a palavra *kink* recebe conotação sexual, sendo vista como formas não-usuais ou anormais de se ter relações sexuais, incluindo fetiches e práticas do tipo. O que o Fanlore quer descrever é que, no âmbito das *fanfictions*, *kinks* podem ser tão sexuais como narrativos. Um *kink* narrativo é, geralmente, um tropo que agrada o leitor, assim como um *kink* sexual é uma prática que agrada os envolvidos no ato em si. *Kink memes* são, então, um desafio onde o escritor escreve exatamente o que pede o leitor, do jeito que o agrada.

Temos, novamente, a temática do agrado em fandoms. Maffesoli comentou sobre a rejeição do superior para o agrado do semelhante:

Porque se o asselvajamento é válido no tribalismo contemporâneo, pode-se detectar aí, por um lado, uma inegável tendência à inspiração direta. Ou seja, com o auxílio da horizontalidade da Internet, há um curto-circuito das diversas “mediações”: poderes políticos, “sábios” intelectuais, intermediários midiáticos. Políticos, intelectuais, jornalistas não fazem mais sucesso. É o mínimo que se pode dizer! [...]

A saber, a recusa de engolir o que é despejado de cima, a lei do Pai, que se acompanha do desejo de aprender com os iguais: a lei dos irmãos. A iniciação que consiste em fazer sobressair o que está aí, em enfatizar esse “estar-aí” (Dasein) que permite gozar, bem ou mal, do que se dá a viver e a ver. (MAFFESOLI, 2003, p.12)

Nas relações sociais dos *fandoms*, o importante, como já comentamos, é a opinião do próximo, não a do autor da obra original em que eles se espelham, nem a opinião do que os jornalistas e apresentadores de televisão pensam a respeito das práticas realizadas por eles. A lei do pai (superior) é recusada em prol da lei do irmão

¹⁵⁷ Do original: Kink Memes are a very popular type of comment fic challenge where readers, often anonymous, leave a prompt and writers, also often anonymous, reply with a fic fill, usually short but sometimes tens of thousands of words long. The memes vary in their format and how “kinky” the prompts actually have to be; some include many gen prompts requesting a narrative kink rather than a “traditionally sexual” one.

¹⁵⁸ O dicionário Collins define Kink como “uma qualidade ou característica particular da mente ou caráter de uma pessoa, especialmente uma que é considerada incomum ou anormal.” Do original: “A **kink** is a particular quality or feature of a person’s mind or character, especially one which is thought to be unusual or abnormal.”

(igual).

Das dez obras analisadas, três delas foram feitas pelo preenchimento de *prompts* e *kink memes*: *Made and Remade the Necklace of Songs, From One Age to Another* e *The Dying Hobbit*. Para exemplificarmos como funcionam os *prompts* e *fanfictions* que são originadas deles, vamos mostrar como foi criada *From One Age to Another*.

Em uma página específica para a postagens de *kink memes* de *O Hobbit*, um usuário anônimo publicou o seguinte *prompt*, no dia 20 de fevereiro de 2013:

Thranduil de alguma forma vê Legolas sem camisa e nota que seu filho tem uma tatuagem em seu peito logo acima/perto do seu coração. É um símbolo anão com letras ao redor. Quando Thranduil pesquisa sobre ele, descobre que é o brasão da família de Gimli, cercado pelo nome do Gimli. Em Erebor, Gloin vê uma tatuagem acima/perto do coração de Gimli. (ANÔNIMO, 2013, nossa tradução¹⁵⁹)

No dia 4 de maio de 2013, uma resposta foi publicada pelo usuário *determamfidd*:

Oi! Eu fiz isso, e eu realmente espero que você goste, OP!
Está aqui: *From One Age to Another* no AO3 ou aqui: *From One Age to Another* no FFN
12 mil palavras, mais ou menos, classificada como K+. Muito obrigada pelo *prompt*! :D (DETERMAMFIDD, 2013, nossa tradução¹⁶⁰)

A resposta conta com *links* para a *fanfiction* que foi postada tanto no site AO3 (*Archive of Our Own*) quanto no FFN (*fanfiction.net*). Podemos notar, pelas palavras de *determamfidd* 1. a vontade de agradar a pessoa que postou o *prompt* original, mesmo sem saber quem essa pessoa é, por ser anônima, e 2. a gratidão pela inspiração para escrever sua *fanfiction*. O *prompt* de pouco mais de 50 palavras rendeu uma história com mais de 12 mil palavras.

Com todos estes exemplos de como os *fandoms* interagem, sabendo que nenhuma dessas atividades recebe remuneração monetária, é possível concluir que o que rege a necessidade dessas pessoas de continuar a fazer o que fazem é o prazer que tem em interagir e agradar uns aos outros. Isso é emocional. Maffesoli fala sobre como o racional não é mais a base da nossa sociedade:

Vitalidade, vitalismo que se exprimem, às vezes, de uma

¹⁵⁹ Do original: Thranduil somehow sees Legolas with his shirt off and notices that his son has a tattoo on his chest, right over/near his heart. It's a dwarven symbol with letters around it. When Thranduil looks it up, it turns out that it's Gimli's family crest, encircled by Gimli's name. In Erebor, Gloin sees a similar tattoo over/near Gimli's heart.

¹⁶⁰ Do original: Hi! I did this, and I really hope you like it, OP! It is here: *From One Age to Another* on AO3 or here: *From One Age to Another* on FFN. 12K words-ish, rated K+. Thank you so much for the *prompt*! :D

maneira histérica, as multidões fascinadas e sideradas pelos diversos acontecimentos esportivos testemunham isso, os agrupamentos musicais são suas expressões acabadas, a revivescência dos múltiplos fenômenos religiosos mostra, incessantemente, que a razão raciocinante não é mais o elemento essencial do elo social. (MAFFESOLI, 2003, p. 19)

A paixão leva as pessoas a se conectarem umas com as outras. Essa paixão é o combustível para que essas interações continuem a existir.

5 CONCLUSÃO

A obra *O Hobbit*, de J.R.R. Tolkien é uma das mais importantes obras de fantasia existentes. Tanto *O Hobbit* quanto várias das outras obras de Tolkien inspiraram grandes *fandoms*, que estão presentes até hoje, reunidos pela internet.

Fandoms são grupos de fãs de determinada mídia. Ao estudarmos as obras de Maffesoli, nos deparamos com a ideia de tribos. Não é preciso observar muito para entendermos que *fandoms* agem exatamente como isso: tribos.

Um dos comportamentos mais característicos destas tribos é a necessidade de aprovação e agrado entre seus membros. E o agrado é, justamente, a moeda de troca mais valiosa que se pode encontrar nestes espaços. Autores de *fanfictions* investem horas de suas vidas escrevendo obras muitas vezes maiores que as obras em que elas foram inspiradas para que seu único pagamento seja a satisfação pessoal causada pela paixão pelo que foi escrito e os comentários e interações de seus parceiros de *fandom*.

Durante as nossas análises das obras selecionadas, pudemos notar várias características interessantes desses grupos sociais. Uma delas é a preferência por material M/M. As hipóteses que conseguimos levantar para este fenômeno são: 1. porque a seção dos *fandoms* envolvidas em escritas de *fanfictions* é dominada por mulheres héteros, elas preferem escrever sobre as personagens pelas quais elas são atraídas, ou seja, pelos homens; 2. há a falta de personagens femininas, portanto há menos chances de elas entrarem no gosto dos *fandoms*; e 3. as personagens femininas são menos apreciadas ou complexas do que as personagens masculinas, no geral, portanto ganham menos atenção. A resposta mais provável parece ser uma mistura de todas as hipóteses levantadas, pois nenhuma delas dá uma resposta satisfatória por si só.

Podemos também observar o modo como os fãs vêem as relações de amizade, família, romance, entre outros tópicos, dentro das obras estudadas.

Vários dados interessantes puderam ser coletados, e, dentre os mais interessantes, estava o quanto de comunicação entre membros estava envolvida na criação destas obras. Várias delas foram inspiradas ou inspiraram obras novas. A máquina do feitio de novas *fanfictions* opera em grupo.

Este é um dos pontos que queremos destacar: apesar de que obras inspiradas em obras já existentes possam ser feitas individualmente, o fazer das *fanfictions* é, na

verdade, coletivo.

Durante nossas pesquisas, um dos maiores desafios encontrados foi a busca pelo material de fonte científica. Poucos livros foram publicados sobre o assunto ainda, e muitos deles não estão disponíveis para o Brasil ou o preço em dólar os torna impossíveis de adquirir. Trabalhos científicos, apesar do número estar em constante crescimento, ainda são difíceis de encontrar. Alguns tópicos necessários para a nossa pesquisa ainda não haviam sido abordados.

Por causa da natureza da nossa pesquisa, muito do que foi usado como material veio de redes sociais e dos membros dos fandoms em si. Várias postagens que víamos um dia poderiam não estar lá no próximo, por isso era necessário fazermos a datação de todo o material que conseguíssemos reunir. Para superarmos estas dificuldades, mergulhamos fundo a nos materiais disponíveis na internet e na maior fonte disponível para o estudo de fãs: os próprios fãs.

Acreditamos que seja necessário a expansão dessa obra. O assunto abordado ainda abre espaço para muita pesquisa, que poderá trazer mais material para auxiliar na compreensão desses grupos sociais. Desejamos poder ter a chance de expandi-lo no futuro.

Pretendemos que este trabalho possa inspirar e se juntar a vários outros no futuro, e que ele auxilie no aprofundamento das pesquisas sobre os grupos sociais que atuam como tribos pós-modernas.

REFERÊNCIAS

15BEATS. **However, once the trilogy actually found its way...** 2015. Disponível em: <https://screenrant.com/hilarious-hobbit-logic-memes/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

AGUIAR, Flávia Ferreira de Paula. **JASMINE: A REPRESENTAÇÃO DO ORIENTE E DA MULHER SOB A ÓTICA DA DISNEY**. 2014. 89 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4531/1/FAguiar.pdf>. Acesso em: 07 set. 2022.

ANDERSON, Douglas A. (ed.). **The Annotated Hobbit**. Boston: Houghton Mifflin Harcourt Company, 2002.

ARCHIVE of Our Own. 2021. Disponível em: <https://archiveofourown.org/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

ARCHIVE OF OUR OWN. Disponível em: [https://archiveofourown.org/tags/Tauriel%20\(Hobbit%20Movies\)/works](https://archiveofourown.org/tags/Tauriel%20(Hobbit%20Movies)/works). Acesso em 6 abr. 2021

ASH. **“The Hobbit” (2012): The Problem With Tauriel**. 2020. Disponível em: <https://reelrundown.com/movies/The-Hobbit-2017-The-Problem-with-Tauriel>. Acesso em: 20 abr. 2021.

AZEVEDO, Guilherme Magnoler Guedes de; NEME, Carmen Maria Bueno. **Simbiose e psoríase: um estudo psicanalítico**. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2009000200008. Acesso em: 14 fev. 2023.

B, Mahima. **Most Hated Female Anime Characters: List Of All The Most Hated Female Anime Characters**. 2021. Disponível em: <https://latestnews.fresherslive.com/articles/most-hated-female-anime-characters-list-of-all-the-most-hated-female-anime-characters-295498>. Acesso em: 07 set. 2022.

BARROS, Marcelo Vinicius Miranda. **Pastiche versus plágio na literatura**. 2015. Disponível em: <http://www.revistasiffo.com/2015/05/pastiche-versus-plagio-na-literatura.html>. Acesso em: 14 fev. 2023.

BASSANEZI, Carla. MULHERES DOS ANOS DOURADOS. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 1-678

BETTS, Jennifer. **Examples of Tropes and Their Meaning**. [S.l.]. Disponível em: <https://examples.yourdictionary.com/examples-of-trope.html>. Acesso em: 12 set. 2022.

BLOOM, Harold. **J. R. R. Tolkien's The Hobbit**. New York: Infobase Learning, 2011. 107 p. (Bloom's Guides).

BRAMLETT, Perry C.. **I Am in Fact a Hobbit: an introduction to the life and work of j.r.r. tolkien.** Estados Unidos: Mercer University Press, 2003. 254 p.

BRAND, Katherine. **Why The Love Triangle Trope Is The Worst And How To Make It Better.** 2020. Disponível em: <https://studybreaks.com/thoughts/love-triangle-trope-2/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BULTEN, Izak. **10 Hilarious The Hobbit Logic Memes That Prove The Movies Make No Sense.** 2020. Disponível em: <https://screenrant.com/hilarious-hobbit-logic-memes/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. Tradução de: Renato Aguiar.

CARMELO, Bruno. **O que significa um filme ter 100% de aprovação no Rotten Tomatoes?** 2017. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-136020/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

CENTREOFTHESLIGHTS. **AO3 Ship Stats 2021.** 2021. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/32940190/chapters/81752386>. Acesso em: 12 set. 2022.

CENTRUMLUMINA. **Categories.** 2013. Disponível em: <https://centrumlumina.tumblr.com/post/62996687070/categories>. Acesso em: 12 set. 2021.

CENTRUMLUMINA. **Gender.** 2013. Disponível em: <https://centrumlumina.tumblr.com/post/62816996032/gender>. Acesso em: 07 set. 2022.

CENTRUMLUMINA. **M/M Fans: Sexuality and Gender.** 2013. Disponível em: <https://centrumlumina.tumblr.com/post/63373124511/mm-fans-sexuality-and-gender>. Acesso em: 12 set. 2022.

CHILD, Ben. **Cutting The Hobbit down to size: no dwarf-elf flirting, no albino orcs.** 2015. Disponível em: https://www.theguardian.com/film/filmblog/2015/jan/21/week-in-geek-tolkieneditor-the-hobbit-edited-version-peter-jackson?CMP=fb_gu. Acesso em: 20 abr. 2021.

CONDE, Alessandra. **PARÓDIA E PASTICHE.** 2010. Disponível em: https://www.aedi.ufpa.br/parfor/letras/images/pdf/at_distancia/braganca_1.2013/capacema_2010/. Acesso em: 14 fev. 2023.

COPPA, Francesca. A Brief History of Media Fandom. In: BUSSE, Kristina. Fan Fiction and Fan Communities in the Age of Internet: New Essays. Jefferson: Mcfarland, 2014. p. 37-55.

CROSSOVER. In: SENSAGENT. 2022. Disponível em:

[http://dicionario.sensagent.com/Crossover%20\(fic%C3%A7%C3%A3o\)/pt-pt/](http://dicionario.sensagent.com/Crossover%20(fic%C3%A7%C3%A3o)/pt-pt/). Acesso em: 12 set. 2022.

CRUZ, Natália. **Identidade, Alteridade e Diversidade**. 2022. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/enem/sociologia/identidade-alteridade-e-diversidade>. Acesso em: 15 jan. 2023.

DA REDAÇÃO. **Veja 12 fatos importantes sobre a saga O Senhor dos Anéis**. 2012. Disponível em: <https://super.abril.com.br/galeria/veja-12-fatos-importantes-sobre-a-saga-o-senhor-do-s-aneis/>. Acesso em: 12 jun. 2021.

DETERMAMFIDD. **From One Age to Another**. 2013. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/784235>. Acesso em: 03 set. 2022.

DRUNKONWRITING. **You Got Me**. 2015. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/3439895>. Acesso em: 03 set. 2022.

DUARTE, João Ferreira. **CÂNONE**. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcs.unl.pt/encyclopedia/canone>. Acesso em: 15 jan. 2023.

FAN Service. 2021. Disponível em: https://slangit.com/meaning/fan_service. Acesso em: 21 jun. 2021.

FANFICTION.NET. 2021. Disponível em: <https://www.fanfiction.net/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

FANLORE. **Canon**. 2022. Disponível em: <https://fanlore.org/wiki/Canon>. Acesso em: 12 set. 2022.

FANLORE. **Kink Meme**. 2022. Disponível em: https://fanlore.org/wiki/Kink_Meme. Acesso em: 12 set. 2022.

FANLORE. **Podfic**. 2022. Disponível em: <https://fanlore.org/wiki/Podfic>. Acesso em: 12 set. 2022.

FANLORE. **Slash**. 2022. Disponível em: <https://fanlore.org/wiki/Slash>. Acesso em: 12 set. 2022.

FANON. In: YOURDICTIONARY. 2022. Disponível em: <https://www.yourdictionary.com/fanon>. Acesso em: 12 set. 2022.

FANPAGE, The Middle-Earth. **DISCUSSION: Tauriel**. Disponível em: <https://m.facebook.com/themiddleearthfanpage/photos/a.169945896432953/1182670061827193/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

FATENIGHTS. **It is so funny when people say...** 2022. Disponível em: <https://fatenights.tumblr.com/post/682740651174068224/it-is-so-funny-when-people-s-ay-oh-i-hate-canon>. Acesso em: 10 maio 2022.

FERREIRA, Andréa Francos; VASCONCELOS, Ana Karoliny da Cruz;

VASCONCELOS, Ana Karoliny da Cruz; GOMES, Cynthia Valéria Barbosa; GOMES, Cynthia Valéria Barbosa; ROCHA, Marcilma Galvão da; ROCHA, Marcilma Galvão da. O LÚDICO NOS ADULTOS: um estudo exploratório nos frequentadores do cepe - natal/rn. **Holos**, [S.L.], v. 2, p. [S.I.], 26 dez. 2007. Instituto Federal de Educacao, Ciencia e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

<http://dx.doi.org/10.15628/holos.2004.29>. Disponível em:

<https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/29/29>. Acesso em: 03 set. 2022.

FODEN, Giles. **100 books that made a century**. 1997. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/books/1997/jan/20/classics.gilesfoden>. Acesso em: 12 jun. 2021.

FRAADE-BLANAR, Zoe; GLAZER, Aaron M.. **Superfandom**: como nossas obsessões estão mudando o que compramos e quem somos. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017. 334 p. Tradução de: Guilherme Kroll.

GENDER Bias Without Borders. 2015. Disponível em:

<https://seejane.org/symposiums-on-gender-in-media/gender-bias-without-borders/>. Acesso em: 07 set. 2022.

GIMENO, Carolina. **PERFORMING JEWELLERY**: jewellery, decoration, gender and performance. jewellery, decoration, gender and performance. 2014. Disponível em: <https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:720367/FULLTEXT01.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

GIRARDI, Thalia Ester de Candido. **FANDOM TRIBE**: the depiction of gender inside good omens fanfiction. 2019. 44 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras - Inglês, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/6206/TCC%20Thalia%20Ester%20de%20Candido%20Girardi.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 fev. 2022.

GLEE. 2022. Disponível em: <https://archiveofourown.org/tags/Glee/works>. Acesso em: 12 jul. 2022.

GNIPPER, Patrícia. **Star Trek: há mais de 50 anos audaciosamente indo aonde ninguém jamais esteve**. 2020. Disponível em:

<https://canaltech.com.br/entretenimento/star-trek-ha-mais-de-50-anos-audaciosamente-indo-aonde-ninguem-jamais-esteve-79339/#:~:text=Uma%20marca%20e%20um%20estilo%20de%20vida,-O%20grandioso%20sucesso&text=O%20impacto%20cultural%20de%20Star,realizadas%20ao%20redor%20do%20mundo..> Acesso em: 03 set. 2022.

GORBERG, Marissa. A mulher e o cigarro: representações de feminilidade nos anos 1920. **Dobras**, S.I., v. 29, n. 14, p. 222-248, 14 fev. 2023.

GROSSMAN, Lev. Apresentação. In: JAMISON, Anne. **Fic**: por que a fanfiction está dominando o mundo. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017. p. 11-14. Tradução de: Marcelo Barbão.

HARDY, Ann L.; MICHELLE, Carolyn; DAVIS, Charles H.; HIGHT, Craig. **Fans, Blockbusterisation, and the Transformation of Cinematic Desire: global receptions of the hobbit film trilogy.** London: Palgrave Macmillan, 2017. 344 p.

HATCHER234. **Best Glee Characters.** Disponível em: <https://www.thetoptens.com/television/best-glee-characters/>. Acesso em: 07 set. 2022.

HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina (Ed.). **Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet: New Essays.** Jefferson: Mcfarland & Company, 2014. 296 p

INGOKNOX. **Top 10 Most Hated Girls in Anime.** 2016. Disponível em: <https://honeysanime.com/top-10-most-hated-girls-in-anime/#comments>. Acesso em: 07 set. 2022.

IOVENE, Franck. **Sociologist: Descartes Created The Crisis Of Modernity, And 'Urban Tribes' Will Fix It.** 2014. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/afp-urban-tribes-thriving-in-modern-society-2014-10>. Acesso em: 03 set. 2022.

JAMISON, Anne. **Fic: por que a fanfiction está dominando o mundo.** Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017. 397 p. Tradução de: Marcelo Barbão.

JURISZY. **All that screentime could have gone into....** 2014. Disponível em: https://www.reddit.com/r/TheHobbit/comments/1szz6/taurieloh_god_why/. Acesso em: 20 abr. 2021.

KNIGHT, Matt. **Parody, Satire, and Fan Fiction: What's the difference?** 2020. Disponível em: <https://www.sidebarsaturdays.com/2020/06/13/https-wp-me-p7vddb-lb/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

KRABBE, Erik C.W.; WALTON, Douglas. **It's All Very Well for You to Talk! Situationally Disqualifying Ad Hominem Attacks.** 1993. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Douglas-Walton/publication/315869901_It%27s_All_Very_Well_for_You_to_Talk_Situationally_Disqualifying_Ad_Hominem_Attacks/links/5fc7a06245851568d1325e6e/Its-All-Very-Well-for-You-to-Talk-Situationally-Disqualifying-Ad-Hominem-Attacks.pdf. Acesso em: 03 set. 2022.

LINDOREDA. **The Color of Possibility.** 2014. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/3065291/chapters/6651707>. Acesso em: 03 set. 2022.

MADOHARA. **He's your straight-out-of-the-textbook villain, and he's also hot...** 2019. Disponível em: https://www.reddit.com/r/DetroitBecomeHuman/comments/bdg01p/could_somebody_explain_me_the_popularity_of_gavin/. Acesso em: 07 set. 2022.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas**

sociedades de massa. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988. 300 p.

MARGO_KIM. **The Naming of Hobbits**. 2015. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/3507428>. Acesso em: 03 set. 2022.

MOREIRA, Matheus. **Pesquisa do IBGE sobre sexualidade é frágil e ignora trans, dizem especialistas**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/05/pesquisa-do-ibge-sobre-sexualidade-e-fragil-e-ignora-trans-dizem-especialistas.shtml>. Acesso em: 05 jul. 2022.

MULLER, Janaina Wazlawick; SCHMIDT, Saraí Patricia. **O Manual da Boa Moça: reflexões sobre o comportamento feminino nos Anos Dourados e no Contemporâneo**. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0406-1.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

MULLER, Nicolas. **O começo da internet no Brasil**. 2022. Disponível em: https://www.oficinadanet.com.br/artigo/904/o_comeco_da_internet_no_brasil. Acesso em: 03 set. 2022.

NOGUEIRA, Conceição. **Feminismo e discurso do gênero na psicologia social**. 2001. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4117>. Acesso em: 15 jan. 2023.

NORTHERNTRASH. **Call You Home**. 2014. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/1741619>. Acesso em: 03 set. 2022.

NORTHERNTRASH. **Planting a Hobbit**. 2014. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/1938483>. Acesso em: 03 set. 2022.

NYSETVOLD, Elissa. **The Hobbit: Why Tauriel Doesn't Belong in Middle-earth**. 2014. Disponível em: <https://elissacnysetvold.com/2014/07/15/the-hobbit-why-auriel-doesnt-belong-in-middle-earth-part-2-of-3/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

O HOBBIT: A Batalha dos Cinco Exércitos. Direção de Peter Jackson. Música: Howard Shore. 2014. (144 min.), son., color. Legendado.

O HOBBIT: A Desolação de Smaug. Direção de Peter Jackson. Música: Howard Shore. 2013. (161 min.), son., color. Legendado.

O HOBBIT: Uma Jornada Inesperada. Direção de Peter Jackson. Música: Howard Shore. 2012. (169 min.), son., color. Legendado.

OCTOPUNK MEDIA. **DETROIT EVOLUTION - Detroit Become Human Fan Film / Reed900 Film**. Youtube, 26 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=apUn-YMMdZ8&t=1s>. Acesso em: 26 jul 2022.

OCTOPUNK MEDIA. **DETROIT REAWAKENING - Detroit Become Human Fan Film / Reed900 Film**. Youtube, 26 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sdW4pQ4TV-8>. Acesso em: 26 jul 2022.

O'DONNELL, Jayne. **Teens aren't socializing in the real world. And that's making them super lonely.** 2019. Disponível em:

<https://www.usatoday.com/story/news/health/2019/03/20/teen-loneliness-social-media-cell-phones-suicide-isolation-gaming-cigna/3208845002/>. Acesso em: 04 maio 2021.

OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de; CAMILO, Adriana Almeida; ASSUNÇÃO, Cristina Valadares. **Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças.** 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2003000100007. Acesso em: 14 fev. 2023.

PIBROCH. **Made and Remade the Necklace of Songs.** 2013. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/631131/chapters/1141428>. Acesso em: 03 set. 2022.

PICKHARDT, Kat. **People Are Sharing Hated Female Characters Who Would Be Loved If They Were Male, And It's Eye-Opening.** 2021. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/katherinepickhardt/people-are-sharing-hated-female-characters>. Acesso em: 07 set. 2022.

POLLITT, Katha. Hers; **The Smurfette Principle.** 1991. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1991/04/07/magazine/hers-the-smurfette-principle.html>. Acesso em: 12 set. 2022.

PRESSE, France. **Novo 'Hobbit' tem elfa criada para representar mulheres na trilogia.** 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2013/12/novo-hobbit-tem-elfa-criada-par-a-representar-mulheres-na-trilogia.html>. Acesso em: 23 jun. 2021.

RESACON1990. **The "Dying" Hobbit.** 2014. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/1764281>. Acesso em: 03 set. 2022.

ROBB, Brian J.; SIMPSON, Paul. **Middle-earth Envisioned: the hobbit and the lord of the rings: on screen, on stage, and beyond.** New York: Race Point Publishing, 2013. 216 p.

ROMANO, Aja. **'Steven Universe' fandom is melting down after bullied fanartist attempts suicide.** 2015. Disponível em: <https://www.dailydot.com/parsec/steven-universe-fanartist-bullied-controversy/>. Acesso em: 07 set. 2022.

ROOEN. **Tauriel...oh god why?!** 2013. Disponível em: https://www.reddit.com/r/TheHobbit/comments/1sizr6/taurieloh_god_why/. Acesso em: 20 abr. 2021.

ROSEBURY, Brian. **Tolkien: a cultural phenomenon.** 2. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2003. 246 p.

RYUUZAKOCHOU. **Para Bellum.** 2013. Disponível em:

<https://archiveofourown.org/works/660842>. Acesso em: 03 set. 2022.

SCHEAR, Geri. **Pastiche: Fan Fiction or Literature?** 2014. Disponível em: <https://rycardus.wordpress.com/2014/07/30/pastiche-fan-fiction-or-literature/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamentos feministas: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. posições 1-8766. Versão em Kindle.

SENDLOR, Charles. **Fan Fiction Demographics in 2010: Age, Sex, Country**. 2011. Disponível em: <http://ffnresearch.blogspot.com/2011/03/fan-fiction-demographics-in-2010-age.html>. Acesso em: 12 jun. 2021.

SHAMINGCOWS. **Famous last words, Char. Now write for me...** 2014. Disponível em: <https://shamingcows.tumblr.com/post/90858765368/northerntrash-you-should-feed-me-ficlet-ideas>. Acesso em: 07 set. 2022.

SHERLOCK (TV). 2022. Disponível em: [https://archiveofourown.org/tags/Sherlock%20\(TV\)/works](https://archiveofourown.org/tags/Sherlock%20(TV)/works). Acesso em: 12 set. 2022.

SOULMATES. 2022. Disponível em: <https://archiveofourown.org/tags/Soulmates/works>. Acesso em: 08 set. 2022.

SOVERNIGO, Ana Claudia Gauto de Sousa; KANASHIRO, Daniela. **INTERAÇÃO E CONSTRUÇÃO COLABORATIVA NAS FANFICTIONS: possibilidades de aprendizagens nas aulas de línguas. POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGENS NAS AULAS DE LÍNGUAS**. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/IntegraEaD/article/view/11900>. Acesso em: 03 set. 2022.

SUSKIND, Alex. **'No Regrets': Peter Jackson Says Goodbye to Middle-Earth**. 2014. Disponível em: <https://www.thedailybeast.com/no-regrets-peter-jackson-says-goodbye-to-middle-earth?ref=scroll>. Acesso em: 20 abr. 2021.

TAURIEL (Hobbit Movies). 2021. Disponível em: [https://archiveofourown.org/tags/Tauriel%20\(Hobbit%20Movies\)/works](https://archiveofourown.org/tags/Tauriel%20(Hobbit%20Movies)/works). Acesso em: 06 abr. 2021.

TELLES, Lygia Fagundes. MULHER, MULHERES. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 1-678.

THE Best Glee Characters of All Time. 2019. Disponível em: <https://www.ranker.com/list/all-glee-characters/ranker-tv>. Acesso em: 07 set. 2022.

THE Hobbit - All Media Types. 2021. Disponível em: <https://archiveofourown.org/tags/The%20Hobbit%20-%20All%20Media%20Types/works>. Acesso em: 06 abr. 2021.

THE Hobbit - All Media Types. 2021. Disponível em:
https://archiveofourown.org/works?utf8=%E2%9C%93&work_search%5Bsort_column%5D=revised_at&work_search%5Bother_tag_names%5D=&work_search%5Bexcluded_tag_names%5D=&work_search%5Bcrossover%5D=&work_search%5Bcomplete%5D=&work_search%5Bwords_from%5D=&work_search%5Bwords_to%5D=&work_search%5Bdate_from%5D=2021-06-15&work_search%5Bdate_to%5D=2021-06-22&work_search%5Bquery%5D=&work_search%5Blanguage_id%5D=&commit=Sort+and+Filter&tag_id=The+Hobbit+-+All+Media+Types. Acesso em: 23 jun. 2021.

THE Hobbit (1977 film). 2021. Disponível em:
[http://tolkiengateway.net/wiki/The_Hobbit_\(1977_film\)](http://tolkiengateway.net/wiki/The_Hobbit_(1977_film)). Acesso em: 23 jun. 2021.

THE TOLKIEN SOCIETY. **Frequently Asked Questions:** why is j.r.r. tolkien so popular?. 2021. Disponível em: <https://www.tolkienociety.org/author/faq/#popular>. Acesso em: 12 jun. 2021.

TOLKIEN, J. R. R.. **O Hobbit**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1937. 296 p.
Tradução de: Lenita Maria Rímoli Esteves.

TOLKIEN, J. R. R.. **O Silmarillion**. 5. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 1977. 460 p.

TROPES, Tv. **The Smurfette Principle**. 2022. Disponível em:
<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TheSmurfettePrinciple>. Acesso em: 12 set. 2022.

VIEIRA, Lucas. **Podfics: a expansão do universo de Good Omens**. 2020.
Disponível em: <https://observatoriodoaudiovisual.com.br/blog/podfics-a-expansao-do-universo-de-god-omens/>. Acesso em: 12 set. 2022.

WHALE, The Feels. **Gardening**. 2013. Disponível em:
<https://archiveofourown.org/works/682108/chapters/1251387>. Acesso em: 03 set. 2022.

WIKIMB. **Could somebody explain me the popularity of Gavin?** 2019. Disponível em:
https://www.reddit.com/r/DetroitBecomeHuman/comments/bdg01p/could_somebody_explain_me_the_popularity_of_gavin/. Acesso em: 07 set. 2022.

ANEXOS

ANEXO A



kai | OWEN WILSON ON SNL
@dykemobius



the colors are done kinda poorly for what you were going for, i won't lie. it kind of stings your eyes to look at and the facial features aren't very clear, which is a line and a shading issue. the fact that your ship is transphobic is just the icing on the cake, really



yue @kytsos · Sep 22

what if he did have the time to say what he wanted to say?

#loki #sylvie #sylki

[Show this thread](#)



2:10 AM · Sep 25, 2021 · Twitter for iPhone

ANEXO B



Mar X | Sylki anti!!! @kneel4lokii · 22h



if yall don't unf I'll block you
(they are a sylki stan)

@billieuwuz @marveleo @Vismaximoff
@DailyDoseofLoki @MCUMarvels
@TeresaFortesLuz

1,698 Following 722 Followers



Followed by nat! loki era, LEO_O ♡s keyra, Raf ♡
| 25 Days, and 3 others

Tweets

Tweets & replies

Media

Likes

📌 Pinned Tweet



Katie / loki @katieskrsgard · 2d
it's official. i made the sylki playlist on



2



Mar X | Sylki anti!!! @kneel4lokii · 22h



if yall don't unf I'll block you, I'm sorry

@hourlytom @616sLOKI @ThyGodLoki
@buckybarnxss @antmanstacos @80sMAXIMOFFS
@natashasmavel @WAND4VISION
@valesromanova @captainswidow @LOK
@MyKingsLoki @tonkinsmaximoff
@FROZENSTUCKY



ANEXO C



♡ Sofia♡/☆Sofus ☆ Sylki's DNI

@SofiaMLecter



Sylki shippers I want to make one thing fucking clear, If I see you in public I will defend myself physically (with a weapon) and keep you the fuck away from kids or other things you would creep on. You are sick disgusting creatures and I hope you rot in hell.

12:10 AM · 2021-07-24 · [Twitter for iPhone](#)

8 Retweets **490** Quote Tweets **13** Likes